

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré-Escolar
Estágio Profissional I e II

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Inês Afonso Pereira

Lisboa, agosto de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar,
sob a orientação da Professora Doutora Diana Boaventura

Inês Afonso Pereira

Lisboa, agosto de 2012

Agradecimentos

O presente trabalho é o resultado de um estágio, acompanhado de observações e recolha de dados que exigiram muito empenho e dedicação.

Começo por agradecer ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, pela oportunidade que me deu, tanto na Licenciatura em Educação Básica, como no Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Agradeço à minha orientadora, por toda a ajuda na concretização deste relatório profissional.

A todos os docentes da Escola Superior de Educação João de Deus, que direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração do mesmo.

Aos docentes do Jardim-Escola João de Deus de Alvalade onde realizei o estágio profissional, que ajudaram a esclarecer dúvidas, a superar dificuldades e apoiaram sempre que possível.

Agradeço também a algumas colegas por me terem apoiado e terem estado sempre presentes nos bons e maus momentos,

Por último, e não menos importante, agradeço aos meus pais, à minha família e também ao meu namorado, pela compreensão, ajuda, alegria, carinho e apoio que me deram ao longo deste tempo.

Muito obrigada a todos!

Índice Geral

Índice de figuras	XI
Índice de quadros	XII
Introdução.....	1
1. Identificação do local de estágio	1
2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional	1
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional	2
4. Identificação do grupo de estágio.....	2
5. Metodologia utilizada	2
6. Pertinência do estágio.....	3
7. Cronograma.....	4
CAPÍTULO 1 – Relatos diários	5
1.1. Secção 1 – Bibe Amarelo (3 anos).....	7
1.1.1. Caracterização da turma	7
1.1.2. Caracterização da sala.....	7
1.1.3. Horário da turma	8
1.1.4. Rotinas.....	9
Acolhimento.....	9
Higiene	9
Recreio	10
Refeições	10
Sesta	10
1.1.5. Relatos diários, inferências e fundamentação teórica.....	11
1.2. Secção 2 – Bibe Encarnado (4 anos).....	40
1.2.1. Caracterização da turma	40
1.2.2. Caracterização da sala.....	40
1.2.3. Horário da turma	41
1.2.4. Rotinas.....	41
1.2.5. Relatos diários, inferências e fundamentação teórica.....	41
1.3. Secção 3 – Estágio intensivo	65
1.3.1. Contexto educativo.....	65
1.3.2. Relato, inferências e fundamentação teórica.....	65
1.4. Secção 4 – Bibe Azul (5 anos)	66
1.4.1. Caracterização da turma	66
1.4.2. Caracterização da sala.....	67
1.4.3. Horário da turma	67
1.4.4. Rotinas.....	68
1.4.5. Relatos diários, inferências e fundamentação teórica.....	68

CAPÍTULO 2 – Planificação.....	93
2.1. Fundamentação teórica	95
2.2. Planificação em quadro.....	99
2.2.1. Planificação da aula da Área do Conhecimento do Mundo.....	99
2.2.2. Planificação da aula do domínio da Matemática.....	101
2.2.3. Planificação da aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	103
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação	105
3.1. Fundamentação teórica	107
3.2. Avaliação da atividade do domínio da Matemática.....	109
3.2.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	110
3.2.2. Apresentação e descrição da grelha de avaliação de atividade/quadro....	110
3.2.3. Apresentação e análise dos resultados	112
3.3. Avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .	112
3.3.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	113
3.3.2. Apresentação e descrição da grelha de avaliação de atividade/quadro....	113
3.3.3. Apresentação e análise dos resultados	116
3.4. Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo.....	116
3.4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações	117
3.4.2. Apresentação e descrição da grelha de avaliação de atividade/quadro....	117
3.4.3. Apresentação e análise dos resultados	118
Reflexão final.....	121
Considerações finais.....	123
Limitações.....	124
Novas pesquisas.....	114
Referências bibliográficas	125
Anexos	130

Índice de figuras

Figura 1 – 1.º Dom de Fröbel.....	12
Figura 2 – Expressão Plástica – Figura Humana	15
Figura3 – Painel dos Blocos lógicos	16
Figura 4 – Nabo e livro utilizados na aula	28
Figura 5 – Material não material estruturado (escovas de dentes)	31
Figura 6 – 4.º Dom de Fröbel.....	42
Figura 7 – Cuisenaire.....	44
Figura 8 – Tangram	48
Figura 9 – Calculadores Multibásicos	49
Figura 10 – Caixa das fases da lua.....	55
Figura 11 – Calculadora.....	71
Figura 12 – Geoplano	73
Figura 13 – Gráfico com resultados da avaliação da atividade de Matemática	112
Figura 14 - Gráfico com resultados da avaliação da atividade de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	116
Figura 15 - Gráfico com resultados da avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo	119

Índice de quadros

Quadro 1 – Calendarização do estágio	4
Quadro 2 – Horário da faixa etária dos 3 anos (bibe amarelo)	8
Quadro 3 – Horário da faixa etária dos 4 anos (bibe encarnado)	41
Quadro 4 – Horário da faixa etária dos 5 anos (bibe azul)	68
Quadro 5 – Modelo do plano T de aprendizagem	97
Quadro 6 – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo	100
Quadro 7 – Planificação do domínio da Matemática	102
Quadro 8 – Planificação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	104
Quadro 9 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do domínio da Matemática	110
Quadro 10 – Grelha de avaliação da proposta de atividade do domínio da Matemática ..	111
Quadro 11 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	113
Quadro 12 – Grelha de avaliação da proposta de atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	115
Quadro 13 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo.....	117
Quadro 14 – Grelha de avaliação da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo.....	118

Introdução

A realização deste relatório de estágio profissional é um pré-requisito exigido na unidade curricular de Estágio Profissional I e II, imprescindível à conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar. Todo o meu estágio, ao longo destes meses foi realizado num Jardim-Escola, começando na faixa etária dos 3 anos (bibe amarelo), passando depois para a faixa etária dos 4 anos (bibe encarnado) e, finalmente, para a dos 5 anos (bibe azul). Apresento aqui o resultado das observações efetuadas entre o dia 26 de setembro de 2011 e o dia 22 de junho de 2012.

1. Identificação do local de estágio

O Jardim-Escola onde realizei o meu estágio profissional, ao longo deste ano, foi o pertence a uma rede de associações (quarenta escolas existentes em todo o território nacional e ilhas).

Numa descrição geral da constituição do Jardim-Escola pode dizer-se que é constituído por quinze salas de aula, um salão, uma biblioteca, um ginásio, uma sala de informática, um refeitório, uma cozinha, uma sala de professores, um gabinete da direção, casas de banho tanto para crianças como para adultos e dois recreios.

Encontra-se bem equipado com material adequado e em quantidade notável.

Este Jardim-Escola recebe crianças dos três meses até aos dez anos de idade; tendo as três valências: Creche, Educação Pré-Escolar e o Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. As crianças são distribuídas em salas, mediante as faixas etárias. Na educação pré-escolar e no ensino do 1.º ciclo do ensino básico existem duas salas por cada idade e na creche existe somente uma sala por cada idade.

2. Descrição da estrutura do relatório de estágio profissional

Este relatório está organizado da seguinte forma: Introdução, Capítulo 1 – Relatos diários, Capítulo 2 – Planificações, Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação e Reflexão final.

Logo no início, a introdução é constituída pela identificação do local de estágio, a descrição da estrutura do relatório de estágio profissional, a importância da elaboração do relatório de estágio profissional, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio e o cronograma.

No capítulo 1 – *Relatos diários*, apresento a descrição detalhada de todos os dias da prática pedagógica, assim como as inferências e respetiva fundamentação teórica sobre o que foi praticado em cada um desses três bibe, ou seja, três grupos de crianças distinguidos pelas faixas etárias.

No capítulo 2 – *Planificações*, apresento as planificações das aulas dadas, uma da Área do Conhecimento do Mundo, e outras duas na Área da Expressão e

Comunicação (domínio da Matemática e domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita). Todas complementadas com pesquisa científica e segundo o modelo T da aprendizagem, adotado pela Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

No capítulo 3 – *Dispositivos de avaliação*, exponho as avaliações que realizei durante as aulas que lecionei no estágio, onde justifico as estratégias e as fundamentos cientificamente. Apresento uma avaliação da Área do Conhecimento do Mundo, outras duas na Área da Expressão e Comunicação (domínio da Matemática e domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita).

Na reflexão final, faço considerações sobre a pertinência do estágio para a minha formação profissional, abordo as principais limitações sentidas durante o estágio e as novas pesquisas que pretendo efetuar.

3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional

A elaboração deste Relatório de estágio profissional é importante pois serve para a concretização de um requisito essencial para a conclusão do mestrado e para que seja possível exercer a minha futura profissão enquanto docente.

Este relatório é importante também porque fazê-lo implica investigar, ler, e estudar conceitos, que servem para saber mais sobre o ensino e a aprendizagem. Loughran (s.d. como citado em Flores & Simão, 2009, p.34), refere que “os alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adotar uma perspetiva de investigação.”

Este trabalho será bastante útil futuramente para consultar as rotinas, as atividades realizadas por educadoras, estagiárias, pelas crianças e também por mim.

4. Identificação do grupo de estágio

Neste estágio profissional o meu grupo de estágio foi composto por três elementos da minha turma de Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Este grupo de estágio funcionou bastante bem porque temos uma forma de pensar muito semelhantes.

5. Metodologia utilizada

A metodologia que utilizei na recolha de dados para o relatório de estágio profissional foi a observação e a análise documental.

A observação é uma das formas mais importantes para relatar de uma forma direta o tempo que estivemos no estágio.

Segundo Quivy e Campenhout (1992, p.155), “a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise é submetido ao teste dos factos

e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações.” Estes autores distinguem dois tipos de observação: observação direta e observação indireta. Observação direta “(...) é aquela em que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Apela directamente ao seu sentido de observação.” (p.164) Quanto à observação indireta referem que nesta “o investigador dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada. Ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da informação. Esta não é recolhida directamente, sendo, portanto, menos objectiva.” (p.164)

No que diz respeito à análise documental, Afonso (2005, p.88) denomina-a de “pesquisa arquivística ou documental”. O mesmo autor refere que “a pesquisa arquivística consiste na utilização da informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação.” Assim, “o investigador não precisa de recolher a informação que foi anteriormente organizada com finalidades específicas, em geral, diferentes dos objectivos da pesquisa.”

Os dados que foram recolhidos para análise de documentos incluíram: a caracterização das turmas, os horários, as grelhas e as avaliações feitas pelas educadoras.

Este relatório foi redigido de acordo com as normas American Psychological Association (APA) e Azevedo (2001).

6. Pertinência do estágio

O Estágio profissional é extremamente importante, visto que é uma preparação para a vida docente. O facto de efetuarmos o estágio com as crianças permite-nos observar atividades, preparar e lecionar aulas, trocar ideias e conhecimentos, ainda crescer enquanto futuras docentes.

A prática pedagógica permite-nos preparar para o futuro, pois, segundo Alonso e Roldão (2005):

(...) é no terreno que o professor tem a oportunidade única, e de grande utilidade para a sua formação, de se confrontar com o real, de reflectir sobre essa realidade, de comunicar experiências e, sobretudo, saber que a aprendizagem de um professor nunca termina. (p.36)

Como tal, o estágio torna-se pertinente, pois permite-nos deparar com diversas situações, com experiências únicas, de modo a crescermos interiormente, enquanto pessoas, e futuros profissionais, tal como referem Alonso e Roldão (2005, p.29) “durante esta formação adquire-se conhecimentos basilares para podermos desempenhar correctamente a docência, mas tomamos também conhecimentos de quais as características mais importantes para vir a ser um professor de

qualidade.”Segundo estes autores, o estágio profissional traduz-se na formação inicial de professores em que a mesma é “a base da construção da profissionalidade”, tal como salientam os mesmos autores. (2005, p.29)

Importa referir que é uma mais-valia todo este contato direto que se pode usufruir. O estágio Profissional fornece algo que não vem nos manuais e, com o qual tem que se lidar, vivenciando problemas reais, cada um diferente do outro, em que às vezes, não se encontra na teoria a solução mas sim com a prática

7. Cronograma

O período de estágio decorreu de 27 de setembro de 2011 a 22 de junho de 2012 e abrangeu os três níveis de ensino da Educação Pré-Escolar. Este período de estágio encontra-se dividido em três secções, uma destinada a cada sala do Pré-Escolar. A 1.^a secção corresponde ao momento de estágio realizado na sala da turma do bibe amarelo (3 anos), no período de 27 de setembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011, a 2.^a secção corresponde ao momento de estágio realizado na sala da turma do bibe encarnado (4 anos), no período de 2 de janeiro de 2012 a 23 de março de 2012, a 3.^a secção corresponde ao momento de estágio intensivo realizado na turma do bibe verde alface (2 anos), no período de 27 de fevereiro de 2012 a 3 de março de 2012 e a 4.^a secção corresponde ao momento realizado na turma do bibe azul (5 anos), no período de 9 de abril de 2012 a 22 de junho de 2012.

No cronograma (quadro 1) apresentado, de seguida, é possível visualizar de forma organizada o tempo destinado a cada secção.

Quadro1 – Calendarização do estágio

Momento de estágio	1. ^a – secção – Bibe Amarelo (3 anos)	2. ^a – secção – Bibe Encarnado (4 anos)	3. ^a – secção – Bibe Verde Alface (2 anos)	4. ^a – secção – Bibe Azul (5 anos)
Período de estágio	27 de setembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011	2 de janeiro de 2012 a 23 de março de 2012	27 de fevereiro de 2012 a 3 de março de 2012	9 de abril de 2012 a 22 de junho de 2012

CAPÍTULO 1
Relatos diários

Neste capítulo são narrados os relatos diários e as inferências fundamentadas, das aulas observadas durante o estágio profissional no Jardim-Escola. Este capítulo está dividido em quatro secções de acordo com os quatro momentos de estágio. Início cada uma dessas secções com a caracterização de alguns aspetos, tais como, a composição da turma, o espaço onde decorrem as aulas, o horário, as rotinas com a devida fundamentação teórica.

A primeira secção corresponde aos relatos da turma dos 3 anos (bibe amarelo), a segunda secção corresponde aos relatos da turma dos 4 anos (bibe encarnado), a terceira secção aos relatos da turma dos 2 anos (bibe verde alface) do estágio intensivo e por fim, a quarta secção corresponde aos relatos da turma dos 5 anos (bibe azul), ordenados pelas respetivas datas.

1.1. Secção 1 – Bibe Amarelo (3 anos)

1.1.1. Caracterização da turma

A turma do bibe amarelo é constituído por vinte e oito crianças, das quais dezassete são do sexo masculino e onze são do sexo feminino. As idades do grupo são relativamente homogéneas, todas as crianças nasceram entre janeiro e dezembro de 2008.

De acordo com o documento gentilmente fornecido pela educadora titular, foi possível descrever o seguinte sobre a turma.

A turma apresenta elementos com mais dificuldades e outros mais desenvolvidos no que diz respeito ao nível cognitivo, raciocínio lógico, socialização e motricidade.

Existem seis alunos com dificuldades de concentração e três alunos que têm dificuldade a nível da linguagem.

No que diz respeito à aprendizagem de conteúdos e conceitos existem três crianças com bastantes dificuldades.

A nível afetivo, a turma revela-se sem grandes problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem, com a educadora e estagiárias.

Há alunos mais comunicativos e extrovertidos e outros que só comunicam se forem solicitados a tal.

O nível socioeconómico da turma apresenta-se médio alto.

1.1.2. Caracterização da sala

A sala do bibe amarelo é de pequenas dimensões, colorida, bastante acolhedora e está organizada em três áreas distintas: a área das mesas, a área do tapete e uma

área vazia, com círculos coloridos no chão, dispostos em U, que assinalam os locais onde as crianças se devem sentar.

Na área das mesas, as crianças realizam diversas atividades que abrangem as diferentes áreas de aprendizagem.

A segunda área, que fica junto da janela, contém um espaço com círculos de papel autocolante colorido onde as crianças se sentam para realizar atividades em grande grupo.

A última área corresponde a um canto onde existe uma cozinha, uma oficina e vários brinquedos.

Existem quadros de cortiça em duas paredes da sala, com os aniversários, trabalhos feitos pelas crianças e outro placar meramente decorativo, onde se coloca enfeites relativos à época em questão, por exemplo o outono ou o natal.

Zabalza (1998) refere que “a sala deve ser ambientada com alguma sensibilidade estética e que existem alguns critérios a ter em conta, como por exemplo as cores, a criatividade e originalidade.” (p.260) A educadora preocupa-se com a decoração da sala utilizando cores vivas e revela um bom sentido estético.

1.1.3. Horário da turma

No quadro 2 encontra-se o horário da turma do bibe amarelo (3 anos) onde estagiei.

Quadro 2 – Horário da turma da faixa etária dos 3 anos (bibe amarelo)

	2. ^a feira	3. ^a feira	4. ^a feira	5. ^a feira	6. ^a feira
9h	Acolhimento e canções no salão				
1. ^o tempo da manhã	Desenvolvimento verbal	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática/ Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
	Educação Musical	Estimulação à leitura/Desenvolvimento verbal			
10h30	Suplemento alimentar – Recreio / Cantinhos				
2. ^o tempo da manhã	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Ginástica	Informática/Dinamização da biblioteca	Conhecimento do Mundo
12h	Almoço				
13h	Sesta				
1. ^o tempo da tarde	Realização de propostas de trabalho/Jogos	Realização de propostas de trabalho/Plasticina e jogos	Realização de propostas de trabalho/Cantinhos	Realização de propostas de trabalho/Entrelaçamentos e enfiamentos.	Realização de propostas de trabalho/Plasticina e jogos
16h	Lanche/Saída				

1.1.4. Rotinas

Acolhimento

Pela manhã, as crianças do ensino pré-escolar reúnem-se no salão para fazer várias atividades, entre elas, brincar com legos, ler histórias, etc. Às 9h00m as crianças formam uma roda no salão para cantarem e organizam-se por bibe. No centro da roda fica o bibe amarelo, de seguida o bibe encarnado e no fim o bibe azul, com as respetivas educadoras e as estagiárias. Normalmente o primeiro bibe a sair da roda é o bibe azul, de seguida o bibe encarnado e por fim o bibe amarelo.

Inferências e fundamentação teórica

O acolhimento é um momento importante pois para algumas crianças não é nada fácil, ver os pais a irem embora. É necessário que as crianças se sintam acolhidas, queridas pela educadora e que o ambiente seja alegre e seguro. Há que transformar este momento numa forma divertida de entrar na escola.

Como menciona Cordeiro (2007):

O momento da separação é, como mencionei, um momento difícil. «Não quero ir para a escola!» As crianças gostam da escola, mas preferiam escapar do momento do «ir», do corte da separação física dos pais. Para que este momento seja mais aliviado, mesmo nas crianças que já estão habituadas ao meio, é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola.(p.371)

As canções de roda são uma forma de acolher de uma forma a entreter as crianças. Zabalza (1998, p. 194), refere que são “(...) excelentes momentos para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências chave de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc.”

Higiene

As crianças vão à casa de banho de manhã, antes e após ao almoço e sempre que tenham necessidade. E são sempre vigiadas por alguma educadora ou aluna estagiária.

Inferências e fundamentação teórica

A higiene faz parte do crescimento da criança. Criar hábitos de higiene promove a autonomia e desenvolve o sentido de responsabilidade. Tal como afirma Cordeiro (2007), “(...) o desenvolvimento da autonomia (é uma grande vitória conseguir abrir a torneira e usar o sabonete sozinho entre outros). Sente-se o gosto em ser crescido e a responsabilidade de cuidar do seu próprio corpo.” (p.373)

Recreio

O recreio da manhã pode ocorrer no interior da sala ou no espaço exterior, dependendo das condições atmosféricas. É nesse recreio que as crianças comem o lanche da manhã, normalmente é bolachas ou pão com manteiga.

Depois de comerem, as crianças brincam livremente. A educadora e nós, alunas estagiárias, acompanhamos as crianças, cuidando para o seu bem-estar e segurança.

Inferências e fundamentação teórica

Os recreios são fundamentais para que as crianças brinquem livremente, estabeleçam o diálogo e reforçam amizades.

De acordo com Cordeiro (2007) o recreio "(...) representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas (...)." (p.377) É no tempo de recreio que se aproveita para ter momentos de brincadeira, quer individualmente, quer a pares ou em grupos.

Refeições

A meio da manhã, todos os dias, as crianças comem um lanche (bolachas ou pão com manteiga). Ao meio dia, as crianças vão para o refeitório para almoçar. O refeitório é ocupado pelas turmas dos bibes amarelo e encarnado, cujas crianças se alimentam autonomamente, as alunas estagiárias ajudam aquelas crianças que tenham mais dificuldades ou que peçam ajuda.

Inferências e fundamentação teórica

As refeições, para além da sua função básica de alimentar e apreciar comida saudável, possibilitam à criança adquirir autonomia e regras de higiene e respeito pelos outros. Cordeiro (2007) refere que as refeições:

(...) servem para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia (...), passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição. (...) Há também um controlo das exigências pessoais, aprendendo a aceitar o menu do dia sem reclamar, como é por vezes hábito em casa. (p.373)

Sesta

As crianças do bibe amarelo dormem a sesta todos os dias a seguir ao almoço. Depois de fazerem a devida higiene, a educadora com o auxílio das alunas estagiárias tiram os bibes e eles descalçam os sapatos autonomamente. Algumas crianças dormem com alguns objetos pessoais, como peluches ou chuchas.

Inferências e fundamentação teórica

A sesta é um momento importante para que as crianças recarreguem energias para o resto do dia. É uma necessidade para a maioria das crianças nesta idade, daí a importância de criar um ambiente calmo e seguro que tranquiliza na hora de adormecer.

Cordeiro (2007), menciona que a sesta “deve ser feita num ambiente calmo (...), e estimulada a autonomia (as crianças devem tirar elas próprias os sapatos, deitar-se e tapar-se sozinhas, mesmo que as educadoras dêem o toque final), e mais uma vez se respeitam os ritmos do grupo.” (pp.373-374)

Ainda segundo o mesmo autor:

Os objectos de transição (...) são importantes neste momento do adormecer, em que acontece, com mais ênfase, a lembrança dos pais e da casa. O que é bom, para ajudar a criar um elo entre os dois universos, mas de modo tranquilo e securizante. (p.374)

Penso ser positivo as crianças terem acesso aos seus objetos pessoais.

1.1.5. Relatos diários

Segunda-feira, 26 de setembro de 2011

O primeiro dia de estágio começou com uma reunião no museu com as professoras da supervisão pedagógica. Nessa reunião foi entregue o regulamento do ano letivo 2011/2012, as alunas foram distribuídas pelos Jardins-Escola João de Deus de Lisboa e ainda pudemos esclarecer dúvidas.

Inferências e fundamentação teórica

Estas reuniões são bastante importantes para que nós, alunas estagiárias, possamos tirar todas as dúvidas relativamente ao Estágio Profissional. Alarcão e Roldão (2008) referem que “a essência da supervisão aparece com a função de apoiar e regular o processo formativo.” (p.54) Assim sendo, tanto as professoras cooperantes da prática pedagógica, como as educadoras, têm um papel fundamental na nossa formação.

Terça-feira, 27 de setembro de 2011

No primeiro dia no Jardim Escola de Alvalade, as minhas colegas e eu fomos apresentadas às crianças do bibe amarelo.

A educadora começou por apresentar uma caixa do tesouro com alguns objetos lá dentro. Em primeiro lugar tirou uma caixa do 1.º Dom de Fröbel (figura 1). Com esse material, a educadora trabalhou a noção de lateralidade com as crianças, colocando

as bolas em vários sítios: debaixo do banco, em cima da mesa, entre os meninos, à frente, atrás ou à esquerda de algum dos meninos. De seguida, a educadora retirou um fantoche de uma fada e contou uma pequena história de uma fada que queria ir para o país das cores, de modo a levar as crianças a adivinharem um dos meios de transporte, neste caso o comboio. Extraiu da caixa um comboio com seis carruagens de cores diferentes (amarela, encarnada, laranja, azul, verde, e roxa). A educadora retirou ainda uma caixa transparente com alguns objetos coloridos e pediu às crianças para distribuí-los pelas variadas carruagens, de forma a associar as cores. Por fim, fez um jogo com colares para trabalhar essas mesmas cores.

No segundo tempo da manhã, no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita a educadora leu o livro *Mimi, centopeia multicolorida* de Rebecca Elliott. Dialogou com as crianças relativamente à história e as crianças pintaram uma lagarta relacionada com o livro.



Figura 1 – 1.º Dom de Fröbel

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula, o 1.º Dom de Fröbel foi muito bem explorado porque a educadora começou por apelar à curiosidade das crianças, relativamente ao que se encontrava dentro da caixa.

Caldeira (2009) defende a utilização de materiais manipuláveis no ensino da matemática e explica que o 1.º Dom é:

(...) composto por seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã, com ponto de crochet, nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo. (p.243)

Este material destina-se principalmente a crianças a partir dos 2/3 anos e é bastante usado nos Jardins-Escola João de Deus nas salas do bibe amarelo (3 anos).

Caldeira (2009) refere que o material tem um grande interesse pedagógico pois através dele que pode ser realizada a “(...) aprendizagem das cores; estruturação espacial; lateralização; desenvolvimento verbal; enriquecimento do vocabulário; jogo de memória; seriação; conjunto; contagem.” (p.243) A autora acrescenta que através da exploração do material é possível desenvolver diferentes capacidades e destrezas

nas crianças, entre as quais: “(...) distinguir cores; diferenciar formas; desenvolver os sentidos do tacto, visão, audição; lateralidade; equilíbrio; sequenciar; relacionar; desenvolver a memória; orientação espacial; desenvolver a criatividade.” (p.244)

Nesta aula a educadora trabalhou alguns desses aspetos como a diferenciação das cores, o sentido da visão e a lateralidade, que são noções muito importantes nesta fase das crianças.

De acordo com Mendes e Delgado (2008) “(...) especificar localizações e descrever relações espaciais é outro aspecto considerado fundamental no ensino e aprendizagem da Geometria.” (p.11)As localizações são noções extremamente importantes para as crianças nesta idade, em que ainda há muitas dificuldades.

Sexta-feira, 30 de setembro de 2011

Neste dia, depois das habituais canções no salão as crianças foram diretamente para o refeitório fazer a representação da figura humana através de biscoitos. Estes tinham de ter cabeça, pescoço, tronco e membros.

Depois do intervalo, as crianças voltaram à sala e sentaram-se no chão, nos seus respetivos círculos e fizeram uma atividade no domínio da Matemática utilizando um canteiro com flores coloridas e seis vasos, um amarelo, um encarnado, um laranja, um azul, um verde e um rosa. A educadora começou por pedir às crianças para colocar as flores nos respetivos vasos. Depois fez operações, como “Tens uma flor no vaso rosa, se colocares mais duas, com quantas flores rosa ficas?”. As crianças realizaram a atividade com sucesso.

Inferências e fundamentação teórica

O corpo humano é uma temática bastante trabalhada na educação pré-escolar. Nesta idade, segundo Catita (2007), “(...) as crianças já devem ser capazes de nomear um grande número de partes constituintes do corpo(...).” (p.210) Algumas crianças não representaram todas as partes do corpo humano, apesar de as reconhecerem oralmente. Com estas atividades Catita (2007) defende que podemos “levar a criança a conhecer as principais partes externas do corpo e algumas das suas funções e capacidades;” bem como “alargar o conhecimento a outras partes constituintes (...) de menor percepção.” (p.210)

O material utilizado na atividade do domínio da Matemática era bastante apelativo e as crianças gostaram bastante. Os alunos identificaram as cores e trabalharam contagens através do material.

Haigh (2010) defende que o educador deve fazer perguntas “(...) para orientar os alunos até aos seus objectivos de aprendizagem.” (p.122) A educadora dirigiu a atividade através de perguntas. Segundo o mesmo autor, “se fizer as perguntas certas,

mantendo o curso da aprendizagem, alcançando os objectivos de ensino, então o seu objectivo de aula vai ser atingido com uma taxa de progresso constante.” (p.133) A estratégia que a educadora escolheu, foi muito interessante ao solicitar às crianças para formarem conjuntos de flores nos respetivos vasos.

Segunda-feira, 3 de outubro de 2011

A educadora começou por partilhar um pedaço de bolo que um dos meninos trouxe para os colegas. De seguida, as crianças estiveram com o Professor de música que cantou algumas canções com as crianças.

Posteriormente, a educadora deu uma aula do domínio da Matemática utilizando o 1.º Dom de Fröbel e para tal dispôs as crianças em U no chão. Começou por mostrar a caixa perguntando se é opaca ou transparente e quais as cores das bolas que estão dentro da caixa. A educadora pediu para as crianças retirarem as bolas da caixa e colocar em fila no chão, sem dar importância à ordem das cores. Foi ainda utilizado uma tartaruga com uma carapaça colorida de modo a sortear as cores das bolas do 1.º Dom. As bolas foram saindo conforme o sorteio e através dessa atividade as crianças fizeram subtrações e trabalharam a lateralidade colocando as bolas nos sítios indicados pela educadora.

Por fim, as crianças e a educadora fizeram um jogo chamado “Dominó do sol das cores”. As regras do jogo foram explicadas pela educadora de modo a associarem as cores das últimas peças e a orientação que devem ter, quer na vertical ou na horizontal.

Inferências e fundamentação teórica

A música nas crianças é fundamental para as crianças tal como diz Hohmann e Weikart (2004):

a música é um importante aspecto da infância precoce, pelo facto das crianças mais novas estarem tão abertas a ouvir e a fazer música, e a moverem-se ao seu som. A música torna-se mesmo outra linguagem, através da qual os jovens fazedores de música aprendem coisas sobre si mesmos e sobre os outros, a música insere as crianças na sua própria cultura e ritos comunitários (...). (p.658)

Mais uma vez a educadora trabalhou o 1.º Dom de Fröbel onde explorou alguns conceitos importantes como as cores, e a orientação espacial. Com a caixa deste material podemos também trabalhar a noção de opaco/transparente. Caldeira (2009) indica que podemos tentar “(...) que a criança descubra diferentes noções como: transparente/opaco (...). (p.244) Este material é bastante utilizado para trabalhar as cores, e a educadora aproveitou para fazer o jogo relacionado com as mesmas.

Terça-feira, 4 de outubro de 2011

No presente dia, a educadora lecionou uma aula do domínio da Matemática através do material estruturado, blocos lógicos. Iniciou a aula distribuindo esse mesmo material e linhas de fronteira pelas mesas e ditando as regras para a utilização do material. As crianças aprenderam a reconhecer o quadrado e cantaram uma canção “Eu sou o quadrado, bonito de mais, tenho quatro lados e são todos iguais.” A educadora pediu às crianças para escolherem um quadrado dos blocos lógicos e para decorarem a peça. Depois disso retirou ou acrescentou peças a algumas crianças e fez questões de modo a trabalhar a memória. Para trabalhar o conjunto vazio as crianças retiraram as peças de dentro da linha de fronteira. E por fim arrumaram o material ao som de músicas infantis.

Seguiu-se a aula na Área de Conhecimento do Mundo. A educadora começou por afirmar que as crianças são todas iguais mas também todas diferentes e a partir dessa afirmação mostrou uma imagem de um menino e outra de uma menina. Foram trabalhadas algumas diferenças entre os rapazes e as raparigas como o cabelo e a fisionomia. Daí partiu-se para a constituição do corpo humano, relembrando as partes do corpo: cabeça, tronco e membros.

Como atividade plástica, a educadora utilizou papel de cenário, tintas e algumas crianças. A educadora desenhou o contorno de uma criança no papel e em conjunto com os alunos pintaram de cores diferentes as partes do corpo para finalizar o tema (figura 2).



Figura 2 – *Expressão Plástica – Figura humana*

Inferências e fundamentação teórica

A educadora começou a iniciar o material Blocos Lógicos. Alsina (2004 como citado em Caldeira, 2009, p.365) afirma que “os Blocos são um “material lógico” estruturado (...) que tem quatro qualidades: a forma, a cor, o tamanho e a espessura.” Alsina (2004 como citado em Caldeira, 2009, p.365) indica ainda que os Blocos Lógicos têm “11 atributos, que são as diferentes variantes dessas qualidades.” E que os atributos “(...) combinam-se entre eles de todas as formas possíveis (por isso se chama estruturado), dando lugar a 48 combinações possíveis (o

número de combinações obtém-se multiplicando a quantidade de atributos de cada qualidade.” (p.365)

Caldeira (2009) explica que com a adequada exploração deste material é possível desenvolver o “(...) raciocínio lógico; percepção tátil; percepção visual; reconhecimento de formas; coordenação motora; percepção de espessura; percepção de tamanho; atenção; concentração.” (p.368)

Na Área do Conhecimento do Mundo é importante que as crianças consigam aprender através não só da verbalidade mas também da expressão plástica. Tal como diz Alsina (2004), “será importante ter em conta que, para além das actividades manipulativas, terá todo o interesse fazer a representação das actividades realizadas através de actividades de expressão plástica (...)” (pp.82-83) A mesma autora explica que este é um material que pode “(...) apelar à expressão oral ou escrita sobre as actividades realizadas, no sentido de favorecer a sua interiorização.” (p.83) Através desta atividade as crianças reforçaram a temática abordada e foi divertido pois as crianças mantiveram-se alegres e entretidas.

Sexta-feira, 7 de outubro de 2011

Neste dia, as crianças começaram por sentar-se nas cadeiras para uma aula do domínio da Matemática com os Blocos lógicos. Desta vez aprenderam uma nova forma geométrica, o retângulo. A educadora ensinou a canção de forma a diferenciarem o retângulo do quadrado: “Eu sou o retângulo, cresci mais de um lado, para ganhar pontos, ao senhor quadrado.” Todas as crianças escolheram uma peça com a forma de um retângulo e colocaram a sua frente. De seguida, fizeram um jogo para distinguir essas duas formas geométricas. A turma ficou dividida por equipas, conforme as suas mesas. O jogo consistia em que três crianças de cada equipa, se dirigissem a uma caixa com bolas coloridas, quadrados e retângulos e ao som da música recolhessem o maior número de peças dos Blocos Lógicos. Essas peças eram colocadas num balde para depois todos contarem as suas respetivas peças. Por fim, os outros elementos do grupo pintavam as respetivas peças num painel, conforme a figura3. No fim da atividade, a educadora viu quem tinha o maior e o menor número de peças.

Depois do intervalo da manhã, a educadora deu uma aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com a ajuda dos alunos. A história trabalhada foi “um livro”.



Figura 3 – Painel dos Blocos Lógicos

Inferências e fundamentação teórica

A educadora neste dia fez um jogo que penso ser muito pertinente sobre o material estruturado Blocos Lógicos. O jogo é muito importante nesta idade nas crianças. Tal como Peterson e Felton-Collins (1986):

quer Piaget quer Montessori salientam fortemente a importância do jogo no desenvolvimento cognitivo, social e psicomotor da criança. Montessori descreve aquilo que poderemos designar por «brincar» como sendo uma actividade plena de sentido por parte da criança: é a sua aprendizagem do mundo e contribui a base do seu desenvolvimento enquanto criança. (p.49)

Quanto ao painel que pintaram também é uma forma de desenvolverem a motricidade fina ao pegarem no pincel para pintar. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007), “o desenvolvimento da motricidade fina insere-se no quotidiano do Jardim-de-Infância, onde as crianças aprendem a manipular diversos objectos.” (p.59) As crianças gostaram bastante de realizar esta atividade pois mantiveram-se divertidas e interessadas durante a mesma.

Segunda-feira, 10 de outubro de 2011

A educadora perguntou às crianças o que fizeram no fim de semana e ouviu cada uma delas.

Passado algum tempo a turma teve aula de música. As crianças falaram das suas rotinas matinais com o professor de música, como vestir, lavar a cara, comer, entre outras. De seguida, as crianças tentaram reconhecer canções através de imagens desenhadas no quadro.

Depois do intervalo os alunos participaram numa aula do domínio da Matemática na qual foi utilizado o material Blocos Lógicos. Para começar a aula, as crianças tiveram de procurar as peças espalhadas previamente pela sala. A turma foi dividida por equipas, conforme as suas mesas e foi nomeado um chefe por equipa, conforme

as suas mesas e foi nomeado um chefe por equipa para procurar as peças. Depois de encontrarem os círculos, as crianças cantaram a música do círculo “Eu sou o círculo, sou como a lua, sou o mais bonito da minha rua”, e daí apareceu o senhor círculo para verem a sua forma. Desta vez as crianças só trabalharam com círculos, de várias cores, formas e espessuras. Com as peças foram trabalhadas as cores, distribuindo em círculos conforme a cor. Foi trabalhado também o tamanho com a ajuda da pandeireta. Ao som da mesma as crianças tiraram três peças com forma de círculo grandes e pequenas. Uma última criança escolheu uma peça e falou sobre a espessura, tamanho, cor e forma.

Depois arrumaram o material e as crianças foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas de música são momentos importantes, onde as crianças têm um tempo lúdico e de aprendizagem. Cordeiro (2007) defende que “o jardim-de-infância tem que ser um polo importante de desenvolvimento das capacidades e aptidões musicais dos alunos, seja através de aulas específicas, seja da inclusão da música quando se fala de qualquer outro assunto.” (p.420) Nesta aula, o professor optou por abordar as rotinas matinais das crianças e as mesmas participaram com bastante entusiasmo.

Na atividade feita com os Blocos Lógicos todas as crianças mostraram vontade de participar e conseguir descobrir as várias peças escondidas pela sala. Segundo Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010) “o uso destas peças lógicas permite a realização de actividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir conceitos de lógica, indispensáveis à compreensão de noções básicas e fundamentais”. (p.13) Apesar de serem bastantes dias seguidos a trabalhar com este material penso que assim pode-se trabalhar essas noções básicas e fundamentais.

Terça-feira, 11 de outubro de 2011

A educadora deu mais uma vez, uma aula com os Blocos Lógicos, desta vez para a turma ficar a conhecer o triângulo. As crianças cantaram a canção do senhor triângulo “Eu sou o triângulo, tenho três biquinhos, sirvo de chapéu, para os palhacinhos.” e assim ficaram a conhecer todas as formas das peças dos Blocos Lógicos. De seguida fizeram um boneco com a cara em forma circular e o chapéu em forma triangular.

Depois de construírem os bonecos, as crianças participaram num jogo com quatro garrações e Blocos Lógicos. O jogo consistia num par de crianças dirigirem-se ao local onde se encontravam as peças. Uma das crianças é vendada e a outra escolhe uma peça para o colega adivinhar a forma e o tamanho. Ao adivinhar tira a venda e coloca no garrafão e orifício correto. Todas as crianças participaram no jogo.

No segundo tempo da manhã as crianças assistiram a uma aula da Área do Conhecimento do Mundo onde falaram sobre a visão. A educadora apresentou um *powerpoint* e foi explorando imagens. As crianças disseram para que servem os olhos e que estes não são todos iguais, entre outras coisas. A turma aprendeu ainda o nome das pestanas, o que é a pupila, a íris e para que servem. A educadora explicou que a pupila aumenta quando estamos no escuro e diminui quando existe luz. No *powerpoint* ainda se falou do uso de óculos, das pessoas invisuais e do jogo “a cabra cega”.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora captou a atenção das crianças ao utilizar os Blocos Lógicos com a estratégia de construir bonecos. Segundo Figueiredo (2004) o trabalho com este material “(...) permite justamente extrair abstrações a partir de actividades concretas e lúdicas, divertindo a criança e desenvolvendo algumas das suas habilidades intelectuais, como o raciocínio, observação, atenção e memória.” (p.146)

O jogo dos garrafões foi bastante apelativo para as crianças. A estratégia utilizada para diferenciar as peças foi bem sucedida e os alunos participaram com empenho. Na opinião de Lima (2001) “a criança aprende melhor brincando, e todos os conteúdos podem ser ensinados através de brincadeiras e jogos, em actividades predominantemente lúdicas.” (p.33)

Ao explorar as características da visão, a educadora apelou a conhecimentos básicos para as crianças e também a algumas diferenças no órgão da visão. Relativamente a esta temática Catita (2007) defende que a “(...) deverá começar-se por abordar a questão do órgão sensorial associado à visão (...) bem como as suas capacidades e possibilidades(...)” A educadora explorou ainda “(...) alguns cuidados a ter com a visão, bem como outros conceitos gerais a ela associados (exemplos: falta de vista)” (pp.230-231)

Esta aula da Área do Conhecimento do Mundo terminou com o jogo da cabra cega. Segundo Serrano (2002) “é através do jogo que a criança descobre o mundo que a rodeia(...)” (p.61) Neste caso as crianças utilizaram outros sentidos, sem ser a visão.

Sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Neste dia de estágio no bibe amarelo, a educadora lecionou matemática utilizando os Blocos Lógicos e uns bonecos como material não estruturado. Cada criança recebeu um boneco e fizeram construções com os Blocos Lógicos. A educadora contou uma história de modo a que as crianças criem figuras com as peças. Primeiro as crianças fizeram uma casa com uma peça quadrangular e outra triangular e depois fizeram uma árvore com uma peça circular e uma retangular. As crianças trabalharam a lateralidade colocando as figuras do lado pedido peça educadora. Os atributos das

peças foram explorados pelas crianças que falaram das suas peças. Posteriormente, a educadora fez um jogo com eles em que trocava um dos atributos de uma peça de uma criança. Esta, tinha de adivinhar o que foi trocado.

Antes do intervalo as crianças foram visitar a feira do livro que decorria na própria escola e a educadora aproveitou para contar uma história.

No segundo tempo da manhã, a educadora contou a história *Todos no sofá* de Luísa Ducla Soares. As crianças participaram oralmente, ajudando a contar a história. Depois da leitura do livro, as crianças fizeram uma pequena dramatização da história. As personagens do livro foram distribuídas pelas crianças que se sentaram em cadeiras. As restantes contaram a história. Todas as crianças puderam participar.

Inferências e fundamentação teórica

Depois da história contada e acompanhada pelas crianças a educadora optou por fazer um jogo para abordar as diferenças entre os atributos. Lamas (2007) defende que “os jogos educativos podem e devem ser um auxiliar precioso dos educadores, professores e animadores para desenvolver competências, integrando-os desta forma no processo educativo.” (p.11)

A visita à feira do livro na escola foi importante para as crianças criarem gosto pelos livros e terem alguma familiaridade com os livros. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) “o gosto e o interesse pelo livro e pela palavra escrita inicia-se na educação pré-escolar.” (p.72) A mesma fonte refere que as crianças devem estar em permanente contacto com os livros nas bibliotecas ou feiras do livro para compreenderem a necessidade de “(...) as utilizar como espaços de recreio e de cultura.” (p.72)

A história escolhida pela educadora é bastante apelativa para as crianças. As mesmas puderam participar ajudando a contar a história. Segundo Teberosky e Colomer (2003) “ao escutar a leitura, as crianças aprendem que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada.” (p.127) Ao explorar a história dessa forma as crianças sentiram-se motivadas e mostraram-se interessadas, fazendo questões à educadora e participando alegremente na dramatização.

Segunda-feira, 17 de outubro de 2011

As crianças começaram por cantar os parabéns a um colega que fez anos neste dia e depois contaram como foi o fim de semana.

Em seguida, a turma teve aula de música onde cantaram algumas canções.

Nesse mesmo dia, a educadora deu uma aula do domínio da Matemática utilizando material não estruturado. Este era composto por duas imagens de crianças e flores coloridas feitas de *musgami* coladas em tampas de iogurte. As cores das

flores eram as mesmas do 1.º Dom de Fröbel. Através de uma história, a educadora foi trabalhando quantidades, o conceito de número, a adição e a subtração de modo a fazer um ramo de flores coloridas. A educadora ainda trabalhou no abstrato fazendo operações com abelhas e borboletas.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças demonstraram-se divertidas ao longo da manhã, pois estas estão sempre dispostas a cantar nas aulas de música.

No segundo tempo da manhã, a atividade com material não estruturado foi realizada de uma forma ordenada e as crianças aderiram facilmente. Segundo Cunha e Nascimento (2005) “o conceito de número é formado a partir da comparação de quantidades diferentes e da observação sobre onde existe mais, menos ou igual quantidade, assim como, qual é o maior, qual é o menor.” (p.27) A educadora recorreu a uma história em que ia juntando flores num ramo para dar a mãe e assim abordou o conceito de número. Tal como refere o autor, através da observação, as crianças puderam mais facilmente ter a noção de quantidade.

Terça-feira, 18 de outubro de 2011

No decorrer da manhã, a educadora lecionou uma aula do domínio da Matemática através dos Blocos Lógicos. As crianças começaram por lembrar o nome do material e as quatro diferenças entre as peças. Depois disso, a educadora fez um jogo com o material e dois cubos. O primeiro tinha as faces com as cores das peças e o segundo tinha as formas. O jogo consistia num par de crianças lançar os dados para todos os colegas procurarem a peça com aqueles atributos. Neste dia foram as crianças que arrumaram o material.

Depois do intervalo, as crianças participaram numa atividade sobre a audição. A educadora apresentou alguns instrumentos e as crianças tocaram-nos. Através do som dos instrumentos, as crianças distinguiram os sons graves dos agudos e os sons agradáveis dos desagradáveis. Uma criança da turma foi vendada para descobrir o instrumento que foi tocado. Caso não soubesse o nome do instrumento podia tirar a venda e apontar para o mesmo.

No fim a manhã, as crianças fizeram ainda um jogo com imagens de animais, onde faziam os sons correspondentes de modo a que a turma adivinhasse o respetivo animal.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia a educadora optou por utilizar uns cubos com os atributos nas suas faces. Simons (2007 como citado em Caldeira, 2009, p.365) os blocos lógicos são

“(…) um instrumento muito rico para aqueles que desejam mediar o desenvolvimento do sujeito e estão em busca de estratégias que lhe permitam o seu enriquecimento.”Esta atividade foi bastante divertida para as crianças e estas conseguiram encontrar bem as peças pretendidas.

Hohmann e Weikart (2004) defendem que “quando as crianças terminam” devemos pedir-lhes “que arrumem os materiais.” (p.401)

Na atividade em que a educadora utilizou vários instrumentos musicais para diferenciar os sons graves dos agudos empregou variadas estratégias com os mesmos. O mesmo autor refere ainda que se deve “(…) tornar acessível às crianças uma grande variedade de instrumentos musicais(…)” (p.663)

Na atividade dos sons dos animais, as crianças iam descobrindo quais os animais e conseguiram-no facilmente. Na opinião de Haigh (2010) nas atividades “os professores orientam e os alunos descobrem.” (p.120) Esta foi a estratégia que a educadora utilizou, organizando as crianças a descobrirem os sons dos animais.

Sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Neste dia, a educadora começou com uma aula do domínio da Matemática. O material escolhido foram as palhinhas, peixes feitos de cartão com três tamanhos diferentes e um lago para os colocar feito a partir de um saco de plástico. Os peixes amarelos correspondiam ao tamanho maior, os cor-de-rosa aos mais pequenos e os peixes médios eram azuis. Depois de relembrar as regras de utilização das palhinhas, a educadora começou a contar uma história para as crianças. Estas imaginaram que vestiam a roupa e galochas de um pescador e começaram a atividade. A educadora formou grupos conforme as mesas da sala e, ordeiramente chamou duas crianças de cada grupo. Uma delas segurava no balde e outra na cana de pesca. Estas duas crianças tinham de pescar o número de peixes correspondente às vezes que ouviam o triângulo tocar. As restantes crianças tiravam o número de palhinhas correspondente ao mesmo som ouvido. A educadora foi pedindo para as crianças pescarem peixes de tamanhos variados, de modo a associarem o tamanho à cor. As restantes crianças foram fazendo a atividade nas mesas com as palhinhas. Foram trabalhadas operações como a adição e subtração com a orientação da história da educadora.

Depois do intervalo as crianças realizaram um desenho sobre a figura humana. A educadora deu a todos uma folha com a cabeça de uma criança. Depois de pintarem a cara, as crianças desenharam a estrutura da figura humana.

Neste dia, depois da devida higiene, fui eu quem levou as crianças em comboio para o refeitório.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula do domínio da Matemática as crianças participaram e interagiram bastante. Caldeira (2009) considera que na posse das palhinhas “(...) é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça.”, referindo ainda que “as palhinhas funcionam como suporte à contagem.” (p.317)

O desenho muitas vezes é utilizado como uma atividade entreter as crianças. Segundo as Orientações Curriculares (Ministério da Educação, 2007) “(...) o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torná-la uma actividade educativa.” (p.61) Neste caso, a educadora escolheu o desenho para consolidar a temática do corpo humano, inserindo-o numa atividade educativa.

Segunda-feira, 24 de outubro de 2011

Após o acolhimento, as crianças e a educadora dirigiram-se para a sala e contaram o que fizeram no fim de semana.

De seguida, as crianças estiveram com o professor de música que cantou algumas canções com as crianças e contou umas histórias.

No segundo tempo da manhã as crianças participaram numa aula do domínio da matemática desta vez sentados no chão. A educadora começou por colocar no chão duas galinhas grades de loiça, dois arcos, e bolas de plástico. Cada arco correspondia ao ninho das galinhas e as bolas aos seus ovos. A educadora contou uma história de uma avozinha, representada por um fantoche, que queria fazer um bolo e que precisava de ovos. A partir daí criou adições e subtrações na história utilizando as bolas dentro dos arcos. A educadora começou por exercícios mais simples para depois mais complicados.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas de música são sempre bastantes divertidas onde as crianças participam alegres e divertidas a cantar.

Na aula do domínio da Matemática, a educadora escolheu bolas que as crianças costumam brincar. Segundo Spodek e Saracho (1998) existem “(...) muitos materiais oferecidos para as crianças na brincadeira manipulativa podem ensinar conceitos matemáticos (...) Os professores também podem criar os seus próprios materiais e jogar para estes mesmos objectivos.” (p.224)

No domínio da Matemática a educadora realizou com as crianças várias operações, em que foi dificultando a exigência dos exercícios. Moreira e Oliveira (2003) indicam que umas das finalidades na matemática “é também um meio de

construção de conhecimento e, por isso, não deve ser entendida como mais um tópico a explorar, mas como um processo presente nas experiências a desenvolver com as crianças (...).” (p.62) Nesta aula, a educadora utilizou este material para desenvolver a educação matemática de uma forma lúdica.

Terça-feira, 25 de outubro de 2011

Neste dia as crianças do bibe amarelo não estiveram na roda a cantar porque tiveram uma visita de estudo. Depois da devida ida à casa de banho e dos casacos vestidos, partiram rumo ao Tivoli para ver uma peça de teatro chamada “Canela, ovos e verdade”.

A manhã foi preenchida com o teatro, depois quando chegaram à escola foram logo almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

Com a realização desta visita de estudo, foi proporcionado às crianças uma manhã diferente. De acordo com Almeida (1998) “uma visita de estudo é uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objectivos educacionais, no qual os alunos podem observar e estudar os objectos de estudo nos seus locais funcionais.” (p.51)

O teatro era direccionado para as crianças e estas demonstraram-se muito divertidas ao longo da peça. Cordeiro (2007) defende que “a frequência do teatro, como espectador, deve começar desde cedo (3 anos, em média), porque tem numerosas vantagens (...)” e reforça ainda que “existem inúmeras companhias de teatro portuguesas que, com frequência, levam à cena peças para crianças (...)” (p.424) Com esta peça direccionada para crianças, estas puderam ter a oportunidade de assistir a um teatro de forma a entenderem e poderem aproveitar da melhor forma. A peça falava principalmente de sentimentos e estes foram também trabalhados através do diálogo depois do teatro para ter terminado.

Sexta-feira, 28 de outubro de 2011

Este foi o primeiro dia em que houve aulas surprisesolicitadas pelas Professoras Orientadoras de Prática de Ensino Supervisionado e nós fomos assistir. Primeiro foi surpreendida uma colega no bibe encarnado com uma aula de estimulação à leitura com o livro *Cuquedo* de Clara Cunha. A aluna estagiária leu a história com a participação de gestos e repetições da parte das crianças e depois distribuiu folhas para as crianças fazerem um desenho sobre a história.

De seguida assistimos a uma aula no bibe azul com o material Calculadores Multibásicos. O tema pedido para a aula do domínio da Matemática foi a divisão mas a colega não sabia e pediu para dar a subtração.

No final as aulas foram discutidas com as Professoras Orientadoras, com as respetivas educadoras da sala e com as alunas estagiárias.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas surpresa são atividades que nos ajudam na nossa futura profissão, preparando-nos para situações inesperadas e trabalhando a nossa capacidade de improviso aliada aos conhecimentos adquiridos. Segundo Alves (2002) o estágio e a avaliação servem para "(...) orientar o aluno no sentido do desenvolvimento de processos que contribuam para um papel mais activo e autónomo na avaliação da sua aprendizagem (...)." (p.139)

Enquanto estagiária, penso que é extremamente importante passar por diversas situações o mais próximo com a realidade educativa, pois assim podemos desenvolver técnicas de ensino e também a autonomia do educador.

Alarcão e Roldão (2008) referem que "o *feedback* sobressai como essencial ao apoio e à regulação." (p.55) Na reunião é nos dado esse *feedback* onde se sabe a opinião das professoras de prática pedagógica e também da educadora, que nos ajudarão nas próximas aulas.

Segunda-feira, 31 de outubro de 2011

Neste dia de *Halloween* foi-nos proposto, a todas as alunas estagiárias do mestrado em educação pré-escolar, que efetuássemos atividades alusivas ao dia.

Metade inventou uma história e apresentaram uma dramatização, a outra metade fez atividades plásticas com os três bibes do pré-escolar. Eu fiquei neste segundo grupo onde utilizamos massa de moldar e com moldes, as crianças fizeram um morcego ou um gato e depois pintaram com guache preto. Foi um dia diferente.

Inferências e fundamentação teórica

A realização desta atividade de *Halloween* foi bem sucedida, as crianças aderiram à expressão plástica e divertiram-se com a dramatização através de fantoches. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) Na expressão dramática pode-se utilizar "(...) fantoches, de vários tipos e formas, que facilitam a expressão e a comunicação através de "um outro" servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc." (p.60)

No início foi complicado a gestão dos grupos de estagiárias, mas depois conseguimos organizar pelas duas atividades de forma a conseguirmos gerir tudo da melhor forma.

Sexta-feira, 4 de novembro de 2011

O dia começou com uma aula da Área do Conhecimento do Mundo sobre os cereais. Esta aula encontrava-se em suporte digital e desta forma foi projetada numa tela, para que todas as crianças pudessem ver. O *powerpoint* falava de quatro tipos de cereais: trigo, milho, centeio e cevada. A educadora explicou como se transforma o grão em farinha e como se faz pão. De seguida as crianças viram dois vídeos alusivos ao tema.

De seguida, a educadora fez pão com a ajuda das crianças.

O segundo tempo da manhã foi orientado por uma das minhas colegas. Esta deu uma aula do domínio da linguagem oral e abordagem à escrita onde leu a história *O ciclo do pão* de Cristina Quental e Mariana Magalhães. Depois apresentou um *powerpoint* com imagens inacabadas para as crianças descobrirem.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora abordou vários tipos de cereais e todo o processo da manufatura do pão. Esta temática instigou o interesse das crianças, sendo um alimento que conhecem tão bem. Spodek e Saracho (1998) defendem que as "(...) experiências culinárias também podem ser usadas para estimular o aprendizado de ciências nas crianças pequenas." (p.292) Neste caso permitiu cheirar, provar, mexer e observar o processo da preparação do pão.

A colega leu a história que estava relacionada com a temática do dia. Hohmann e Weikart (2004) referem que é fundamental ler-se "(...) de uma forma interactiva e com prazer (...)", devem ser feitas "(...) pausas para os comentários e questões das crianças." E tirar também "(...) prazer da história, bem como das respostas das crianças a ela." (p.548) De seguida optou por orientar um *powerpoint* onde as crianças iam descobrindo as imagens do livro, em que as mesmas responderam ativamente e facilmente.

Segunda-feira, 7 de novembro de 2011

A segunda-feira começou como habitualmente com uma aula de música. O professor apresentou várias músicas de orquestras, uma delas com uma história de um cisne. A história era triste e até uma das crianças disse que ficou com pena do cisne. Nesta aula ainda cantaram o hino da escola João de Deus, o hino de Portugal e algumas músicas de natal.

Neste dia quem deu uma aula do domínio da linguagem e abordagem à escrita foi a minha outra colega apresentado a história *A lagartinha muito comilona* de Eric Carle. Depois da leitura do livro, a minha colega perguntou às crianças que frutos apareciam na história. Apelou às cores, perguntando as mesmas associadas aos frutos e ainda mostrou uma lagarta de peluche que ela interpretou como a lagartinha da história.

Inferências e fundamentação teórica

O professor deu a aula de música alegremente, como sempre. As crianças participaram e ouviram com muita atenção a explicação da história do cisne. E de seguida cantaram as canções solicitadas pelo professor de uma forma feliz e animada. Na opinião de Cury (2006) a música visa "(...) desacelerar o pensamento; aliviar a ansiedade; melhorar a concentração, desenvolver o prazer de aprender, educar a emoção." (p.120)

A colega leu a história de uma forma que cativou facilmente as crianças. E optou por dialogar sobre a mesma com as crianças. Hohmann e Weikart (2004) referem que "ao ouvir o que as crianças dizem de forma atenta e interessada fica a saber aquilo que eles acham importante e aquilo em que estão a pensar." (p.396) Neste caso a colega estagiária conseguiu orientar bem o diálogo e ainda levou um peluche duma lagarta que despertou a atenção das crianças.

Terça-feira, 8 de novembro de 2011

Na presente data, o dia iniciou-se, na Área do Conhecimento do Mundo, com uma aula sobre os legumes. Nela foi explorada o conceito de horta e vegetais, feita a distinção entre fruto e legume, destacaram-se os seguintes legumes: couves, cenouras, abóboras, cebolas, batatas, alhos francês, curgetes, nabos e realçadas as suas características, e foi feita uma sopa com a ajuda das crianças.

Após o intervalo da manhã tive a oportunidade de apresentar a história *O nabo gigante* de Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey onde solicitei a participação das crianças, distribuí imagens ilustrativas das personagens da história e terminámos com a dramatização da história em que cada uma das crianças representava uma personagem e com o "nabo" feito de tecido que estava previamente escondido (figura 4).



Figura 4 - Nabo e livro utilizados na aula

Inferências e fundamentação teórica

A aula dada pela educadora foi bastante apelativa às crianças. Estas puderam conhecer alguns legumes que desconheciam e divertiram-se imenso a confeccionar a sopa. Na opinião de Figueiredo (2004) “ao conviver com os elementos da natureza as crianças enriquecem os seus conhecimentos através da experimentação directa e da aprendizagem real.” (p.163)

Esta foi a primeira vez que realizei uma atividade com o grupo. O balanço foi positivo. As crianças aderiram à atividade, principalmente à dramatização. O autor acima referido afirma que “as crianças comovem-se ao ouvir as histórias e gostam de as reproduzir utilizando a expressão dramática.” (p.27) Durante a leitura da história consegui fazer inflexões de voz e gostei bastante de contar a história. O que me faltou na parte da leitura foi a expressão facial. Na dramatização as crianças aderiram bastante bem e participaram com entusiasmo. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007)

a expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(s) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interação com outra ou outras crianças, em actividades de jogo simbólico, os diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal. (p.59)

Para um primeiro contacto com a turma penso ter corrido bem a minha atividade proposta contudo poderia ter gerido melhor o tempo, pois com a dramatização acabei por passar os vinte minutos previstos.

Sexta-feira, 11 de novembro de 2011

Neste dia de São Martinho as educadoras das duas turmas do bibe amarelo optaram por fazer um bolo de iogurte com as crianças no refeitório. À medida da sua elaboração as educadoras foram pedindo a ajuda das crianças para colocarem os ingredientes do bolo.

Tal como nos foi proposto (alunas estagiárias do bibe amarelo A e B) pelas educadoras, realizámos um teatro de sombras chinesas, na nossa sala, com a

temática “A lenda de São Martinho”. Depois de uma breve conversa com as crianças sobre a mesma as turmas foram para as suas respetivas salas para fazerem uma pregadeira a partir de “cartuchos” de papéis de lista telefónica e crepe castanho. No fim da atividade cantámos canções alusivas à data festiva.

Inferências e fundamentação teórica

Para este dia era proposto a realização de um bolo de castanhas, mas como não havia ingredientes para tal, e como algumas crianças não gostam de castanhas, as educadoras optaram por fazer bolo de iogurte. Segundo Estanqueiro (2010) “os alunos têm de participar nas actividades da aula. Abrir a aula à participação dos alunos (...) reforça a motivação e promove a aprendizagem.” (p.39) Neste caso, as crianças foram participando ativamente colocando os ingredientes para a realização da receita.

Na atividade elaborada em grupo foi fácil a organização do mesmo. O meu grupo de estágio trabalhou facilmente com o do outro bibe amarelo e optamos por realizar um teatro de sombras seguido duma atividade de expressão plástica. Pereira e Lopes (2007) referem que “as sombras estimulam a fantasia, desenvolvendo o conhecimento de um mundo irreal e são a representação desse mundo. São um veículo comunicativo, um meio de animação com potencialidades educativas e uma eficiente forma de contar histórias.” (p.60) A realização dos cartuchos para as castanhas foi realizada pelas crianças com o nosso apoio e também da educadora. Dorance (2004) considera que “ao criar objectos plásticos, a criança desenvolve o poder da imaginação e da invenção.” (p.5) Com estes cartuxos as crianças desenvolveram a imaginação ao utilizar o material para trabalhar na expressão plástica.

Segunda-feira, 14 de novembro de 2011

Este dia foi focado essencialmente nos ensaios para a Festa de Natal.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, as educadoras fizeram ensaios com as crianças para a festa de natal. As minhas e eu ajudamos em tudo o que nos foi solicitado durante o ensaio.

Para a encenação final é importante que as crianças estejam bem cientes do papel que vão ter. Na opinião de Agüera (2008) “é importante encontrar uma forma simples, divertida, e lúdica de transformar os pequenos em personagens.” (p.5) Com estes ensaios, a peça de natal fica preparada antecipadamente, o que ajuda que as crianças vão interiorizando o seu papel.

Terça-feira, 15 de novembro de 2011

Depois da roda, as crianças dirigiram-se para a sala e a educadora realizou uma aula onde falava da mobília da sala e do quarto. Nessa temática, a educadora utilizou imagens coloridas com os vários objetos presentes nesses locais tais como sofás, camas, mesas, candeeiros, brinquedos, armários entre outros. Primeiro a educadora começou por explorar a mobília da sala questionando as crianças sobre o que é suposto ser dessa divisão da casa. As crianças selecionaram as imagens correspondentes a essa divisão e trabalharam a lateralidade colocando-as no sítio onde a educadora pedia. Foram ainda feitas operações com almofadas e cadeiras da sala.

Durante a história criada pela educadora ainda exploraram a mobília do quarto onde também trabalharam a lateralidade e operações como a adição e a subtração. No fim ainda foi feita um jogo para trabalhar a memória onde a educadora trocou o sítio dos objetos e as crianças tiveram de coloca-los no local correto.

A manhã terminou com as crianças a fazerem uma ficha onde pintavam três baleias de acordo com as educações de lateralidade dadas e ainda fizeram pequenos grafismos. Durante a elaboração dessa ficha as minhas colegas e eu fizemos flores em cartolina para a festa de natal.

Inferências e fundamentação teórica

Na primeira atividade realizada pela educadora as crianças trabalharam sentadas em U no chão. Catita (2007) defende que “a casa é assim a primeira instância em que a criança se move, se desenvolve e interage.” E a criança deve “identificar cada um dos seus elementos/divisões principais, suas terminologias e funções.” (p.28)

Quanto à lateralidade, foram trabalhadas noções que por vezes as crianças têm alguma dificuldade em distinguir, daí estes exercícios. Com esta atividade a educadora conseguiu explorar várias noções espaciais onde as crianças iam arrumando as mobílias solicitadas.

A ficha realizada pelas crianças foi orientada pela educadora ao solicitar que pintassem as baleias conforme a sua indicação e seguida de grafismos elaborados pela turma. Carvalho (2011) afirma que os grafismos permitem à criança “(...) melhorar a firmeza dos seus gestos, melhorar a coordenação óculo-motora, trabalhar a mecânica de uma forma geral, gerir o espaço de uma folha, educar o olhar (...)” (p.29) Grande parte das crianças conseguiram realizar os grafismos, apesar de não utilizarem o material solicitado pela educadora.

Sexta-feira, 18 de novembro de 2011

Esta manhã foi destinada a aulas dadas por mim. Durante toda a manhã realizei várias atividades relacionadas com a temática da saúde oral. Neste dia, as crianças fizeram sempre comigo os comboios a cantar para se deslocarem entre as salas. Em primeiro lugar, na Área do Conhecimento do Mundo mostrei objetos relacionados com o tema como a escova de dentes, a pasta de dentes, o elixir, o fio dental, uma foto de um dentista e por fim uma maquete de um dente. As crianças exploraram os objetos e explorámos o tema com os mesmos. De seguida apresentei imagens de um dente saudável e outro estragado e de alimentos bons ou maus para os nossos dentes. As crianças associaram os alimentos ao respetivo dente. No final cantámos todos “um copo com água”.

Depois do recreio realizei uma atividade no domínio da Matemática. Nesta atividade apresentei imagens ilustrativas de escovas de dentes de várias cores onde realizei três situações problemáticas com adições e subtrações (figura 5). Resolvi as dúvidas das crianças e corriji alguns exercícios individualmente.

A manhã de estágio terminou com uma breve conversa com a educadora e as colegas estagiárias sobre a aula dada.



Figura 5 - *Material não estruturado (escovas de dentes)*

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de Conhecimento do Mundo as crianças mostraram-se interessadas e participativas. Primeiro optei por mostrar vários objetos relacionados com a temática. Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006) referem que se deve promover “(...) a competência da observação é tornar as crianças mais curiosas, interessadas pelos outros e pelo mundo, mais organizadas e estimuladas para questionar a sua realidade.” (p.9)

Quando as crianças passaram para as mesas, ficaram bastante entusiasmadas com o material, pois era muito colorido e apelativo. Segundo Moreira e Oliveira (2003) “as operações lógicas de conservação, classificação e ordenação têm constituído a base principal do modelo largamente utilizado para alicerçar o conceito de número e o pensamento aritmético das crianças.” (p.41) As operações que solicitei às crianças

foram na maioria elaboradas com sucesso. As crianças que iam tendo errado fui corrigindo individualmente, o que acabou por gerar um pouco de conversa e confusão na sala.

No geral penso que a minha manhã de atividades correu bem, contudo se a repetisse faria exercícios diferentes no domínio da Matemática como a divisão e explicaria para a turma em vez de individualmente como fiz.

Segunda-feira, 21 de novembro de 2011

O dia iniciou-se na sala com um jogo de sons. Uma criança tocava a pandeireta e os colegas acompanhavam com palmas. Entretanto chegou o professor de música e as crianças participaram nas canções. O professor cantou com as crianças canções alusivas ao natal e também o hino da escola.

Ao regressarem do recreio as crianças distribuíram-se pelas mesas e tiveram uma aula do domínio da Matemática com material não estruturado. O material escolhido foram pedrinhas coloridas e quatro galinhas, uma rosa, uma azul, uma branca e outra amarela. As crianças começaram por ordenar as galinhas trabalhando a lateralidade. Foi explorada a noção de quantidade, fizeram somas, subtrações e ainda a divisão com as pedrinhas associadas às galinhas imaginando que fosse ovos das mesmas.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de matemática a educadora explorou o sentido de responsabilidade, ao pedir às crianças que tivessem o maior cuidado com os ovos das galinhas para não os partirem. Com o material explorou a noção de quantidade e as crianças fizeram os exercícios corretamente. Moreira e Oliveira (2003) afirmam que “as crianças têm a noção de quantidade, reconhecendo facilmente quando há muitos e poucos objectos numa colecção. Na educação pré-escolar procura-se que as crianças expandam esta intuição quantitativa estabelecendo comparações entre objectos de duas colecções (...).” (p.119) A educadora solicitou ainda que as crianças arrumassem o material, o que é positivo pois ajuda-as a serem organizadas.

Terça-feira, 22 de novembro de 2011

Neste dia foi uma das minhas colegas de estágio que lecionou aula com as crianças. O tema principal das atividades foi a higiene. No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega contou a história *Camila não quer tomar banho* de Aline de Pétigny. Durante a história as crianças participaram com gestos e sons, e no fim houve uma breve conversa sobre a mesma. Na Área do Conhecimento do Mundo mostrou um placard de uma casa de banho onde colocou imagens das alusivas à higiene, entre elas, tomar banho, lavar as mãos, lavar os dentes, fazer chichi, pentear,

cortar as unhas, assoar-se e lavar as unhas com uma escova. Depois disso, mostrou alguns objetos relacionados com a temática da aula, como um rolo de papel higiênico, um champô, um gel de banho, um sabonete, uma escova e uma pasta de dentes e uma escova de pentear.

No fim fez um pequeno resumo oralmente e cantou com as crianças uma canção relacionada com a temática.

A terceira e última aula da manhã foi do domínio da Matemática com material não estruturado. A colega começou por distribuir uma imagem de um menino, outra de uma menina e várias imagens de sabonetes coloridos. Foi explorada a lateralidade, a adição, subtração e ainda a noção de quantidade com os sabonetes.

Inferências e fundamentação teórica

A manhã de aulas lecionada pela minha colega no geral foi bem-sucedida. Na leitura do livro as crianças mantiveram-se atentas. Antunes (2005) refere que "(...) contar histórias para crianças, desde a mais tenra infância, constitui uma prática sadia para que possam ampliar as suas inteligências linguísticas." (p.43) Depois de contar a história, as crianças fizeram algumas questões sobre a mesma, mostrando-se assim interessadas e participativas na atividade.

Na atividade seguinte, a colega colocou as imagens no chão, pelo que foi criticada da parte da educadora. Contudo, a temática foi bem abordada no geral e as crianças participaram na sua maioria com diálogo e fazendo o que a colega solicitava. De forma a melhorar essa crítica, penso que seria benéfico colocar as imagens de forma desordenada num quadro.

Sexta-feira, 25 de novembro de 2011

O dia foi marcado pelas aulas surpresa. A primeira aula que observei foi de uma das minhas colegas que teve de realizar a leitura de um livro cedido por uma Professora Orientadora da Prática Pedagógica. O nome do álbum selecionado foi *A maçã e a lagartade* Iela Mari e Enzo Mari. A colega explorou as imagens do livro com a participação ordenada das crianças.

De seguida vi uma aula surpresa no outro bibe amarelo dada por outra colega que leu a história *O cuquedode* Clara Cunha. As crianças participaram com gestos durante a leitura. Depois foi feita a dramatização desta com máscaras dos animais e a colega foi o cuquedo.

No final, as aulas surpresa foram discutidas com as respetivas educadoras, Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica e as alunas estagiárias que assistiram às aulas surpresa.

Inferências e fundamentação teórica

Para este dia, as professoras solicitaram a exploração dum livro com imagens, ou seja, um álbum. Segundo Agüera (2008) “partindo do desenho como excelente motivação, podemos fazer com que as crianças improvisem histórias simples, se bem que sempre ajudadas pelos (...) educadores.” (p.39) Neste caso, foi a estratégia escolhida pela colega estagiária, em que optou por solicitar a improvisação da história pela parte das crianças.

Na reunião foram criticadas as aulas que decorreram durante a manhã. De acordo com Alarcão e Roldão (2008) “a qualidade da supervisão surge associada ao critério: promover a capacidade de reflectir, criticamente, sobre a acção profissional”. (p.64) E com estas críticas, os professores orientam-nos para um melhor ensino e crescimento como educadoras-estagiárias.

Segunda-feira, 28 de novembro de 2011

Neste dia fui convidada a lecionar uma aula surpresa por uma das Professoras de Prática Pedagógica que me pediu para contar a história da *Galinha Ruiva* com um fantoche. Conte a história às crianças e estas participaram com sons dos animais. Depois, pedi às crianças que cantassem músicas com “galinhas”.

De seguida assisti à aula surpresa que estava a decorrer no bibe azul. A professora de Prática Pedagógica pediu para dinamizar as vogais e iniciar a lição do “v” para a turma toda. A colega começou por identificar as vogais e os ditongos “ai” e “eu” e através de letras móveis construiu palavras com esses ditongos. No final a professora pediu ainda para uma criança fazer um ditado no quadro da frase “O tio viu a bola.”.

Ainda vi uma terceira aula surpresa neste dia. Desta vez no bibe encarnado. Foi feita a dramatização com uns bonecos e as crianças participaram na atividade. No fim, todos cantaram “o porquinho foi à horta”.

O dia terminou com uma reunião entre as Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica, as educadoras titulares e todas as alunas estagiárias para falar sobre as aulas.

Inferências e fundamentação teórica

Este foi o dia em que tive a minha primeira aula surpresa. Ao contar a história tentei ser bastante dinâmica e solicitei a participação das crianças. No final não falei sobre a moral da história. Cadório (2001) refere que “o acto de ler é uma experiência sempre renovada onde se podem encontrar outros padrões, valores e modos de pensar e agir que podem ou não ser semelhantes aos nossos, podem ou não ser aceites por nós.” (p.40)

De acordo com Alarcão (1996) “a reflexão sobre a prática emerge como uma estratégia possível para a aquisição do saber profissional.” (p.154) Nesta reunião ficámos a saber pontos a melhorar nas nossas aulas surpresa e aprendemos novas estratégias de forma a poder melhorar as atividades. Quanto à minha aula foi me sugerido trabalhar uma lengalenga no final da história em vez das canções utilizadas.

Terça-feira, 29 de novembro de 2011

A manhã de estágio foi reservada para ensaios para a festa de natal. Enquanto este decorria, as minhas colegas e eu ficámos a enfeitar a sala com adereços alusivos ao natal elaborados pelas crianças juntamente com os pais. Depois dessa tarefa terminada voltámos para junto do grupo e ainda assistimos ao final do ensaio.

Posteriormente as duas educadoras do bibe amarelo foram para a sala para gravar um filme com duas crianças e nós ficámos com as restantes crianças no intervalo a brincar livremente. Essa filmagem apareceu depois na festa de natal.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia os dois bibes amarelos fizeram ensaios para a festa de natal. Durante esse tempo fomos adiantando algum trabalho relacionado com o mesmo que a educadora nos solicitou.

O restante tempo da manhã foi preenchido com brincadeiras livres por parte das crianças. Segundo Homann e Weikart (2004) “brincar é agradável, espontâneo, criativo e imprevisível. A brincadeira é para as crianças fonte de profunda satisfação, desafio, prazer e recompensa, seja barulhenta ou sossegada, suja ou ordeira, disparatada ou séria, vigorosa ou não exigindo esforço.” (p.87) As crianças ficaram um pouco agitadas por terem ficado bastante tempo no intervalo porém depois conseguiram voltar à sua rotina calmamente.

Sexta-feira, 2 de dezembro de 2011

Neste dia de *roulement* as crianças das duas turmas dos bibes amarelo e encarnado ficaram juntas para realizarem um bolo. Durante toda a manhã juntaram-se as alunas estagiárias das duas turmas do bibe amarelo para fazer material para a festa de natal como pintar caixas de cereais, colar purpurinas e terminar as flores feitas em cartolina.

Inferências e fundamentação teórica

Ao confeccionarem o bolo as crianças divertiram-se e mantiveram-se empenhadas em fazê-lo. Catita (2007) indica que devemos “(...) proporcionar à criança um conjunto de experiências orientadas de uma forma metodológica, para que ela as desenvolva,

utilizando os seus sentidos, envolvendo-se assim numa aprendizagem construtivista.” (p.7) Estas atividades de culinária em grupo são uma boa forma de trabalhar em equipa e também acompanhar uma receita e confeccioná-la.

Segunda-feira, 5 de dezembro de 2011

Este dia foi destinado fundamentalmente aos ensaios para a Festa de Natal.

Terça-feira, 6 de dezembro de 2011

Na presente data as atividades foram dirigidas por uma das minhas colegas. O tema das aulas da manhã foi o vestuário. Primeiramente, no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, ela começou por ler a história *Não tenho calor* de M. Christina Butler. De seguida passou logo para a Área do Conhecimento do Mundo onde mostrou algumas roupas para fazer a distinção entre roupas de inverno e roupas de verão. E para terminar essa aula mostrou uma imagem de um menino e de uma menina para os vestir com roupas de inverno. As crianças escolhiam somente a roupa relativa a essa estação do ano e vestiam os meninos.

Houve uma breve interrupção na aula para o ensaio da festa de natal.

Depois desse ensaio a colega lecionou aula do domínio da matemática com material não estruturado, luvas coloridas. Com essas luvas trabalhou a contagem e a noção de par fazendo pares de luvas.

Durante a hora de almoço as minhas colegas e eu ficámos a pintar um painel decorativo na sala sobre o natal.

Inferências e fundamentação teórica

A minha colega conseguiu captar a atenção das crianças ao longo da sua manhã de atividades.

Depois da leitura do livro, a colega passou logo para a atividade seguinte, sem dialogar ou fazer algo relacionado com a história. Contudo, as crianças acompanharam a aula. De acordo com Estanqueiro (2010) “o diálogo na aula é (...) uma oportunidade para o aluno desenvolver duas competências da comunicação oral, necessárias para toda a vida: saber escutar e saber falar. Aprender-se a escutar, escutando. Aprende-se a falar, falando.” (p.40)

No Conhecimento do Mundo, a colega levou imagens apelativas de roupas, que as colocou no chão, o que não é o mais correto. Martins *et al.* (2009) referem que a Área do Conhecimento do Mundo é entendida “como uma via de sensibilização às ciências, que deve proporcionar às crianças experiências relacionadas com diferentes domínios do conhecimento humano.” (p.14)

A noção de par e ímpar muitas vezes é complicada para as crianças. Neste caso a colega levou imagens ilustrativas de luvas para fazer esse cálculo mental mais facilmente. Fernandes (2005) “o cálculo mental é a capacidade de efectuar operações sem suporte, sem material de escrita, nem meios electrónicos apresentando-se apenas o resultado final e ao mesmo tempo o sentido do número.” (p.16) A maioria das crianças conseguiram através do acompanhamento da colega estagiária concretizar os exercícios.

Sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

Neste dia de *roulement* as duas turmas do bibe amarelo ficaram apenas com uma educadora. Esta começou por contar a história *Ruca faz um dói-dóide* vários autores. Depois, como estavam muitas crianças na sala, a educadora optou por dividi-las por grupos. Algumas crianças ficaram a modelar plasticina, outras foram para o cantinho dos livros, outras terminaram trabalhos do natal e ainda outro grupo brincou livremente. Nós, alunas estagiárias ficámos a terminar também trabalhos do natal.

Inferências e fundamentação teórica

Os dias de *roulement* são dias em que as crianças têm mais tempo de brincadeira livre. De acordo com Cordeiro (2007) a brincadeira livre cria a “(...) possibilidade de fazer movimentos que estimulam a motricidade larga sem andar aos encontrões aos móveis, contacto com a natureza. E estabelecimento e reforço das amizades” (p.374).

Uma das atividades desses grupos era a plasticina. O mesmo autor refere que a plasticina “(...) é uma actividade de que as crianças gostam muito, e que proporciona a oportunidade de desenvolver o tacto (...) e também de modelar: o desenvolvimento da motricidade fina é um bom resultado do uso dos materiais moldáveis.” (p.372) As crianças gostam bastante de mexer na plasticina. Todas as crianças rodaram entre os grupos para poderem fazer um pouco de tudo.

Segunda-feira, 12 de dezembro de 2011

Depois da roda as crianças dirigiram-se para a sala para ter aula de música. Enquanto esperavam pelo professor fizeram um jogo de passar a bola entre os colegas e nós, estagiárias, terminamos as caixas para a festa de natal.

Desta vez a aula de música foi dada às duas turmas do bibe amarelo juntas de forma a treinarem as músicas de natal.

A manhã terminou com o ensaio da festa de natal.

Inferências

O dia foi dedicado principalmente a ensaios de natal. Nesta altura as crianças já se sentem mais à vontade com as músicas e já sabem o que fazer durante a peça da festa de natal.

As minhas colegas e eu ficámos a tratar dos preparativos da festa. Mesmo sendo muitos dias a fazê-lo penso que foi bastante importante para conseguir fazer-se tudo a tempo e horas.

Terça-feira, 13 de dezembro de 2011

Neste dia, as educadoras das duas turmas do bibe amarelo decidiram realizar uma atividade em conjunto. Juntaram as duas turmas na cantina e auxiliaram as crianças a fazer biscoitos de manteiga para receberem no dia seguinte, depois da festa de natal. Os desenhos escolhidos para os biscoitos foram renas e estrelas.

Enquanto os biscoitos ficaram a cozer, as crianças realizaram o último ensaio no ginásio para a grande festa a realizar no dia seguinte. E durante o ensaio levámos todo o material da festa para o salão paroquial, sítio onde se realizou a festa.

Inferências e fundamentação teórica

As educadoras mantiveram-se divertidas a confeccionar os biscoitos com as crianças. Mesmo sendo uma altura de grande azáfama por causa dos ensaios de natal, as educadoras conseguiram sempre ter uma boa relação com as crianças, de forma a cativá-las. Estanqueiro (2010) “o prazer de ensinar revela-se e, certos sinais de comunicação: postura descontraída, tom de voz firme, ritmo de fala animado, gestos vivos, contacto visual com os adultos, brilho nos olhos e bom humor.” (p.32)

Depois de ajudarmos nos biscoitos, fomos levar o material para o salão. A nossa ajuda foi importante, para as educadoras poderem ficar focadas nos ensaios e não terem de se preocupar com os materiais.

Quarta-feira, 14 de dezembro de 2011

Neste dia, embora não fosse dia de estágio, dirigi-me ao Jardim-Escola para ajudar na festa de natal. A festa realizou-se no Salão Paroquial da Igreja, perto do Jardim-Escola. Inicialmente, as minhas colegas e eu, recebemos as crianças que iam chegando e ajudámos a vesti-las. Estivemos presentes no palco durante as canções de natal, o hino da escola João de Deus e o hino nacional. Depois disso as crianças apresentaram a festa sobre os sentimentos “amor”, “alegria” e “solidariedade”. Aí ajudámos a montar cenários e encaminhámos as crianças para os respetivos lugares. No final levámos as crianças e os familiares até ao Jardim-Escola e na sala houve um lanche e entrega dos trabalhos alusivos à data festiva.

Inferências e fundamentação teórica

Este foi um dia muito aguardado pelas crianças. Depois de tantos ensaios chegou finalmente o dia da festa de natal. Segundo Agüera (2008) “as festas e celebrações constituem actos extras, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a autoestima, a colaboração e a integração das crianças.” (p.73)

Todas as crianças participaram na festa e nós, alunas estagiárias, cantámos com eles ao início e depois durante a apresentação fomos ajudando naquilo que nos foi solicitado.

Sexta-feira, 17 de dezembro de 2011

No último dia de estágio do bibe amarelo tive a oportunidade de contar uma história através de um peluche de um pinguim. A história chama-se *Quando a mãe gritade* Jutta Bauer e foi contada sem livro mas com um peluche desmontável tal como fala na história. No fim, eu e as crianças falámos da moral da história e todos tiveram a oportunidade de mexer no pinguim.

O segundo tempo da manhã foi dedicado a fichas com grafismos, dobragens e ainda uma para pintar imagens iguais.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia dei uma aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita onde optei por contar a história. Hohmann e Weikart (2004) defendem que “contar histórias em vez de ler um livro é uma maneira divertida de usar a linguagem com inflexões de voz e gestos.” (p.548) Neste casos os gestos foram acompanhados do peluche.

Segundo Cury (2006) “para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição.” (p.133) Durante a história já consegui fazer uma melhor expressão facial, que tenho vindo a tentar melhorar.

As crianças ficaram espantadas quando observaram que o peluche se desmontava, mas depois perceberam que dava para montar novamente. Gostei bastante de dar esta aula pois as crianças participaram e foi um material diferente e apelativo.

1.2. Secção 2 – Bibe Encarnado (4 anos)

1.2.1. Caracterização da turma

A turma do bibe encarnado é constituída por vinte e nove alunos, dos quais dezasseis são rapazes e treze são raparigas. As idades das crianças são relativamente homogéneas, todas nasceram entre janeiro e dezembro de 2007.

Esta descrição da turma foi feita com apoio no documento gentilmente cedido pela educadora.

A turma não revela grandes disparidades de aprendizagem e comportamento, embora existam algumas crianças com mais dificuldades e outras mais desenvoltas. Os alunos são bastante interessados, colaborativos e participativos nas atividades.

A nível afetivo, a turma revela-se sem grandes problemas de relacionamento entre os elementos que a constituem. Há alunos mais extrovertidos e comunicativos e outros que só comunicam se forem solicitados.

O nível socioeconómico da turma apresenta-se médio alto.

1.2.2. Caracterização da sala

A sala do bibe encarnado fica situada no salão. O salão é um local de passagem para variados espaços, como o *hall* de entrada, as salas das duas turmas do bibe castanho, as salas das duas turmas do bibe azul, o refeitório, a cozinha, a sala do bibe azul-turquesa, uma das casas de banho, e ainda uma saída para o recreio.

O salão é bastante amplo e está dividido em duas partes através de um biombo, cada uma dessas partes corresponde à sala de uma turma do bibe encarnado. O biombo serve não só de separação mas também de quadro e de fantocheiro.

No lado do salão da turma do bibe encarnado onde estagiei existem cinco mesas hexagonais denominadas pela educadora e alunos conforme as cores das suas respetivas cadeiras (amarelo, azul, verde, encarnado e arco-íris). Existem também quadros onde são expostos alguns trabalhos dos alunos e também os seus aniversários. Há um armário onde se guardam os materiais da educadora e das crianças.

Nesta sala existe ainda um cantinho da cozinha, uma estante com livros para as crianças, um baú para arrumação, gavetas onde as crianças guardam os seus trabalhos e um saco onde guardam os seus brinquedos.

Este espaço tem muita luz natural devido ao fato de um dos lados do salão ser repleto de janelas. As paredes são decoradas com pinturas e trabalhos relacionados com a data festiva ou estações do ano, trabalhos esses feitos em casa com a família.

1.2.3. Horário da turma

No seguinte quadro (quadro 3) encontra-se o horário da turma do bibe encarnado (4 anos) onde estagiei.

Quadro 3 – Horário da turma da faixa etária dos 4 anos (bibe encarnado)

	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
1.º tempo (manhã)	Acolhimento às crianças				
	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática Cerâmica (9h30/10h45)
		Educação Musical (10h30/11h)			
	Horário do conto: estimulação à leitura/teatro de fantoches				
	Suplemento alimentar Recreio orientado e livre				
	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Ginástica (10h50/11h50)
12h	Higiene pessoal/Almoço				
2.º tempo (tarde)	Recreio orientado e livre				
	Grafismos Pré-Escrita	Informática (14h/16h) Picotagem/dobragem	Rasgagem Colagem	Atividades plásticas	Clube europeu/Experiências
	Modelagem com terracota e outros materiais	Enfiamentos Entrelaçamentos	Estruturação espacial	Desenhos livre/orientado	Puzzles e jogos de mesa
16h	Lanche				

1.2.4. Rotinas

As rotinas do bibe encarnado são semelhantes às do bibe amarelo, com exceção da sesta. Estas crianças não dormem depois de almoço, em vez disso, brincam no recreio do Jardim-Escola.

1.2.5. Relatos diários

Segunda-feira, 2 de janeiro de 2012

O primeiro dia no bibe encarnado com foi passado com a educadora titular da outra turma porque era dia de *roulement*. No início da manhã os dois grupos do bibe encarnado fizeram jogos de mesa.

Posteriormente, as crianças ouviram uma história contada pela educadora e de seguida fizeram um jogo com as alunas estagiárias chamado “Que linda falua”.

Inferências e fundamentação teórica

A maioria da manhã foi ocupada por jogos de mesa. Siraj-Blatford (2004) defende que “os jogos podem ser usados como um veículo para desenvolver as capacidades sociais das crianças e proporcionar-lhes uma actividade agradável, de modo a que se sintam encorajadas a participar em jogos ao longo da vida.” (p.99) Com estes jogos as crianças puderam não só manter-se entretidas e divertidas mas também desenvolver algumas capacidades de forma agradável.

De seguida, foi nos proposto realizar o jogo “que linda falua”. Segundo Hohmann e Weikart (2004) “é frequente que as canções se encaixem nas brincadeiras que as crianças estão a fazer.” (p.670) As crianças não conheciam a música nem o jogo e ficaram algum tempo divertidas connosco, o que numa primeira abordagem com a turma foi bastante positivo.

Terça-feira, 3 de janeiro de 2012

Após as canções de roda, as crianças tiveram uma aula do domínio da Matemática com o material estruturado 4.º Dom de Fröbel (figura 6) para relembrar algumas construções. A educadora começou por perguntar quantos paralelepípedos tem uma caixa e quantos teriam duas caixas. Depois pediu as seguintes construções: muro do jardim, cadeirão, uma cadeira e uma mesa, uma cadeira e duas mesas, cama, carrocel e escadas duplas.

Antes do intervalo, a educadora dialogou com as crianças sobre as férias do natal e as prendas recebidas.

No segundo tempo da manhã, as crianças participaram na aula de música. O professor começou por fazer uma breve conversa sobre as férias e as crianças participaram também partilhando as suas férias. E de seguida cantaram a música “o nosso galo” a uma e duas vozes. Nós, alunas estagiárias participámos também a fazer a segunda voz.



Figura 6 - 4.º Dom de Fröbel

Inferências e fundamentação teórica

O 4.º Dom de Fröbel é feito de madeira e é constituído por oito paralelepípedos que vêm dentro de uma caixa cúbica. Este material é apropriado a crianças a partir

dos quatro anos de idade. Caldeira (2009) refere que este material tem interesse pedagógico, podendo ser utilizado para “desenvolvimento da linguagem e do vocabulário; desenvolvimento da criatividade; lateralização; motricidade fina; desenvolvimento corporal; noção de equilíbrio; noção de ordem; aquisição de hábitos; indicação de noções básicas para o desenvolvimento da matemática: quantidade, situações problemáticas, formas geométricas.” (p.255)

Neste dia a educadora optou por lembrar as construções possíveis de se fazer com este material para perceber quais as crianças que não estavam lembradas das mesmas. Na maioria, a turma conseguiu fazer as construções, embora algumas tivessem feito por imitação ou com apoio da educadora.

O diálogo com as crianças é fundamental. De acordo com Hohmann e Weikart (2004) devemos ter“(…) conversas genuínas com as crianças.” E acrescenta que “as conversas que são honestas e sinceras em vez de didáticas e formais ajudam as crianças a construir relações de confiança com os adultos.” (p. 604) O momento de diálogo sobre o natal foi bastante rico e todas as crianças puderam oportunidade de falar.

Na aula de música para além das crianças participarem também nós, alunas estagiárias pudemos fazê-lo. A turma ficou surpreendida com a nossa participação mas penso que foi importante pois assim sentimo-nos mais integradas com o grupo.

Sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Este dia foi marcado pelas aulas surpresa solicitadas pelas Professoras Orientadoras de Prática Pedagógica. A primeira aula surpresa que assisti foi de uma colega do meu grupo de estágio, que deu a sua aula no bibe amarelo. Como da última vez estava afónica e não pode dar aula surpresa foi solicitada desta vez nessa mesma sala. A aula foi do domínio da Matemática e com material alternativo, 3 galinhas por criança, pedrinhas e utilizou também os ferrinhos. A colega começou por trabalhar a lateralidade ordenando as galinhas e depois contou uma história onde ia somando e subtraindo ovos, representados pelas pedrinhas.

De seguida assisti à aula surpresa duma colega no bibe encarnado com o material estruturado Cuisenaire (figura 7) para trabalhar quantidades até cinco. A colega optou por fazer o jogo dos comboios, reconheceu o valor as peças e tentou associá-las a peças brancas.

A manhã de estágio terminou com uma reunião entre as Professoras de Prática Pedagógica, as educadoras titulares e todas as alunas estagiárias para falar sobre as aulas.



Figura 7 - *Cuisenaire*

Inferências e fundamentação teórica

A primeira aula assistida foi um pouco repetitiva na estratégia. A própria história foi sempre baseada numa galinha que punha ovos e que os partia, para fazer exercícios de somas e subtrações.

A aula surpresa da outra colega estagiária foi com base no material estruturado Cuisenaire. Este material é constituído por pequenas barras coloridas de diferentes tamanhos. Segundo Alsina (2004 como citado em Caldeira 2009) o Cuisenaire é principalmente “adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas.” O mesmo autor refere ainda que “são um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental... para introduzir e praticar as operações aritméticas.” (p. 126) Com este material as crianças podem realizar atividades que proporcionam situações ilustrativas onde as crianças trabalham principalmente o cálculo. (Alsina, 2004, p.34)

As crianças mostraram-se interessadas durante a aula surpresa, construindo os comboios solicitados.

Segunda-feira, 9 de janeiro de 2012

Neste dia, as educadoras das duas turmas do bibe encarnado decidiram realizar uma atividade em conjunto. Juntaram as duas turmas no refeitório e fizeram bolo-rei. Esta atividade era para ser feita na sexta-feira anterior, dia de reis, mas devido às aulas surpresa não foi possível realizar-se, então a atividade foi feita neste dia.

De regresso do intervalo metade das crianças dirigiram-se à informática e a outra metade ficou no salão a fazer a dobragem de um barco para uma ficha. Depois trocaram, o segundo grupo foi à informática e o primeiro fez a dobragem do barco para a ficha.

Inferências e fundamentação teórica

A atividade de culinária foi feita com o auxílio de todas as crianças. Ao fazer a receita do bolo-rei as crianças realizam trabalho prático. Segundo Lima (2001) o trabalho prático “aplica-se a todas as situações em que o aluno está activamente envolvido na realização de uma tarefa, que pode ser ou não de tipo laboratorial”

(p.36) Com este trabalho prático as crianças puderam também desenvolver o trabalho colaborativo, ao juntar-se à outra turma e partilhar as tarefas de efetuar a receita.

As aulas de informática são sempre atividades muito esperadas pelas crianças, pois estas gostam muito de ir para os computadores. As Tecnologias de Informação e Comunicação, podem, segundo Silveira-Botelho (2009), “se convenientemente exploradas, ser um excelente instrumento educativo.” (p.114) Neste dia a atividade foi baseada num jogo de encaixe de peças do material Tangram. A mesma autora refere ainda que “o grande contributo do computador parece situar-se ao nível do desenvolvimento do pensamento geométrico e espacial, favorecendo o desenvolvimento de conceitos de simetria, padrões, organização espacial, entre outros.” (p.117) O jogo foi elaborado pela maioria das crianças com facilidade, devido ao facto destas conhecerem o jogo, contudo, algumas crianças pediram ajuda para realizar alguns exercícios.

Terça-feira, 10 de janeiro de 2012

O dia começou com uma aula do domínio da Matemática através do 3.º e 4.º Dons de Fröbel. A educadora criou uma história para ligar as várias construções, mobília do quarto, mobília da sala, tanque e camioneta. As crianças puderam fazer operações de adição e subtração utilizando os referidos Dons e também com a ajuda de palhinhas. Foi trabalhada ainda a divisão com vários exemplos, como rebuçados, bonecas, peluches, almofadas entre outros.

O segundo tempo da manhã foi ocupado pelo professor de música, onde as crianças cantaram diversas canções.

Neste dia pudemos combinar as datas para as aulas lecionadas neste bibe.

Inferências e fundamentação teórica

As histórias contadas nas atividades lecionadas com este material ajudam a que a criança vá seguindo a informação de um forma atenta e apelativa. De acordo com Caldeira (2009):

(...)é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.255)

A educadora utilizou a história para conduzir os exercícios e desta forma manteve as crianças sempre atentas.

Houve uma criança que mostrou algumas dificuldades em resolver um dos exercícios, então a educadora optou por utilizar as palhinhas para ajudar no raciocínio e também para a criança poder explicar o exercício. Alsina (2004) defende que “é importante levar os alunos a exprimirem verbalmente tanto os processos seguidos

como os resultados obtidos.” (p.12) Neste caso, a criança utilizou as palhinhas e também o discurso oral para explicar se entendeu o exercício.

Na aula de música, as crianças cantaram alegremente como habitual.

Sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

A manhã foi iniciada com uma aula do domínio da Matemática com o Cuisenaire e algum material de apoio, uma imagem de um menino para os rapazes, uma imagem de uma menina para as raparigas e para todos uma imagem de uma abelha e uma bola pequena de plasticina. A educadora começou por pedir às crianças para fazerem a escada crescente com o material e depois solicitou a participação das crianças pedindo para ler a escada por cores e seguidamente por valores. Em seguida trabalhou a associação do número à quantidade, a noção de quantidade, o sentido do número e algumas operações através de uma história em que os meninos, as meninas e a abelha andavam a jogar a bola nos degraus. A subtração foi trabalhada de várias formas e ainda foi explorada a adição subindo os degraus na história. Posteriormente, a educadora pediu para ficarem só com as imagens e colocarem a escada no monte das peças. A educadora realizou um jogo onde as imagens escolhidas faziam uma corrida de forma a associar as imagens às peças do Cuisenaire. No final as crianças arrumaram o material, como habitual.

Depois do intervalo a educadora abordou o tema da água da Área do Conhecimento do Mundo. Primeiro leu a história *a gota gotinha* de Zacarias onde fala do ciclo da água. Se seguida apresentou a água nos vários estados para as crianças poderem observar e entender. A educadora realçou as características da água e explicou de que modo estas se podem alterar. Em primeiro lugar colocou um pouco de açúcar num copo com água que esta passasse a ter sabor. Depois, noutra copo com água colocou tinta azul e esta ficou com cheiro e com cor. A educadora explicou ainda que a água não tem forma mas adapta-se às formas dos recipientes onde se coloca. E a atividade terminou com o jogo “flutua ou não flutua” onde colocou num recipiente com água alguns objetos para experimentar. Os objetos escolhidos foram uma chave, uma bola de plasticina, um barco de plasticina, um ovo de plástico, uma bola de papel de alumínio, uma rolha de cortiça, uma batata, uma maçã, um ovo, um limão e ainda um barco de papel.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula a educadora abordou diversos conteúdos científicos recorrendo a uma metodologia de trabalho prático. Falou das características da água, como não ter cor, odor ou sabor, do facto de a água não ter forma própria e da fluabilidade de diversos objetos na água. Martins *et al.* (2009) referem que “(...) o(a) educador(a) deve

promover um ambiente em que as crianças possam apreciar a ciência e construir experiências positivas em relação a ela, visto que as imagens se constroem desde cedo e a sua mudança não é fácil.” (p.13) Esta aula foi bastante divertida para as crianças. Estas gostam bastante de aulas com trabalho prático pois assim podem aprender de uma forma lúdica.

Segunda-feira, 16 de janeiro de 2012

No início da manhã as crianças começaram por participar numa atividade do domínio da Matemática onde foram utilizadas palhinhas e algarismos móveis. A educadora contou uma história onde foi solicitando a participação das crianças tirando palhinhas e chamando algumas crianças ao quadro para fazer a representação das operações trabalhadas na aula. Desta forma, a educadora conseguiu trabalhar a soma, a subtração, a noção de quantidade, o sentido do número e ainda os sinais de maior, menor e igual, comparando o número de palhinhas que tinham. No fim as crianças puderam fazer uma construção com as palhinhas a seu gosto.

Em seguida a turma dividiu-se em dois grupos. Um dos grupos dirigiu-se para a informática, o outro grupo permaneceu na sala a elaborar uma ficha sobre o algarismo sete em que trabalharam o grafismo do algarismo e colaram papelinhos num exemplar do mesmo. Passado algum tempo, os grupos trocaram.

Inferências e fundamentação teórica

A aula do domínio da Matemática foi bastante completa, pois com este material, a educadora conseguiu fazer atividades variadas com diversos objetivos. Em relação aos sinais de maior, menor e igual, Moreira e Oliveira (2003) referem que “a manipulação concreta de objectivos e a ajuda da recta dos números continua a ser essencial na consolidação deste tipo de competências, apesar de se esperar que a criança adquira a imagem mental da recta numérica.” (p.137) Acrescentando ainda que “este tipo de apoios devem estar sempre presentes e ao alcance da criança para esta, se o desejar, os poder utilizar, nomeadamente, na justificação do seu raciocínio.” (p.137) As crianças nesta idade não recorrem à reta dos números para diferenciar esses sinais mas vão criando um raciocínio mental para tal. No final da atividade, as crianças ficaram muito felizes ao poderem brincar livremente com o material, chamando-nos para ver as construções executadas.

A ficha realizada pelos alunos era baseada na colagem de papelinhos. De acordo com Lima (2001) a colagem desenvolve a “coordenação de movimentos estreitos.” (p.133) As crianças realizaram a atividade, apenas tiveram alguma dificuldade no grafismo do algarismo sete.

Terça-feira, 17 de janeiro de 2012

Neste dia a educadora iniciou um material estruturado, o Tangram (figura 8). As crianças começaram por explorar as peças, destacando as suas características. De seguida contou a lenda desse material de forma a dar a conhecer o Tangram às crianças e depois estas tiveram um tempo para brincar livremente com as peças. Depois a educadora pediu para as crianças tentarem fazer com as sete peças um quadrado. E a educadora orientou no quadro a forma de construir um quadrado utilizando todas as peças do Tangram. Tendo em conta que era aula de iniciação a educadora terminou a atividade dando mais uma oportunidade de brincarem com o material.

No segundo tempo da manhã a educadora contou aos alunos a história “a princesa e a ervilha” da caixa das histórias que é construída por histórias transcritas pelos pais das crianças. Depois do texto as crianças dirigiram-se ordenadamente ao quadro para elaborar um puzzle que esta história trazia.

Posteriormente as crianças participaram na aula de música onde ouviram uma história com música do livro *a menina de pedrade* autor desconhecido.



Figura 8 - Tangram

Inferências e fundamentação teórica

O Tangram é constituído por sete peças, das quais cinco têm a forma de triângulos de diferentes formas e tamanhos, uma tem a forma de um quadrado e outra de um paralelogramo. Esse material foi explorado pela primeira vez, daí a educadora ter dado duas oportunidades para brincarem com o material. Segundo Moreira e Oliveira (2003) “quando brincam com essas peças, elas movem-nas dando origem a diversos arranjos, o que pode constituir uma fonte para desenvolver a orientação e visualização espacial.” (p.93) É fundamental que as crianças brinquem numa fase inicial com as peças, para poderem ambientar-se ao material, ver as diversas formas como se pode utilizar estimulando também assim a criatividade.

A educadora utiliza as histórias que os pais transcrevem como um intercâmbio de promoção à leitura. Cadório (2001) refere que se “deve ter o cuidado de despertar e estimular a sensibilidade, a imaginação, o sonho, o espírito crítico, a autonomia e

ainda ser um bom leitor.” (p.43) Desta forma tanto a educadora como os pais despertam e estimulam para a leitura.

A aula de música neste dia foi aliada à leitura de uma história onde se inseriam músicas. Algumas crianças ficaram com medo mas o professor conseguiu com que essas crianças ficassem a gostar da história e não com medo da mesma.

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Na presente data a educadora iniciou um novo material do domínio da Matemática, os Calculadores Multibásicos (figura 9). Eu e as minhas colegas estagiárias ajudámos a distribuir duas caixas por cada mesa de seis crianças, de forma a cada criança poder ficar com uma placa. Em primeiro lugar a educadora abordou as regras do material, como não arrastar as placas e não colocar os dedos nos furos das peças nem nos das placas. De seguida explicou quais as cores relativas a cada furo e a sua ordem de colocar. A educadora começou por um exemplo simples com uma peça azul, uma encarnada, uma verde e outra amarela, nos furos correspondentes. Todas as crianças repetiram o exemplo com o seu material e de seguida limparam as placas. Depois deu um segundo exemplo para explicar um pouco o jogo das torres, começando por perguntar quantas torres as crianças viam, qual a torre mais alta, qual a mais baixa, se havia torres com a mesma quantidade de peças, entre outras perguntas. No final as crianças puderam brincar com as peças desde que as colocassem as cores nos respetivos furos. Durante esta parte da aula a educadora foi corrigindo alguns alunos que não tinham as cores corretas questionando ao resto da turma, de forma a serem eles a corrigir as placas.

Seguiu-se a aula da Área do Conhecimento do Mundo sobre o sistema solar. A educadora começou por relembrar um vídeo sobre o tema onde falava dos oito planetas, de asteróides, de estrelas, dos cometas e todos foram astronautas naquele dia. De seguida apresentou uma maquete sobre os planetas onde explicou que estes giram à volta do sol. Como na maquete ainda existia Plutão, a educadora explicou que agora este é um planeta anão. A aula terminou com um vídeo com música onde as crianças podiam aprender a ordem dos planetas.



Figura 9 - *Calculadores Multibásicos*

Inferências e fundamentação teórica

As crianças apreenderam bem o material, mesmo sendo um material novo, na sua maioria conseguiram resolver os exercícios solicitados.

O material Calculadores Multibásicos é composto por três placas com cinco furos em cada uma delas. Duas dessas placas são da mesma cor e outra de cor diferente, que normalmente corresponde à placa do resultado. Cada furo das placas corresponde a peças de diferentes cores. Caldeira (2009) refere que este material tem variados interesses pedagógicos, entre eles a “exploração de atributos; associação e comparação; contagem de quantidades; ordenação; jogos em várias bases; compreensão do sistema decimal; valores de posição (classes e ordens); leitura de números inteiros; introdução da base decimal (...); operações aritméticas (...); situações problemáticas.” (p.188)

Na aula de sobre a temática do sistema solar as crianças dialogaram sobre tudo o que já tinham aprendido previamente. Catita (2007) refere que este tema normalmente é “menos estimulante para as crianças” por isso “o educador terá de recorrer à sua imaginação na procura de actividades que os tornem mais aliciante.” (p. 154) Neste caso as crianças aderiram bem aos vídeos e acompanharam com diálogo. O último vídeo com a música da ordem dos planetas foi onde as crianças participaram mais cantando alegremente.

A maquete utilizada pela educadora não estava atualizada mas esta lacuna foi colmatada pela educadora explicando aos alunos que Plutão agora é um planeta anão devido às suas dimensões.

Segunda-feira, 23 de janeiro de 2012

O dia começou com uma aula do domínio da Matemática recorrendo ao Cuisenaire. Primeiramente, a educadora lembrou as regras do material e também do jogo dos comboios. De seguida iniciou o jogo dos comboios através da estação que vale cinco unidades, pedindo para fazer cinco comboios para a estação amarela. E depois pediu comboios para a estação que vale dez unidades, peça laranja.

No segundo tempo da manhã a turma dividiu-se em dois grupos, como habitual. Um grupo teve aula de informática onde trabalharam a aplicação *paint* e o outro esteve na sala a pintar uma ficha. Passado algum tempo, os grupos trocaram.

Neste dia, as minhas colegas estagiárias e eu tivemos de sair mais cedo devido à reunião com as professoras cooperantes da Prática Pedagógica.

Inferências e fundamentação teórica

A aula do domínio da Matemática foi baseado no jogo dos comboios que tem como principal objetivo a decomposição dos números. De acordo com Caldeira (2009)

“as crianças devem ser estimuladas a fazerem comboios com várias carruagens.” (p.137) Desta forma, as crianças desenvolvem o raciocínio matemático em relação à decomposição dos números.

As crianças gostam de pinturas. Lima (2001) refere que ao pintar desenvolve-se a “coordenação dos movimentos estreitos; dentro x fora e fronteira; reconhecer diferentes regiões num desenho; representação gráfica de dentro e fora.” (p.131) Nesta atividade as crianças mantiveram-se empenhadas e tentaram, na sua maioria, pintar cumprindo as regras, de forma a reconhecer as diferentes regiões num desenho.

Terça-feira, 24 de janeiro de 2012

A manhã foi iniciada com os Calculadores Multibásicos na aula do domínio da Matemática. Os alunos trabalharam a pares, uma criança ficou com os calculadores e outra ficou com algarismos móveis. A educadora deu um exemplo de um exercício onde dialogou sobre as torres da placa. De baixo de cada torre colocavam o algarismo correspondente, por exemplo, colocar quatro peças amarelas no primeiro furo do lado direito e por baixo o algarismo quatro. De seguida a educadora explorou as torres de forma a colocá-las do mesmo tamanho, somando ou subtraindo peças. No fim, as crianças tiveram oportunidade de brincar livremente com o material.

Depois do intervalo as crianças assistiram a uma aula da Área do Conhecimento do Mundo, onde abordaram o tema do planeta Terra. A educadora explicou o movimento de translação e de rotação através de uma maquete onde colocou uma bolinha de plasticina para verem que o planeta terra deu uma volta sobre si próprio. Para representar o sol, a educadora utilizou uma lanterna e projetou-a para o nosso planeta. Através dessa representação a educadora explicou a diferenciação do dia e da noite e para concluir mostrou um vídeo onde dava uma explicação sobre o mesmo assunto.

No final da manhã as crianças participaram numa aula de música onde falaram do livro abordado na última aula.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar de ser a segunda vez que as crianças trabalharam com os Calculadores Multibásicos, estas mantiveram-se atentas e demonstraram ainda reconhecer as cores das peças nos respetivos furos.

No que diz respeito à aula da Área do Conhecimento do Mundo, de acordo com Catita (2007) um dos objetivos a atingir com essa temática é “levar a criança a explorar e entender a sequência temporal dos acontecimentos do seu dia-a-dia em associação com o ritmo da Natureza” de forma a que as crianças saibam “identificar cada um dos períodos principais do dia, associando-os aos fenómenos do Meio Físico

e Social que os caracterizaram.” (p.203) Através da maquete e da participação das crianças, estas conseguiram entender os movimentos do nosso planeta e o vídeo concluiu o tema fazendo um pequeno resumo através de desenhos animados.

Sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Neste dia ocorreu a minha aula surpresa, avaliada por uma das professoras da Prática Pedagógica, tendo-me sido solicitada uma aula do domínio da Matemática utilizando o Cuisenaire sobre o sentido do número, operações e ainda os números ordinais. Comecei a aula por distribuir uma imagem de uma abelha e de um menino para os rapazes e de uma menina para as raparigas. De seguida solicitei às crianças para fazerem a escada crescente, dialoguei sobre a ordem as peças e pedi para lerem a escada por cores e depois por unidades. Fiz ainda um jogo com os bonecos onde subiam e desciam degraus para trabalhar as operações, neste caso a adição e a subtração. E fui explicando os números ordinais na ordem em que estavam os bonecos ou na ordem das peças. Neste dia havia menos crianças na turma porque muitas tinham faltado devido a uma virose.

Seguidamente, assisti à aula surpresa de uma das minhas colegas de estágio na mesma turma. Uma das professoras de Prática Pedagógica pediu-lhe para dar uma aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita através do livro *Uma noite barulhentade* Jane Chapman e Diana Hendry. A colega começou por fazer uma estratégia de retorno à calma, cantando uma música com as crianças. Depois começou a ler a história com a participação das crianças com sons e gestos. Como atividade depois do livro, a colega optou por ensinar a lengalenga “o rato roeu a rolha da garrafa do rei da Rússia” repetindo-a até as crianças saberem acompanhar.

Posteriormente, fui observar uma outra aula surpresa, também do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita mas na outra turma do bibe encarnado. A colega leu a história *Vem aí o lobo* de NickWardsolicitando a participação dos alunos com gestos e depois cantou uma canção com as crianças.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula surpresa iniciei os números cardinais através da ordem dos degraus da escada. Segundo Moreira e Oliveira (2003) existem “outras actividades que ajudam na edificação do princípio da cardinalidade são os jogos em que cada criança tem de ir buscar ou mostrar um determinado número de objectos.” (p.125) Apesar de ter procurado adotar uma estratégia que tinha observado numa aula da educadora, a atividade tornei-me um pouco repetitiva e podia ter mudado a estratégia. Uma boa estratégia que poderia ter utilizado era elaborar alguns exercícios do jogo dos comboios para realizar operações.

Na aula surpresa, depois da leitura da história, a colega recorreu a uma lengalenga. Segundo Agüera (2008) as lengalengas “pelas suas características, pela sua simplicidade, pelo seu ritmo e musicalidade, são uma boa estratégia para as crianças.” (p.29) Neste caso a colega podia ter utilizado diferentes formas de dizer a lengalenga, de forma a tornar a atividade mais dinâmica, como por exemplo mais rápido, lentamente, batendo palmas entre outras estratégias.

A última aula surpresa que assisti a colega teve um tom de voz baixo, mas apesar disso as crianças acompanharam a história. A música escolhida não era conhecida pelas crianças, estas tentaram acompanhar mas não conseguiram totalmente.

Segunda-feira, 30 de janeiro de 2012

Na primeira parte da manhã a educadora optou por lembrar as construções do 3.º Dom de Fröbel. As construções escolhidas foram as duas colunas, o muro baixo, o muro alto, a cama, o cadeirão do avô, as cadeiras e a mesa, a ponte, o comboio, as duas cruzes, a coluna com base a ainda o cruzeiro.

Seguidamente, a turma dividiu-se em dois grupos. Um grupo teve aula de informática e o outro permaneceu na sala onde trabalharam a noção de número. Na ficha tinham de pintar as joaninhas com cinco pintas de amarelo, as de seis pintas de encarnado e as de sete pintas de azul. Depois trocaram os grupos e no fim a turma foi almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

A ficha elaborada pelas crianças pretendia trabalhar a quantidade de pintas em cada joaninha. Moreira e Oliveira (2003) referem que “as competências numéricas são desenvolvidas desde cedo e de forma informal e lúdica.”, acrescentando ainda que é “igualmente importante é criar experiências especificamente dirigidas para a construção do sentido do número.” (p.113) Com esta ficha, as crianças conseguiram, na sua maioria, distinguir algumas quantidades tendo desenvolvido o sentido do número.

Terça-feira, 31 de janeiro de 2012

O dia começou com uma aula do domínio da Matemática com Cuisenaire e algarismos móveis no quadro. A educadora lembrou as regras e de seguida fez o jogo dos comboios. Primeiramente pediu às crianças para fazer três comboios só com duas carruagens para a estação amarela. Pediu às crianças para dizer os seus comboios, fazendo a soma das peças e associando-a à cor da peça da estação. Três crianças mostraram um dos seus comboios para fazer a representação numérica no quadro com os algarismos móveis.

No segundo tempo da manhã as minhas colegas e eu, mais a educadora fizemos pintura com berlindes com as crianças.

A manhã terminou como habitualmente às terças-feiras com uma aula de música com o professor onde as crianças puderam participar cantando.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, a educadora resolveu utilizar a representação das operações no quadro. De acordo Moreira e Oliveira (2003) “o sentido do número desenvolve-se construindo relações entre os números.” (p.135) Com esta atividade, as crianças trabalharam com os Algarismos, construindo números para as operações.

A atividade da pintura com berlindes foi muito interessante. As crianças sorriam e queriam fazer novamente. Foi uma descoberta para elas, pois nunca tinham feito algo assim. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) “(...) a utilização de materiais de diferentes texturas, vários tipos de papel e pano, lãs, linhas, cordel, aparas de madeira, algodão, elementos da natureza, etc. são meios de alargar as experiências, desenvolver a imaginação e as possibilidades de expressão.” (p.63) Esta ideia que nos surgiu em utilizar berlindes na pintura foi bastante criativa e as crianças aderiram.

Sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012

No presente dia, ocorreram as aulas que planifiquei para uma manhã, cujo tema central consistiu na lua. Iniciei a manhã com a aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita lendo o livro *Papá, por favor apanha-me a lua* de Eric Carle e depois dialoguei com as crianças sobre a história e a lua.

Seguiu-se a aula da Área do Conhecimento do Mundo que se dividiu em três partes. A primeira foi abordada através de uma maquete que tinha o planeta terra, a lua e o sol onde mostrei como se podia observar as diferentes fases da lua. Na segunda parte explorei um *powerpoint* com as crianças para verem as imagens das fases da lua e no fim mostrei um vídeo para dar uma melhor explicação. No fim, as crianças dirigiram-se para os seus lugares, na área das mesas, onde estiveram a montar um *puzzle* com a imagem das quatro fases principais da lua. À medida que foram terminando o *puzzle*, mostrei uma caixa elaborada por mim com quatro aberturas onde podia observar as fases da lua (figura 10).



Figura 10 – Caixa das fases da lua

A manhã terminou com uma aula do domínio da Matemática com o Cuisenaire e algum material não estruturado, como imagens de um menino, de uma menina e a imagem da lua. Comecei por solicitar às crianças que fizessem a escada crescente com as peças e que colocassem a lua na peça laranja. Nesta aula pedi às crianças que lessem a escada por valores e por cores e fiz adições e subtrações subindo e descendo com os bonecos até chegarem à lua, através de uma história.

Inferências e fundamentação teórica

A minha aula sobre a temática da lua correu bem no geral. Este tema foi escolhido com base no que as crianças estavam a aprender na altura. Haigh (2010) defende que devemos fazer “ligações com aprendizagens anteriores” e acrescenta ainda que podemos fazer ligações também “com outras matérias e com as próprias experiências dos alunos.” (p.37)

Na aula de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita poderia ter feito algo mais sem ser o diálogo sobre a história, como por exemplo recontar a história, ou alguma atividade plástica sobre a mesma.

No Conhecimento do Mundo, de início baralhei as fases da lua, mas depois consegui corrigir-me e as crianças também perceberam melhor com a apresentação em *powerpoint*.

Na atividade do domínio da Matemática as crianças ordenaram as peças numa escada. De acordo com Caldeira (2009) “as crianças ao ordenarem as peças por tamanhos e ao enumerarem as cores e valores numa escala ascendente ou descendente, podem consolidar as propriedades do número e até introduzir diversos conceitos.” (p.132) Nesta aula, mesmo tendo alguns objetos aliados ao material estruturado, as crianças conseguiram, na sua maioria, acompanhar os exercícios que solicitei.

Segunda-feira, 6 de fevereiro de 2012

Neste dia as crianças do bibe encarnado, do bibe amarelo e do bibe azul dirigiram-se para o ginásio onde puderam assistir a um concerto do grupo musical que tocaram músicas infantis e outras.

Depois do intervalo as crianças dividiram-se em dois grupos. Metade das crianças foram para a informática e outra metade ficou a ouvir uma história contada por uma

das minhas colegas enquanto eu pude falar com a educadora sobre a minha aula sobre o tema da lua.

Inferências e fundamentação teórica

O concerto foi apelativo para as crianças. Estas acompanharam o grupo musical cantando e aplaudindo fortemente. Segundo Cordeiro (2007) “as crianças só serão estimuladas para ouvir música se os pais, a escola, e os diversos grupos onde se inserem as estimularem para isso.” (p.418)

A conversa com a educadora foi muito importante, pois pude saber a sua opinião sobre a minha prestação. A aula foi produtiva e as crianças gostaram do tema, pois no dia em que lecionei durante o lanche as crianças elaboraram as fases da lua nas bolachas que iam comendo. Cunha (2008) realça a necessidade de se “ajudar o futuro professor a extrair significados da sua experiência prática. Nesse sentido, o meta-guia deve facilitar ao estudante a compreensão do significado das experiências (...).” (p.81) Com este diálogo pude saber a opinião da educadora titular da turma que me apontou alguns aspetos positivos e outros a melhorar de forma a beneficiar as minhas atividades com as crianças.

Terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

A manhã foi iniciada com uma aula do domínio da Matemática com o 3.º e 4.º Dons de Fröbel. A educadora começou por perguntar quantos cubos e quantos paralelepípedos existem dentro de cada caixa e de seguida reviu algumas construções. Neste dia a educadora optou por fazer a construção da mobília do quarto, onde juntou e tirou alguns camiseiros de forma a trabalhar a adição e a subtração, e ainda fez a construção da mobília da sala, onde criou uma história de forma a trabalhar as mesmas operações.

Antes do intervalo a educadora teve ainda a oportunidade de ler uma das histórias trazidas pelos alunos da maleta das histórias.

Posteriormente as crianças assistiram a uma experiência sobre o vulcão. A educadora começou por pedir a participação das crianças a colocar os reagentes no vulcão, explicou o procedimento e depois apresentou um vídeo onde explicava o porquê do vulcão entrar em erupção.

A manhã terminou com uma aula de música onde o professor mostrou alguns vídeos de pessoas a cantar e dialogou com as crianças.

Inferências e fundamentação teórica

A história escolhida por um dos encarregados de educação foi apelativa para as crianças, pois para além de ser adequada à faixa etária, a educadora leu-a de uma forma apropriada. Segundo Teberosky e Colomer(2003)“os adultos costumam escolher os livros apropriados para cada idade em função de critérios variados, entre os quais podemos mencionar o carácter de previsibilidade da história, a repetição na linguagem (...)” (p.24)

O dia destacou-se pela experiência elaborada sobre o vulcão. Todas as experiências inserem-se no trabalho prático, no que diz respeito à sua metodologia. Este “aplica-se a todas as situações em que o aluno está activamente envolvido na realização de uma tarefa, que pode ser ou não de tipo laboratorial” (Martins *et al.* (2007, p.36). As crianças ficaram bastante entusiasmadas pois puderam observar e participar na experiência. O trabalho prático tem algumas potencialidades como explicar e interpretar fenómenos que observam no seu dia-a-dia. (Martins *et al.* 2007, p.12) Ao explorar fenómenos do mundo as crianças compreendem melhor os conceitos científicos e isto facilita o ensino das ciências.

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012

Neste dia a educadora da sala chegou mais tarde, então eu levei o nabo feito de tecido e a história *nabo gigante* de AlexisTolstoi e NiamhSharkey para fazer uma atividade com as crianças. Uma das minhas colegas ajudou-me a contar a história enquanto a outra colega tratava de trabalhos de expressão plástica. Depois da leitura, as crianças dramatizaram a história para poderem puxar o nabo gigante previamente escondido na sala. No fim do primeiro tempo da manhã as crianças fizeram uma roda onde puderam tocar no nabo feito de tecido e fizemos alguns jogos como dizer as personagens da história, dizer outros legumes entre outros.

No segundo tempo da manhã a educadora lecionou sequências com palhinhas no domínio da Matemática enquanto nós ficámos a fazer pinturas para a prenda do dia do pai, solicitando a ajuda de alguns alunos.

Inferências e fundamentação teórica

A estratégia desta aula foi repetida, mas numa turma diferente. As crianças mostraram já conhecer a história enquanto a lia, daí estas ajudaram a construí-la e de seguida dramatizaram-na. De acordo com Reis (2003) “se a criança conhecer histórias, contadas na escola ou na família, o educador pode encorajar a sua dramatização (...) isso desenvolverá a sua imaginação e a sua linguagem verbal.” (p.130) Durante esse tempo as crianças mantiveram-se atentas e divertidas.

O jogo que realizámos com as crianças foi apenas para entreter enquanto a educadora não chegava, mas acabou por trabalhar a memória ao lembrar

personagens da história e também alguns legumes e outras temáticas que foram solicitadas.

Na opinião de Cordeiro (2007) os trabalhos para o dia do pai “são actividades que surgem todos os anos e muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhe segurança para prever o que vem depois.” O mesmo autor acrescenta ainda que “este género de actividade pressupõe quase sempre o domínio da expressão plástica e as suas diferentes técnicas.” (p.375) As crianças mantiveram-se divertidas ao realizar a prenda para o pai e foram partilhando algumas brincadeiras que fazem com os seus pais.

Segunda-feira, 5 de março de 2012

Depois das férias do carnaval retomámos a nossa sala do bibe encarnado.

Ao regressarem das canções de roda, as crianças participaram numa aula do domínio da Matemática com o material Tangram. Depois de exploradas as características das peças as crianças fizeram algumas construções como um quadrado utilizandoas sete peças, o retângulo, um triângulo construído a partir do quadrado de cinco peças, o gato, o coelho e fizeram a construção de um barco inventado pelas mesmas.

Como habitual, a turma dividiu-se ao meio. Uma parte foi para a informática e outra ficou a fazer a prenda do dia do pai e depois trocaram. As minhas colegas e eu ficámos a preparar material para a aula aos pais.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia as crianças fizeram várias construções com o Tangram. Damas *et al.* (2010) indicam que “este material permite realizar uma enorme variedade de actividades que implicam o desenvolvimento do sentido espacial e criativo dos alunos”. (p.137) As crianças inventaram um barco feito com este material e a educadora teve o cuidado de ver todas as construções. É importante que a educadora dê atenção a todos os alunos, quer individualmente quer em grupo, para estes se sentirem apoiados pela mesma.

Terça-feira, 6 de março de 2012

O dia começou com uma aula do domínio da Matemática onde a educadora utilizou o 3.º e 4.º Dons de Fröbel. A aula foi baseada no treino de algumas construções para a aula do dia de pais. As construções foram a mobília de quarto, mobília da sala, camioneta, poço, tanque e ainda a escadaria.

Depois do intervalo, as crianças elaboraram uma ficha onde trabalharam as sequências.

De seguida tiveram uma aula de música onde adivinharam canções infantis através de desenhos feitos pelo professor. Como trabalho de casa o professor sugeriu fazer um desenho sobre uma canção a gosto.

Neste dia as minhas colegas e eu ainda ficámos a terminar material para a aula aos pais que se realizou durante esta semana.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia foi destinado fundamentalmente na preparação para a aula aos pais. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) “A família e a instituição da educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” (p.43) De acordo com Reis (2008) “cabe então à escola e aos professores, desenvolverem estratégias no sentido de aumentar o envolvimento individual de todos os pais, no dia a dia da vida escolar dos filhos.” (p.40)

Nós não pudemos presenciar a aula do dia aos pais mas a educadora mostrou-nos tudo o que iria acontecer nesse dia, o que foi importante para aprendermos mais sobre a organização dessas datas tão especiais.

Sexta-feira, 9 de março de 2012

Neste dia as crianças assistiram a uma aula dada por uma das minhas colegas sobre as plantas. Para o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita, a colega estagiária optou por ler a história *Ainda nada?* de Christian Valtz. As crianças participaram na história com gestos e no fim da leitura houve um breve diálogo sobre a história.

Na Área do Conhecimento do Mundo, a colega estagiária colocou três imagens no chão, uma com a imagem de flores, outra de folhas e uma outra de frutos. De seguida mostrou uma planta com flor. A colega chamou uma das crianças para descobrir a raiz no meio da terra. Através deste modelo real as crianças puderam observar todas as partes constituintes da planta e ter contacto com a mesma. Seguidamente mostrou uma imagem onde explicava o desenvolvimento da planta. A colega estagiária mostrou ainda uma planta do algodão e utilizou-a para explicar para que serve o algodão e também o processo da roupa de algodão. Depois de explicado o processo, as crianças e a colega fizeram uma experiência com cravos e alinina de cor encarnada com o objetivo de poderem observar como a água chega a todas as partes da planta. Para terminar esta Área as crianças realizaram uma ficha onde colaram uma palhinha. Esta servia de caule e as crianças tinham de construir as restantes partes da flor.

No segundo tempo da manhã, depois do intervalo, a colega lecionou uma aula do domínio da Matemática onde utilizou o 3.º e 4.º Dons de Fröbel e umas flores coloridas

feitas de papel. Através de uma história a colega fez as construções do poço, da mobília da sala e ainda da mobília do quarto onde trabalhou a lateralidade, noções espaço-temporais e operações no concreto e abstrato. No final ainda deu tempo para brincarem livremente com o material.

No final da manhã a educadora leu a história *Os ovos misteriosos* de Luísa Ducla Soares.

Inferências e fundamentação teórica

Esta aula sobre a temática das plantas teve alguns pontos a melhorar. Houve certas alturas em que as crianças deixaram de prestar atenção à aula. De acordo com Wolfe (2007) “se os alunos não estão a prestar atenção, não estão envolvidos”, a aprendizagem não ocorre. (p.86) Como as crianças não se envolveram na atividade desde o início, as crianças foram perdendo o interesse pela aula. O que as crianças dialogavam sobre o tema eram conhecimentos prévios lecionados pela educadora e não aprendidos com a colega estagiária.

A experiência acabou por também não resultar pois as flores não mudaram de cor contudo, as crianças não questionaram o porquê do sucedido e a colega também não explicou.

Segunda-feira, 12 de março de 2012

No presente dia houve aulas programadas e eu fui assistir a uma no bibe azul. A aula era sobre os ovos e a colega estagiária começou pelo domínio da Matemática onde utilizou os calculadores multibásicos e também imagens ilustrativas de ovos. A colega fez um único exercício onde dividiu uma dúzia de ovos por dois amigos.

Para passar para o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, as crianças cantaram a música “ó mulher dos ovos” ao mesmo tempo afastavam as mesas para poderem sentar-se a meio da sala. A colega colocou um tapete no chão e as crianças sentaram-se nesse espaço para ver o álbum *A história de um ovo* de autor desconhecido. As crianças participaram na história completando a mesma com frases criadas pelos alunos.

A aula continuou mas eu e as minhas colegas fomos chamadas para aulas surpresa a decorrer no salão. A primeira aula surpresa que assisti neste dia foi duma colega no bibe encarnado onde uma das professoras orientadoras da prática pedagógica lhe solicitou que desse o jogo das diferenças entre os atributos das peças dos Blocos Lógicos.

De seguida uma das minhas colegas foi surpreendida pela mesma professora de prática pedagógica onde fez uma atividade com os Blocos Lógicos sobre sequências. Nesta aula e para trabalhar as sequências a colega optou por utilizar só dois atributos,

cores e tamanhos. No fim da atividade, deixou as crianças brincar livremente com o material.

O dia terminou com uma reunião sobre as aulas lecionadas neste dia.

Inferência e fundamentação teórica

Na aula programada desta colega gostei particularmente da forma como passou do domínio da Matemática para o de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. As crianças mantiveram-se disciplinadas mesmo a cantar e a arredar mesas na sala. Marques (2001) defende que “a disciplina defende, em grande parte, de uma boa organização da sala de aula, e de uma adequada gestão do tempo.” (p.107)

As aulas surpresa que presenciei no geral correram bem e o material foi bem explorado. Segundo Moreira e Oliveira (2003) “(...) as competências de classificar e ordenar que as crianças começam por adquirir desde cedo, ao serem ampliadas e exploradas na educação pré-escolar, constitui uma das bases do pensamento matemático.” (p.69) Ao explorar os atributos das peças nas sequências desenvolve-se o pensamento matemático. As crianças realizaram as sequências facilmente com o apoio da colega estagiária.

Terça-feira, 13 de março de 2012

O dia começou com uma atividade de culinária no refeitório que juntou os dois bibes encarnados. Todas as crianças puderam participar no processo do salame de chocolate.

Posteriormente as crianças assistiram a uma aula de música com o professor cooperante onde eu e as minhas colegas ficamos a falar com a educadora sobre a aula da temática das plantas.

Inferências e fundamentação teórica

Ao acompanharem a receita através de um livro de receitas também estão a trabalhar a leitura e o vocabulário. Teberosky e Colomer (2003) referem que “o adulto pode também consultar um livro de receitas ao preparar um alimento na cozinha, pode ler uma receita em voz alta e ir compartilhando com a criança o que vai lendo.” (p.28) Desta forma, para além duma receita simples de salame de chocolate as crianças puderam acompanhar a receita através do que as educadoras iam lendo.

Sexta-feira, 16 de março de 2012

Neste dia foi uma das minhas colegas a dirigir a manhã de atividades. A manhã começou com uma aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita onde

apresentou o livro *Os cães não dançam ballet* de Anna Kemp, onde as crianças participaram pouco oralmente. A colega optou por colocar imagens do texto no chão para as crianças ordenarem segundo a sequência da história.

Seguidamente deu uma aula da Área do Conhecimento do Mundo onde mostrou um cão às crianças ao mesmo tempo que falava das suas características enquanto mamífero. Durante a aula ainda apelou às vivências das crianças, e ainda deixou que as crianças mexessem no cão e até vesti-lo com roupas apropriadas para o animal.

Depois do intervalo da manhã, a colega lecionou matemática com o auxílio do 3.º Dom de Fröbel, uma imagem ilustrativa de um cão e ainda de um menino e de uma menina. As crianças fizeram a construção do muro baixo, do comboio e da cama, e com estas construções puderam trabalhar algumas noções espaço-temporais, colocando o cão por trás do muro, por exemplo. Com este material realizaram ainda operações trabalhadas no abstrato com a ajuda de uma história construída pela colega estagiária.

Inferências e fundamentação teórica

Os animais são uma temática que cativa as crianças nesta idade. Catita (2007) refere que “ao tratar este tema é importante explorar e aproveitar este fascínio que as crianças nutrem pelo mundo animal.” (p.66)

No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita as crianças tiveram alguma dificuldade em ordenar as imagens pela sequência da história, mas com o apoio da colega estagiária acabaram por conseguir ordenar. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Ministério da Educação, 2007) quando as histórias são lidas ou contadas pelo educador, “(...) recontadas pelas crianças, de memória ou partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler.” (p.70) Neste caso, com a ajuda das imagens, as crianças recontaram a história trabalhando também a memória.

Ao mostrar o cão, a colega explorou as características dos mamíferos em que as crianças mantiveram-se atentas e interessadas. De acordo com Catita (2007) o cão é um animal que existe no meio próximo das crianças e um dos objetivos ao escolher estes animais é explorar as “(...) suas características exteriores e a alguns aspectos do seu comportamento.” (p.68)

A aula no geral correu bem, o tema e o material cativaram as crianças e estas tiveram a oportunidade de diálogo e de mexer no cão.

Segunda-feira, 19 de março de 2012

O dia foi iniciado com uma aula do domínio da Matemática onde a educadora utilizou o material estruturado, 4.º Dom de Fröbel. As construções elaboradas foram a cama, os soldadinhos, o banco de jardim, o tanque, a escada dupla e ainda a mesa e cadeira.

Posteriormente a turma dividiu-se em dois grupos. Um grupo foi para a informática e o outro ficou a ouvir uma história contada por mim, enquanto a educadora falava com a minha colega sobre a aula lecionada no último dia de estágio. Depois os grupos foram invertidos, e o grupo que veio para a sala ficou comigo onde eu fiz alguns jogos de roda enquanto a educadora terminava de falar sobre as atividades da colega estagiária.

Inferências

Com estas construções do 4.º Dom de Fröbel, a educadora criou uma história onde trabalhou no abstrato e no concreto várias temáticas, entre elas, contagem, somas, noção de algarismo e quantidade, noção de par e ímpar e ainda fez questões com dados desnecessários de modo a desenvolver o raciocínio lógico.

A história que contei às crianças era atrativa e as crianças acompanharam atentamente. No final as crianças puderam recontar a história.

Terça-feira, 20 de março de 2012

No presente dia a manhã de atividades foi dirigida por uma das minhas colegas, em que o tema foi as abelhas. A colega começou pelo domínio da Matemática e utilizou os Calculadores Multibásicos e imagens ilustrativas de abelhas. Primeiro relembrou as regras do material e as cores dos furos. Com este material, as crianças puderam trabalhar contagem, fizeram operações como a adição e subtração, associaram o número das peças à quantidade de abelhas, fizeram o jogo das torres e ainda leram as placas por cores de cada exercício.

Depois do intervalo a colega dirigiu a aula da Área do Conhecimento do Mundo vestida de abelha e apresentou um *powerpoint* onde explorou a anatomia das abelhas, os diferentes tipos existentes, o ciclo vital do animal, o fabrico do mel, os favos, as colmeias, dialogou ainda sobre a apicultura e deu no final a provar mel às crianças.

A manhã terminou com a aula de música.

Inferências e fundamentação teórica

Esta aula foi para uma das colegas melhorar a sua prestação, pois a aula sobre a temática das plantas teve alguns pontos a melhorar.

Durante toda a aula, a colega foi expressiva e melhorou bastante a sua prestação.

A colega realizou exercícios de retorno à calma, pedindo as crianças que levantassem os braços e os mexessem em diferentes direções. Segundo Arends (1995) “(...) mudar para uma actividade que exija outro tipo de resposta dos alunos, são métodos adequados quando o comportamento fora da tarefa se espalha numa turma.” (p.201)

Na aula da Área do Conhecimento do Mundo conseguiu captar a atenção das crianças estando vestida como uma abelha e comportando-se como tal. Esta ideia foi bastante apelativa para as crianças.

Sexta-feira, 23 de março de 2012

Neste dia a colega lecionou uma atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, devido ao facto de não ter tido tempo na aula anterior. A história contada pela colega estagiária foi *A abelha chocolateira* de autor desconhecido. Seguidamente lembrou a aula das abelhas, onde todas as crianças participaram dialogando. Depois as crianças dramatizaram a história utilizando adereços para se diferenciarem.

Posteriormente a minha colega ficou a falar com a educadora sobre a aula lecionada e a minha outra colega e eu ficamos a fazer jogos com as crianças.

Durante a manhã pudemos ainda assistir a uma parte da aula programada numa colega estagiária sobre o chocolate no bibe azul. Quando entrámos a aula já tinha começado e estava no início do domínio da Matemática onde as crianças trabalharam a divisão exata e inexata com imagens ilustrativas de ovos de chocolate, bombons e dois meninos. No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita a colega leu a história *Os ovos misteriosos* de Luísa Ducla Soares e de seguida pediu as crianças que associassem as palavras às imagens relacionadas com o texto.

No final da manhã observámos ainda uma aula surpresa que estava a decorrer na outra turma do bibe encarnado com o material estruturado Cuisenaire onde trabalhou a noção de par e ímpar. Para além do material estruturado a colega utilizou também as próprias crianças para formarem pares a dançar.

A manhã terminou com uma reunião para se discutir as aulas programadas e surpresas decorridas durante a manhã.

Inferências

Neste dia observei mais uma vez a estratégia de dramatizar a história ouvida. A estratégia é repetida mas funciona bastante bem com as crianças, pois estas gostam bastante de dramatizações.

1.3. Secção 3 – Estágio intensivo

1.3.1. Contexto educativo

O estágio intensivo foi realizado num jardim-escola que pertence à associação onde realizei o estágio durante o ano letivo. Nesta semana optei por ficar na sala dos dois anos (bibe verde alface) porque senti necessidade em contactar com crianças na valência de creche.

1.3.2. Relato

De 27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012

No primeiro dia pudemos conhecer o jardim-escola e os docentes da mesma. Durante esta semana pude participar nas rotinas das crianças, nas aulas de expressão plástica, nas brincadeiras livres, entre outros momentos.

Após conhecer a escola, dirigi-me à sala do bibe verde alface e verifiquei que as crianças estavam a realizar o recreio da manhã. Estas crianças realizam recreios maiores do que as outras turmas que tenho assistido, de manhã e de tarde. De seguida, juntamente com o bibe azul-turquesa (um ano) as crianças realizaram pinturas num papel de cenário grande, onde iam dizendo as cores com que pintavam.

Durante a sesta das crianças pude visualizar os dossiers de turma, os trabalhos e algumas capas da turma. Seguidamente pude tirar algumas dúvidas em relação à creche com a educadora titular da sala.

Após a sesta, enquanto a auxiliar de auxiliação vestia algumas crianças fui sempre brincando e cantando com as crianças ao acordarem.

No segundo dia saliento uma atividade que fizeram sobre os animais da quinta onde colavam papel preto amachucado numa ficha de trabalho com uma vaca desenhada. Nesse dia realizei uma pequena atividade com as crianças que incluiu fantoches e dedoches. As crianças ouviram uma história que contei com fantoches, de seguida cantaram músicas e depois cada um recebeu um dedoche e criámos todos juntos uma história.

No terceiro dia contei uma história chamada *Um livro* de Hervé Tullet com a participação das crianças. De seguida realizaram uma atividade de expressão plástica onde fizeram pinturas com uma esponja. Neste dia decorreu a aula de expressão motora onde as crianças participaram alegremente.

O quarto dia foi marcado pela aula de matemática, onde foi trabalhado os Blocos Lógicos, reconhecendo a cor das peças, referindo algumas noções espaço-temporais e trabalhando um pouco a noção de quantidade. Neste dia, as crianças ainda pintaram um pintainho com esponja e tinta amarela.

No último dia tive a oportunidade de contar a história *Mas que barulheira!* de Ana Beatriz Afonso. Seguidamente, elaborei um jogo com peixes, um tapete colorido e um arco, onde as crianças escolhiam uma cor e passavam pelo caminho da cor correspondente no tapete e tinham de apanhar o peixe da mesma cor que estava dentro do arco. Posteriormente as crianças tiveram aula de música, mas só assisti a uma parte, pois todas as estagiárias foram chamadas à direção para falar como tinha corrido a semana de estágio e receber algumas ofertas.

Inferências e fundamentação teórica

A semana em creche foi bastante importante, pois durante o mestrado apenas tivemos contacto com crianças dos três aos seis anos.

As crianças nesta faixa etária realizam muitos recreios. Segundo Hohmann e Weikart (2004) no recreio as crianças são:

(...)livres de correr, andar em brinquedos com rodas, empurrar e puxar carrinhos de mão, atirar bolas, descer montes a rolar, cavar, andar de baloiço, subir escorregas e fazer todas as outras coisas que os adultos os avisam para não fazer quando estão dentro de casa. (p. 212)

Pintar é uma atividade importante para as crianças. De acordo com Cordeiro (2007) “através da pintura e do desenho, em que se faz a exploração de cores, desenvolve a imaginação, criatividade e sensibilidade.” (p.372) As crianças gostaram bastante de pintar o papel de cenário. A grande maioria sabia dizer o nome das cores que estava a utilizar.

Ao acordar da sesta pude criar uma melhor relação com as crianças, pois juntava-me a elas para brincar. Hohmann e Weikart (2004) referem que devemos juntar-nos “(...) às brincadeiras das crianças ao nível destas.” (p.439) Acrescentando ainda que devemos brincar “(...) ao lado das crianças.” (p.439) Na minha opinião, estes momentos após a sesta foram bastante importantes para conhecer melhor as crianças.

Realizar atividades com as crianças dos dois anos foi um desafio, pois nunca tinha realizado atividades nesta faixa etária. Senti que fui melhorando o meu desempenho ao longo dos dias. A principal dificuldade que encontrei foi envolver o grupo todo nas atividades, foi para mim mais difícil conseguir que as crianças estivessem concentradas nesta faixa etária.

1.4. Secção 4 – Bibe Azul (5 anos)

1.4.1. Caracterização da turma

A turma do bibe azul é constituída por vinte e sete crianças, das quais dezassete são raparigas e apenas nove são rapazes.

Esta caracterização foi feita com base no documento gentilmente cedido pela educadora.

A turma tem na sua maioria alunos medianos, destacando-se quatro alunos com bons conhecimentos. Existe um aluno com perturbação de hiperatividade e défice de atenção (PHDA), e por isso tem trabalho específico e mais individualizado, tanto por parte da educadora como da nossa parte, como estagiárias.

Todos os alunos terminaram a Cartilha Maternal, à exceção do aluno com PHDA. A turma realiza bem as quatro operações matemáticas, embora alguns alunos necessitem que se oriente o raciocínio e a execução das mesmas.

As famílias têm um nível socioeconómico médio alto, sendo este acompanhado de estudos superiores como licenciatura e mestrado.

1.4.2. Caracterização da sala

A sala do bibe azul é ampla e espaçosa. Tem quinze mesas, cada uma dá para duas crianças e estão dispostas de frente para os dois quadros de ardósia.

Esta sala tem uma boa iluminação e há bastante entrada de luz natural. Para além dos dois quadros de ardósia também existem quadros de cortiça onde a educadora expõe alguns trabalhos das crianças e outro onde tem exposto os aniversários das mesmas.

Nesta sala a Cartilha Maternal está sempre presente em cima da secretária da educadora e a sala é decorada com letras, algarismos, alguns balões representativos dos planetas e vários desenhos.

1.4.3. Horário da turma

No seguinte quadro encontra-se o horário da turma do bibe azul (5 anos) onde estagiei (quadro 4).

Quadro 4 – Horário da turma da faixa etária dos 5 anos (bibe azul)

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h10 – 9h40	Música	Matemática	Leitura e escrita	Matemática	Leitura e escrita
9h50 – 10h30	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita	Leitura e escrita
11h – 12h	Matemática	Leitura e escrita	Informática	Educação física	Matemática
12h – 13h	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
13h – 14h	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio	Recreio
14h10 – 15h20	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Matemática	Conhecimento do Mundo	Estimulação à leitura/Jogos/ Grafismos de série
15h30 – 16h20	Trabalho em grupo	Inglês	Expressão dramática	Expressão plástica	Assembleia de turma
16h40 – 17h	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche

1.4.4. Rotinas

As rotinas do bibe azul são idênticas às do bibe encarnado.

1.4.5. Relatos diários

Terça-feira, 10 de abril de 2012

O dia neste bibe começou com uma pequena apresentação da nossa parte enquanto estagiárias, dos alunos e também da educadora. Neste dia entrou uma criança nova que tinha vindo do Jardim Escola pertencente à mesma associação. A criança foi bem acolhida pelos colegas apesar de estar sempre muito envergonhada.

A manhã de aulas começou com o domínio da Matemática onde foi utilizado o material estruturado Calculadores Multibásicos. A educadora fez um exercício sobre a adição, outro sobre a multiplicação, outro sobre a subtração e ainda um sobre a divisão, utilizando o material e representando matematicamente no quadro. Durante os exercícios fez também um jogo das torres para explorarem o máximo deste material. Na adição a educadora trabalhou ainda a propriedade comutativa da adição, e na divisão dialogou ainda sobre a divisão exata e inexata.

No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita as crianças fizeram um grafismo em série dirigido pela educadora que tinha uma aranha, uma teia e ainda umas árvores. Durante o diálogo a educadora criou uma história onde fez perguntas dirigidas com alguns cálculos matemáticos.

Depois do intervalo, a criança nova foi ler à Cartilha Maternal para a educadora verificar o nível de aprendizagem da mesma. Nesse tempo, as minhas colegas e eu ficámos a auxiliar as fichas nos lugares com as restantes crianças.

Inferências e fundamentação teórica

A criança nova esteve bastante envergonhada nos primeiros dias.

A educadora trabalhou as operações com os Calculadores Multibásicos. Trabalhar as propriedades da adição é importante.

De acordo com Damas *et al.* (2010) “a compreensão do verdadeiro significado da adição é fundamental, uma vez que esta operação é a base de todas as outras.” (p.66) De acordo com Lima (2001) o grafismo em série tem vários objetivos como a “coordenação e desenvolvimento de movimentos estreitos, respeito às fronteiras e limites e exercitação sensório-motora.” (p.129)

A estratégia das crianças lerem na cartilha por grupos e cada um ter os seus trabalhos, torna o trabalho individual, nunca esquecendo que cada criança tem o seu próprio ritmo. Viana e Teixeira (2002) mencionam que João de Deu no seu método:

não esqueceu nunca a necessidade de individualização, já que cada criança seguia a cartilha ao seu ritmo próprio (e não ao ritmo de uma classe). As mesmas autoras afirmam ainda que também não esquecia a importância de “reforçar as pequenas conquistas que a criança vai fazendo, pois aprender a ler requer disponibilidade afectiva, atenção e esforço. (p.119)

Com este método de trabalho individual, cada criança tem o trabalho adaptado ao seu próprio ritmo de aprendizagem.

Sexta-feira, 13 de abril de 2012

Neste dia, as crianças começaram por elaborar algumas fichas. Umas onde tinham de copiar a frase “O avião voa alto.” e outras onde tinham de ordenas as letras da palavra “avião”. Durante a realização das fichas alguns grupos de crianças foram à Cartilha Maternal lecionar a lição das esdrúxulas e a do alfabeto.

No segundo tempo da manhã, a educadora utilizou o Cuisenaire e algumas bonecas com variadas roupas para lecionar combinações. As crianças foram descobrindo as combinações possíveis com as roupas apresentadas pela educadora. À medida que iam as descobrindo utilizavam as peças do Cuisenaire para representar essas combinações e a educadora ia representando-as com as imagens no quadro. As crianças conseguiram descobrir as quatro combinações facilmente. De seguida, a educadora aproveitou o material para fazer um exercício sobre a divisão, outro sobre a soma, e ainda um sobre a subtração, representando as operações no quadro. No final as duas crianças puderam construir uma situação problemática e todos os colegas resolveram a mesma.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças realizam algumas cópias para treinar a sua caligrafia.

Segundo Luz (2002):

copiar bem, significa dominar uma série de operações: transpor de um plano para outro, de um tamanho para outro, perceber onde termina uma palavra e começa a outra, onde termina a linha e começa outra, decidir o que fazer ao resto da palavra ou da frase que não coube na linha onde se estava a escrever, adequar o tamanho das letras ao papel, enfim, resolver uma série de problemas. (p.22)

Ao copiar as frases do quadro, as crianças treinam a letra bicuda e também a leitura, pois antes de copiar as crianças leem o que escrevem. A letra bicuda é uma característica do método de João de Deus. Segundo João de Deus (s.d. como citado em Ruivo, 2009) a letra bicuda tem como preocupação "(...) facilitar a maneira de compor, ou decompor, cada letra em traços distintos." (p. 129) Com esta tipo de letra mais inclinado é mais fácil para as crianças começarem a sua caligrafia, contudo, há crianças que têm mais facilidade na letra cursiva.

Segunda-feira, 16 de abril de 2012

A manhã começou com a aula de música onde o professor dialogou com as crianças sobre as notas musicais e as pautas. As crianças foram ao quadro, onde tinha uma pauta, para representar algumas notas solicitadas pelo professor, como por exemplo o ré. De seguida cantaram a música "dó, ré, mi, fá, sol," que fala de todas as notas musicas e a sua ordem. No final, as crianças puderam relembrar as notas e quanto valem, enquanto o professor as representava no quadro.

Seguidamente, a educadora voltou à sala e questionou as crianças sobre o fim de semana, onde as crianças puderam dialogar sobre o mesmo.

Antes do intervalo, as minhas colegas e eu fomos aos lugares das crianças ler palavras soltas da cartilha individualmente.

Posteriormente, a educadora iniciou as Calculadoras (figura 11) com as crianças, começando por explicar a história do material e o funcionamento do mesmo. Depois de explicado as regras do material e como funciona a educadora mostrou como se representam os números de 1 a 9 na calculadora. Todas as crianças tiveram a oportunidade de acompanhar com uma calculadora, pedrinhas e ainda os Algarismos oito, quatro, dois e um para colocar na calculadora.

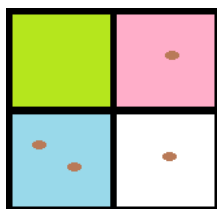


Figura 11 - *Calculadora*

Inferências e fundamentação teórica

Dialogar sobre o fim de semana com as crianças é importante pois estas têm sempre algo a dizer. Segundo Hohmann e Weikart (2004) as crianças “querem partilhar as suas experiências com pessoas que para elas são importantes, perceber o significado das suas descobertas, e enquadrar as suas observações do mundo num quadro de compreensão pessoal.” (p.529) As crianças gostam bastante de falar sobre o seu fim de semana, mostrando-se sempre interessadas em saber também o que os colegas fizeram nesses dias.

Em relação à leitura individual neste dia, serviu para treinarmos para os pequenos grupos na Cartilha Maternal. Mata (2006) refere que “é cada vez mais necessário (...) aceitar que todos os alunos conseguem aprender a ler e a escrever, cada um ao seu ritmo.” (p.50) Daí a necessidade das crianças, neste caso, lerem em pequenos grupos ou mesmo individualmente.

As Calculadoras são pequenas placas como se mostra na figura 11, divididas em quatro cores: a cor verde representa oito unidades, a rosa quatro unidades, a azul duas unidades e a branca uma unidade. Com este material alia-se as pedrinhas para representar essas unidades. Cada calculadora só pode representar até nove, seja unidades, dezenas ou centenas. De acordo com Caldeira (2009) “(...) cada calculadora representa uma ordem e cada conjunto de três calculadoras equivalem a uma classe.” (p.347) Acrescentando ainda que “com este material podemos realizar leitura e representação de números inteiros e decimais.” (p.349) Este material tem imensas potencialidades, neste caso as crianças utilizaram apenas uma calculadora, representado um número inteiro.

Terça-feira, 17 de abril de 2012

O dia começou com uma aula do domínio da Matemática onde a educadora utilizou o 3.º e 4.º Dons de Fröbel. Primeiro lembrou as regras de utilização do material, depois através de uma história fez as construções da mobília da sala, da lareira e da camioneta, onde trabalhou adições, subtrações, entre outras operações e recorreu também a dados desnecessários em alguns exercícios.

Antes do intervalo, a educadora mostrou às crianças uma história que só tinha o título e as imagens do livro. A história chama-se *Pedro quer ver televisão* e é de autor desconhecido. As crianças participaram a ajudar na interpretação das imagens, construindo uma história. De seguida a educadora questionou as crianças sobre o motivo do nome Pedro ter letra maiúscula. No fim ainda falou com as crianças sobre as suas vivências em relação ao tema da história.

No final da manhã pude estar com algumas crianças lendo palavras da Cartilha Maternal e de seguida escreviam a palavra com letras móveis e com ajuda do ditado que eu dizia.

Inferências e fundamentação teórica

No domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita a educadora apresentou as imagens da história dando a oportunidade aos alunos de a narrarem. Segundo Dacosta (2002) a magia de um livro reside na possibilidade de “estarmos noutros lugares, sem abandonar o nosso chão, de ouvir pulsar outros corações, de vestir a pele humana de outro ou outro sem deixarmos de ser nós.” (p.206) Através da história as crianças divertiram-se ao construir a narrativa.

Para poderem participar, é importante que as crianças se respeitem e esperem pela sua vez. Cordeiro (2007) defende que “(...) as crianças aprendem a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração, e tranquilidade.” (p.371) Acrescentando ainda que “desenvolve-se o sentido do respeito pelos outros e valoriza-se a linguagem e a relação afectiva, bem como a observação.” (p.371) Apesar de todos quererem participar, as crianças conseguiram esperar pela sua vez e cumprir as regras de forma a respeitarem-se uns aos outros.

Sexta-feira, 20 de abril de 2012

O dia iniciou-se com fichas para a maioria dos alunos, enquanto alguns grupos de crianças iam ler à Cartilha Maternal, como habitual.

Depois do intervalo, a educadora teve de se ausentar da sala e as crianças ficaram connosco, estagiárias. Nesse espaço de tempo elaborámos uma atividade de expressão plástica onde as crianças fizeram pintura soprada com palhinhas. Posteriormente li a história *A menina de prata* do livro *O senhor que vivia na lua e outras histórias divertidas* de Vera Roquette. Depois do texto não houve tempo para falar da história, pois já estava na hora de almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

O bibe azul realiza bastantes fichas de trabalho para trabalhar as letras que vão aprendendo na Cartilha Maternal. Segundo Ruivo (2009) “no seu lugar e de uma forma

mais individualizada e autónoma, a criança tem uma capa com os registos escritos das suas diferentes actividades.” (p.133) Apesar de, por vezes terem muitas fichas, as crianças conseguem na sua maioria, realizar os trabalhos solicitados.

Neste caso apenas li em voz alta a história pois não houve tempo para mais atividades. Teberosky e Colomer (2003) defendem que “(...) a leitura em voz alta é uma fonte de aprendizagem de vocabulário.” (p.135) Mesmo sendo um momento só de leitura, as crianças mantiveram-se atentas e fizeram questões de modo a perceber melhor a história.

Segunda-feira, 23 de abril de 2012

Neste dia não houve aula de música, pois o professor faltou. Durante esse tempo as crianças copiaram a frase “O senhor que vivia na lua.” do quadro e eu fui apoiando nos lugares. De seguida, as minhas colegas e eu fomos pela primeira vez à Cartilha Maternal dar uma lição escolhida pela educadora. A lição que me calhou foi a iniciação da letra <z> e dar o primeiro valor da mesma. Posteriormente a educadora deu a lição das vogais nasaladas a um grupo de quatro crianças e de seguida fez quatro diferentes estratégias para trabalhar a palavra lida. A primeira escreveu a palavra “pão” com letras móveis, a segunda ordenou as letras da palavra “põe” escrevendo-a com letra bicuda, a terceira fez o desenho de um feijão e a quarta fez mímica da palavra “cão”.

Após o intervalo da manhã, a educadora lecionou uma aula do domínio da Matemática com o Geoplano (figura 12).Primeiro as crianças tiveram a oportunidade de criar uma forma geométrica com apenas um elástico a seu gosto. De seguida trabalharam a simetria com formas geométricas. Depois trabalharam algumas noções espaço-temporais ao fazer um quadrado grande com um triângulo grande dentro do mesmo e outro mais pequeno fora do mesmo. E por fim ainda puderam brincar com o material.

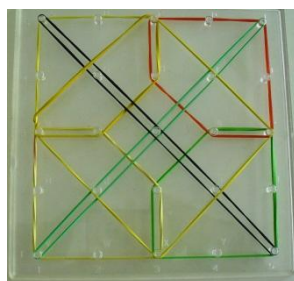


Figura 12–*Geoplano*

Inferências e fundamentação teórica

A primeira vez em que dei uma lição na Cartilha Maternal tive como principal preocupação melhorar o modo como formulo as questões. Contudo, apesar de saber

as regras não consegui interrogar as crianças de forma a elas responderem ao solicitado, criando alguns erros.

O Geoplano é um material constituído por um tabuleiro com pinos e elásticos. Esses pinos têm todas a mesma distância uns dos outros. Segundo Caldeira (2009) este material tem vários interesses pedagógicos como “(...) representar figuras geométricas (...); desenvolver a simetria; treinar a colocação de figuras através de referências orais;” (p.412) entre outros. A mesma autora defende ainda o Geoplano desenvolve “a coordenação visual-motora, ou seja a capacidade de coordenar a visão com os movimentos de corpo e a percepção figura-fundo (...).” (p.409) Estas atividades de simetrias são um bom exercício para desenvolver essa capacidade e as crianças acompanham e gostam de utilizar o material.

Terça-feira, 24 de abril de 2012

Na presente data, a educadora começou com uma aula do domínio da Matemática onde utilizou as Calculadoras. Cada criança tinha duas calculadoras para poder iniciar as dezenas de unidades. Neste dia as crianças já não tiveram o apoio dos algarismos, utilizaram apenas as calculadoras e as pedrinhas. Com este material as crianças puderam representar alguns números até às dezenas de unidades.

De regresso do intervalo, as crianças ouviram a história *Corre, corre cabacinha* de Alice Vieira. Depois da leitura da história, as crianças dirigiram-se aos seus lugares para escreverem três palavras relacionadas com o texto e fizeram um desenho sobre o mesmo.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas de matemática são estimulantes para as crianças se forem lecionadas através dos materiais. Segundo Serrazina (1991 como citado por Caldeira, 2009, p.23) “a matemática deve ser ensinada desde o pré-escolar e de forma motivante para as crianças, para combater o insucesso.”

Ao retirar os algarismos da calculadora as crianças não sentiram muitas dificuldades e assim puderam treinar o cálculo mental. De acordo com Castro e Rodrigues (2008) “as competências de cálculo das crianças em idade pré-escolar desenvolvem-se em simultâneo com as suas competências de contagem.” (p.29) Referindo ainda que “mesmo quando o conhecimento da sequência numérica é ainda muito rudimentar, esse conhecimento permite-lhes efectuar cálculos elementares.” (p.29) Através desta abordagem do material as crianças conseguiram treinar alguns cálculos básicos mas sem o apoio dos algarismos.

Sexta-feira, 27 de abril de 2012

Neste dia uma das minhas colegas deu uma aula programada sobre a profissão do marinheiro. Primeiro optou pela Área do Conhecimento do Mundo onde se vestiu como uma marinheira e apresentou um *powerpoint* com as variadas fardas e um pouco da vida desta profissão. As crianças fizeram algumas perguntas e ficaram muito admiradas com a existência de piratas. Seguidamente fizeram um pequeno jogo onde procuraram pela sala a farda dum marinheiro para vestir um boneco.

Na aula do domínio da Matemática a colega utilizou os Calculadores Multibásicos e umas imagens ilustrativas de diamantes coloridos para acompanhar no quadro. Com este material a colega fez um exercício do jogo da base dez, onde por fim leu a placa do resultado por classes.

Para terminar, na aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega leu o livro *O ratinho marinheiro* de Luísa Ducla Soares. Depois do livro, as crianças fizeram uma ficha e duas crianças foram à Cartilha Maternal fazer leitura preparatória de uma palavra.

O dia terminou com uma reunião com as Professoras Orientadoras da Prática do Ensino Supervisionado onde se falou das aulas lecionadas neste dia.

Inferências e fundamentação teórica

As estratégias e os materiais utilizados pela colega foram apelativos para as crianças, contudo o tema não foi muito direcionado para as crianças. Estas gostaram de ficar a conhecer o marinheiro mas questionaram muito mais sobre os piratas quando a colega estagiária falou das embarcações e que havia ainda piratas.

A colega conseguiu interligar as três aulas através do tema. Segundo Haigh (2010) “a grande ideia é que alguns aspectos das disciplinas façam ligações naturais com outras disciplinas e fará mais sentido para os alunos se forem ensinadas em simultâneo.” (p.55) A interdisciplinaridade é fundamental, principalmente nestas aulas programadas para poder captar a atenção das crianças e que estas mantenham um raciocínio através da temática abordada.

Segunda-feira, 30 de abril de 2012

Na presente data não houve aula de música, pois o professor faltou. Durante o primeiro tempo da manhã as crianças elaboraram uma ficha sobre a letra <n> onde tinham de circundar a letra e pintar o navio. Enquanto faziam esse trabalho, as minhas colegas e eu fomos até à Cartilha Maternal dar uma lição. Desta vez, a lição que me calhou foi a da letra <x> onde trabalhei o quarto valor.

Antes do intervalo ainda adiantámos alguns pormenores da prenda do dia da mãe.

No final da manhã foi-nos proposto uma pequena dramatização com fantoches para as crianças e nós inventámos uma pequena história com três fantoches intitulada de *O acampamento da família Almeida*.

Inferências e fundamentação teórica

Depois da leitura da palavra fiz uma breve conversa com a criança. Através desses diálogos podemos criar uma melhor relação com as crianças e descobrir o que mais gostam de conversar de forma a cativá-las. Hohmann e Weikart (2004) “descubra e lembre os interesses particulares de cada criança. Esse conhecimento permitir-lhe-á iniciar conversações com as crianças sobre coisas de que elas, de facto, gostem.” (p.534)

Esta forma de ler apela a que as crianças se interessem pela capacidade de ler e não apenas “como uma forma de dominar a técnica de leitura (...).” (Lopes, 2006, p.66) Na minha opinião, o método utilizado ajuda a que a criança crie gosto pela leitura.

Nesta minha aula de Cartilha Maternal, já consegui formular bem as perguntas orientando melhor os alunos.

Sexta-feira, 4 de maio de 2012

Este dia foi orientado por uma das minhas colegas sobre a temática a grafite. A colega optou por começar pela Área do Conhecimento do Mundo onde deu um mineral a cada par de crianças para explorarem. Com esses minerais na mão as crianças dialogaram sobre algumas das suas características. De seguida apresentou um *powerpoint* onde mostrou minerais vistos ao microscópio e também algumas características da grafite. A colega mostrou ainda a grafite e deu a oportunidade das crianças mexerem e terminou essa área com uma pequena atividade de expressão plástica onde se enfeitava um lápis de carvão com plasticina.

Na aula do domínio da Matemática, a colega utilizou as Calculadoras onde representou números e fez alguns exercícios errados para as crianças corrigirem.

No final leu o conto tradicional *A branca de neve* e dialogou com as crianças sobre a mesma.

Inferências e fundamentação teórica

A colega optou por levar vários minerais para as crianças observarem e tocarem. De acordo com Hohmann e Weikart (2004) “através da exploração as crianças respondem às suas questões e satisfazem a sua curiosidade.”(p.37) Acrescentando ainda que “nos ambientes de aprendizagem activa dos adultos respeitam o desejo das crianças em explorar, reconhecendo que a exploração é uma das formas mais

importantes de aprendizagem.”(p.37)As crianças gostaram bastante de explorar o material e foi importante para se integrarem e entenderem o tema. Os mesmos autores complementam referindo que “os materiais que cabem nas suas mãos – botões, bonecos pequenos, peças de Lego, etc. – dão às crianças o sentido de controlo por conseguirem utilizá-los com sucesso, sem necessitarem de ajuda dos adultos.”(p.42)

A história escolhida pela colega estagiária não foi a melhor, pois as crianças já a conheciam. Penso que poderia ter utilizado outra história sobre a temática ou construir uma história de sua autoria.

Segunda-feira, 7 de maio de 2012

O dia iniciou-se com uma aula de música onde as crianças cantaram alegremente.

De seguida, uma das minhas colegas foi à Cartilha Maternal lecionar a lição da letra <n> e distribuiu fichas sobre a mesma letra para o capítulo da avaliação do relatório de estágio profissional.

Entretanto as crianças foram chamadas ao ginásio para assistir a uma apresentação sobre os cuidados a ter com o sol.

No fim da manhã, lecionei uma aula do domínio da Matemática onde utilizei material alternativo. Esse material era composto por imagens ilustrativas de elefantes de várias cores onde trabalhei as sequências, realizando alguns exercícios.

Inferências e fundamentação teórica

A aula que lecionei com o material alternativo dos elefantes foi bastante apelativa e as crianças gostaram bastante do material. No entanto houve alguns erros que deixei passar, como as crianças seguiam as cores das sequências mas tinham os elefantes virados de formas diferentes, pois eu não orientei se o elefante ficava virado para a esquerda ou para a direita. Moreira e Oliveira (2003) defendem que “o sentido espacial inclui capacidades essenciais como a visualização, isto é, a capacidade de manipular, rodar, ou inverter mentalmente um objecto apresentado graficamente e também a orientação espacial (...)” (p.95) Apesar de eu ter feito corretamente no quadro, devia ter dito às crianças de forma a estas se poderem orientar espacialmente. Contudo, a aula no geral correu bem e penso que o fator principal do sucesso tenha sido relacionado com o apoio do material.

Terça-feira, 8 de maio de 2012

Na presente data a manhã de atividades foi dirigida por uma das minhas colegas, em que o tema foi o sal. A colega começou por explorar a Área do Conhecimento do Mundo onde deu a provar às crianças pipocas salgadas e doces. Seguidamente

estabeleceu as regras de comportamento na sala. Para abordar o tema apresentou um *powerpoint* onde falou das salinas e explicou o processo de extração do sal. No fim fez uma experiência onde dissolveu sal em água e deixou o recipiente na sala para as crianças observarem o que iria acontecer.

Depois do intervalo, a colega lecionou uma aula do domínio da Matemática e utilizou o 3.º e 4.º Dons de Fröbel. Através do material foram elaboradas duas construções, a ponte alta e a mobília do quarto e os alunos realizaram alguns exercícios com adições e subtrações.

O domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi abordado no final com o livro *Onda* de Suzy Lee. As crianças construíram a história através das imagens deste álbum.

No fim da manhã, a educadora falou connosco e deu-nos algumas sugestões para melhorarmos o trabalho individual e de grupo.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula destaco dois momentos positivos. Primeiro, a forma como a colega estagiária iniciou a aula para as crianças descobrirem a temática da aula. Através do paladar as crianças puderam explorar algumas sensações e perceções como o doce e o salgado. (Catita, 2007, p.232)

Em segundo, gostei particularmente da forma como a colega conduziu a atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. O livro escolhido só tinha apenas imagens, o que se denomina de álbum, era bastante apelativo. Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) defendem que se devem “criar momentos para que as crianças narrem histórias, recorrendo a diversos materiais e estratégias, por exemplo: livros com imagens (...).” (p.41) Todas as crianças puderam narrar um pouco da história e assim sentiram-se envolvidas na atividade.

Sexta-feira, 11 de maio de 2012

Neste dia decorreu a aula de uma das minhas colegas que foi assistida por uma das Professoras Orientadoras da Prática do Ensino Supervisionado. A temática escolhida foi o bicho-da-seda. Na Área do Conhecimento do Mundo, a colega vestiu-se de borboleta e saiu de dentro de um casulo. A partir daí explicou o ciclo de vida do bicho-da-seda através dum *powerpoint* e mostrou animais dentro de pequenas caixas que as crianças puderam levar para casa.

No domínio da Matemática foi escolhido o Cuisenaire para trabalhar as combinações. Através de três peças coloridas foram feitas combinações para colorir uma borboleta com duas cores.

O domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi abordado no final com o livro *A maçã e a lagarta* de Iela Mary. A professora só assistiu ao início da atividade pois tinham terminado os vinte minutos da aula, mas a educadora avaliou o restante. Depois de contar a história, a colega pediu às crianças para recontarem a história e no fim apresentou a palavra borboleta e uma das crianças leu a mesma.

A manhã de estágio terminou, como habitual, com uma reunião para falar das aulas lecionadas.

Inferências e fundamentação teórica

A forma como a colega estagiária iniciou a aula foi surpreendente. Todas as crianças ficaram curiosas para saber mais acerca do bicho-da-seda depois da colega ter saído dum casulo vestida de borboleta. O modo como dialogou com as crianças ajudou bastante a que estas se mantivessem cativadas.

Segundo Figueiredo (2004):

a capacidade de (...) escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p.90)

A temática da aula com todas as estratégias escolhidas foi bastante atrativa para as crianças. De acordo com Martins *et al.* (2009):

animais e plantas com cores e formas diversificadas que sofrem mudanças ao longo do tempo ou com o passar das estações são motivo de fascínio para crianças pequenas, despertando-lhes muito naturalmente o interesse para a exploração de diversos aspectos relacionados com o mundo animal e vegetal. (p.79)

No geral, penso que a aula tenha sido bem-sucedida mesmo havendo algumas confusões na aula do domínio da Matemática nas combinações.

Segunda-feira, 14 de maio de 2012

Após as canções de roda, as minhas colegas e eu observámos uma aula assistida pelas Professoras Orientadoras da Prática do Ensino Supervisionado no bibe encarnado sobre os mamíferos, mais propriamente sobre o borrego. Na Área do Conhecimento do Mundo, a colega levou um borrego para explorar as características do mesmo e as crianças puderam tocar no animal e também na palha. Ainda foi abordado a profissão do pastor, pois a colega ia vestida desta forma.

De seguida leu a história *Ovelhinha dá-me lã* de Isabel Minhós Martin e Yara Kono e dialogaram sobre a mesma.

No final realizou exercícios sobre a divisão com material alternativo. Este material era constituído por três taças e seis cachecóis para cada criança.

Posteriormente realizou-se uma reunião onde se discutiram as aulas realizadas durante a manhã.

Inferências e fundamentação teórica

A colega mostrou saber bastante informação sobre a temática pois respondia a todas as questões feitas pelas crianças. Catita (2007) refere que:

é importante saber tudo sobre a vida animal, mas é importante não responder de forma irresponsável a perguntas feitas pelas crianças, cometendo erros conceptuais de carácter praticamente irreversível do ponto de vista estruturante para a formação intelectual da criança, relativamente a estas temáticas. (p.67)

Na reunião foi apontado como aspeto a melhorar que a colega devia ter explorado mais o animal pois não é o mamífero comum no dia-a-dia das crianças.

Terça-feira, 15 de maio de 2012

A manhã de aulas foi orientada por mim, neste dia. A temática que foi abordada foram os meios de transporte. Primeiro, optei por realizar um breve diálogo onde apelei às vivências das crianças, perguntando que meio de transportes conhecem e quais os que utilizam. De seguida apresentei variadas imagens ilustrativas sobre o tema no quadro onde as crianças puderam dividi-los por três categorias: meios de transporte terrestres, aquáticos e aéreos. Ainda abordei a segurança rodoviária, reforçando alguns cuidados a ter quando as crianças andam de carro ou mesmo enquanto peões.

No domínio da Matemática utilizei o 3.º e 4.º Dons de Fröbel onde realizei adições e subtrações através de uma história previamente inventada. Primeiro realizei a construção do barco, só com o 3.º Dom de Fröbel, construção inventada por mim e seguidamente construí a camioneta com os dois materiais. As crianças acompanharam os exercícios realizando as construções e efetuando as operações no quadro.

Após o intervalo da manhã, as crianças sentaram-se no chão a ouvir a história *Porque é que os animais não conduzem?* de Pedro Seromenho. No fim da mesma, as crianças dialogaram e puderam inventar novos animais e uma justificação para não poderem conduzir.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula, penso que a atividade da Área do Conhecimento do Mundo foi um pouco repetitiva. Para a melhorar teria feito de outra maneira, como por exemplo, construir uma cidade onde as crianças tivessem de encontrar os transportes e depois

fazer a divisão que fiz entre meios de transportes aquáticos, terrestres e aéreos. De forma a melhorar também, poderia ter falado menos sobre a segurança rodoviária, pois acabei por dialogar muito sobre esse tema que poderia ser mais desenvolvido noutra aula.

Para a ler história, optei por sentar as crianças no chão. Hohmann e Weikart (2004) defendem que também nós nos devemos sentar “(...) no chão de forma a que, enquanto lê, as crianças possam colocar-se junto a si, tão próximo quanto possível.” (p.547) Neste caso eu fiquei numa cadeira para que todos pudessem visualizar o livro, mas se a turma fosse mais pequena seria uma boa estratégia pra estar mais próximo da turma.

O final da história era um pouco confuso para as crianças e poderia levar a que estas tivessem outras interpretações da mesma, sendo assim eu expliquei para que ficassem a perceber corretamente o intuito da história. Adams (1998 como citado em Mata, 2006, p.90), salienta a importância de forma como se lê histórias, afirmando que “não é só ler histórias às crianças que faz a diferença, é a reflexão sobre as suas formas e conteúdos, é o desenvolver e apoiar a curiosidade das crianças sobre o texto e o seu significado.” Também a forma como li a história influencia a reflexão que as crianças fazem sobre a mesma. Neste livro, tentei ler sempre de uma forma expressiva e colocando bem a voz.

Sexta-feira, 18 de maio de 2012

A manhã foi iniciada com uma aula do domínio da Matemática lecionada por uma das minhas colegas com o Cuisenaire sobre itinerários. A colega apresentou uma cartolina de grande formato e aí elaborou o caminho com as peças do Cuisenaire e as crianças foram acompanhando nos lugares com as peças numa ficha. Seguidamente, as crianças retiraram as peças e pintaram o caminho de acordo com as cores das mesmas.

Ao regressarem do recreio as crianças realizaram fichas elaboradas por nós, alunas estagiárias.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula do domínio da Matemática sobre o itinerário algumas crianças tiveram dificuldade em realizar a atividade. Segundo Lima (2001) no caminho deve-se “deslocar-se segundo ordens estabelecidas.” (p.135) Se essas ordens não forem bem compreendidas é mais difícil que as crianças acompanhem. Sobre essa temática Moreira e Oliveira (2003) referem que se deve proporcionar “(...)abordagens intuitivas às noções matemáticas de caminho circuito, bem como experiências onde o pensamento combinatório é central.” (p.167) Desta forma as crianças conseguirão

acompanhar mais facilmente os exercícios sobre itinerários. Um dos fatores que influenciou negativamente a aula da colega foi o painel utilizado ser demasiado grande e pesado, e por isso acabou por cair algumas vezes. Penso que este fator acabou por distrair a colega que não conseguiu concentrar-se mais no exercício das crianças.

Segunda-feira, 21 de maio de 2012

Neste dia não compareci na roda pois estive a preparar a sala para a minha aula assistida pelas Professoras Orientadoras da Prática do Ensino Supervisionado. O tema abordado foi o café.

Em primeiro lugar as crianças descobriram o tema, cheirando e observando grãos de café. Seguidamente uma das crianças serviu um café à professora. Para explorar o tema, mostrei um *powerpoint* com a lenda e o processo de produção, fabricação e utilização do café. No final apresentei um moinho e uma máquina de café em movimento.

No domínio da Matemática efetuei o jogo das bases a partir de uma história verbalizada e representei numericamente no quadro as operações.

Depois li a história *A aventura do Zé Café* inventada por Catarina Antunes e as crianças dialogaram sobre a mesma. Seguidamente, as crianças descobriram a palavra que estava dentro de um saquinho nos respetivos lugares. Metade do grupo tinha a palavra grão, a outra metade tinha café. Depois de encontradas as palavras duas crianças foram colocar a palavra no quadro.

No final da manhã, as duas turmas do bibe azul tiveram aula de música onde cantaram músicas do cd *As canções da Maria* de Maria Vasconcelos. Enquanto isso, todas as alunas estagiárias dirigiram-se para uma sala para ter reunião sobre as aulas lecionadas.

Inferências

Nesta aula programada tive a oportunidade de escolher o tema. Apesar do café não ser uma bebida para crianças consegui através do diálogo e do material que levei cativar a atenção da turma. Na aula da Área do Conhecimento do Mundo não mudaria muita coisa, pois penso ter corrido bem. No entanto, quanto à aula do domínio da Matemática reformularia a aula, pois esqueci-me de ler as placas durante as operações. Se a reformulasse faria apenas um exercício bem estruturado em vez de dois que acabaram por ser feitos muito rápido e algumas crianças não acompanharam o raciocínio.

Refletindo sobre a aula, penso que me faltou expressão facial, sorrir mais, pois só na aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita é que sorri com mais frequência.

Terça-feira, 22 de maio de 2012

O presente dia começou com uma aula do domínio da Matemática lecionada por uma das minhas colegas sobre a divisão. O material era constituído por Calculadores Multibásicos para metade da turma e outra metade tinha dois bonecos e doze morangos. A colega elaborou apenas duas operações e representou-as no quadro.

Seguidamente, entreguei e expliquei às crianças uma ficha da Área do Conhecimento do Mundo sobre os meios de transporte.

No final da manhã estivemos a enfeitar chapéus com carimbos para o dia da criança. Os carimbos tinham letras e as cores escolhidas foram as do respetivo bibe.

Inferências e fundamentação teórica

O material que as crianças utilizaram era bastante apelativo. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007):

há ainda outros materiais na educação pré-escolar que permitem desenvolver noções matemáticas, uns mais relacionados com a concretização de quantidades e de operações matemáticas, como por exemplo, o material Cuisenaire e calculadores Multibásicos; outros com a lógica, como os blocos lógicos; outros ainda com a geometria, como o geoplano. Com esta finalidade, podem também ser usados inúmeros materiais da vida diária, como palhinhas, paus, caricas... (p.76)

A colega apenas realizou duas operações com as crianças mas foram feitas corretamente.

A ficha que entreguei às crianças foi feita com demasiada facilidade, se fizesse de novo a atividade, teria escolhido outro tema para o trabalho ou então dificultar as questões de forma a ser mais desafiante para as crianças.

Sexta-feira, 25 de maio de 2012

Neste dia, uma das minhas colegas repetiu a atividade de matemática sobre o itinerário. Desta vez apenas utilizou o Cuisenaire, e as crianças tinham a respetiva ficha, o material e os lápis de cor para depois pintarem.

Seguidamente a minha outra colega deu às crianças uma ficha da Área do Conhecimento do Mundo sobre as variadas classes dos animais.

Após o intervalo as minhas colegas e eu terminámos os chapéus para o dia da criança e arrumámos fichas nos respetivos *dossiers*.

Inferências

Com a repetição da atividade, a colega teve uma melhor prestação utilizando apenas o Cuisenaire e as fichas de trabalho. Daquilo que pude observar a colega sentiu-se mais à vontade por não ter o painel de grandes dimensões e também por ser a segunda vez, o que deu tempo para se preparar melhor.

Segunda-feira, 28 de maio de 2012

Na presente data, as crianças começaram o dia por elaborar fichas enquanto nós ficámos a fazer recortes solicitados pela educadora. Durante esse tempo algumas crianças foram ler na Cartilha Maternal com a educadora.

De regresso do intervalo as crianças participaram numa aula do domínio da Matemática com os Calculadores Multibásicos. A educadora trabalhou a subtração e ensinou os termos aditivo, subtrativo, resto, excesso e diferença. Ainda houve oportunidade as crianças lerem a placa do resultado da operação por cores e por ordens. De seguida, a educadora solicitou a uma das minhas colegas que realizasse uma subtração com o material e a colega elaborou uma subtração com empréstimo, terminando a mesma com ajuda da educadora.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora titular da sala do bibe azul mostrou-se preocupada em demonstrar várias atividades para desenvolver com os materiais matemáticos de forma a podermos tirar dúvidas.

Os materiais manipuláveis são bastante importantes pois beneficiam o ritmo da aprendizagem das crianças. O professor deve dominar o material utilizado de forma a poder encaminhar os alunos a explorarem o potencial do mesmo. (Damas *et al.*, 2010, p.7)

Na minha opinião, estas aulas foram fundamentais para aprendermos mais sobre os materiais, bem como algumas atividades a fazer com as crianças e apreciei muito a atitude da educadora.

Terça-feira, 29 de maio de 2012

Neste dia viemos um pouco mais cedo para ajudar na preparação da visita de estudo à Grande Festa da Criança – O Oeste Infantil em Torres Vedras. Uma das minhas colegas faltou neste dia, então apenas eu e a minha outra colega presenciamos a visita de estudo. À chegada ajudámos a colocar o almoço na mochila e orientámos as crianças na ida à casa de banho.

De seguida fomos para Torres Vedras. À chegada a turma foi dividida em três grupos para ser mais fácil a entrada nos espaços destinados às diferentes atividades.

Os três grupos reuniram-se ao almoço fazendo um piquenique à hora do almoço. Depois do mesmo, os grupos reorganizaram-se e visitámos mais uns espaços.

Inferências e fundamentação teórica

Esta visita de estudo foi importante pois pude ficar responsável por um pequeno grupo de crianças durante todo o dia. Com um grupo pequeno foi mais fácil poder gerir as atividades na feira. As crianças gostaram bastante deste dia, foi diferente pois passaram a grande maioria do tempo a brincar. Ignácio (2001) defende que “brincar, para a criança, é tão importante e sério como trabalhar é para um adulto.” (p.25)

Apesar de ter sido um dia bastante cansativo foi fundamental ter a noção da responsabilidade nas visitas de estudo.

Sexta-feira, 1 de junho de 2012

No dia da criança as crianças tiveram a oportunidade de brincar num insuflável que foi colocado no recreio da escola.

Posteriormente, as minhas colegas e eu organizámos uma aula sobre o dia em questão. Em primeiro lugar eu dialoguei um pouco sobre a origem deste dia. Depois, as minhas colegas apresentaram um *powerpoint* sobre os direitos e deveres das crianças. No final da manhã as crianças realizaram uma atividade de expressão plástica onde elaboraram uma pregadeira para usarem durante o dia.

Neste dia as crianças almoçaram no espaço exterior e puderam fazer o recreio com os seus chapéus que elaboraram previamente.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia as crianças divertiram-se bastante, pois era o dia delas. O espaço exterior tem imensas capacidades e neste dia foi bastante aproveitado, tanto nos insufláveis como na hora do almoço. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) “O espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. Pelas suas potencialidades e pelas oportunidades educativas que pode oferecer, merece a mesma atenção do educador que o espaço interior.” (pp.38-39)

A aula que dei em conjunto com as minhas colegas era uma temática que as crianças não conheciam, mas através do *powerpoint* e do diálogo as crianças ficaram a conhecer mais sobre a importância deste dia. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) “mesmo que a criança não domine inteiramente os conteúdos, a introdução a diferentes domínios científicos cria uma sensibilidade que desperta a curiosidade e o desejo de aprender.”

(p.85) Das três atividades, as crianças gostaram mais da expressão plástica pois ficaram mais animadas e puderam participar no processo.

Segunda-feira, 4 de junho de 2012

O dia iniciou-se com uma aula de música onde as crianças cantaram músicas do cd *As canções da Maria* de Maria Vasconcelos.

De seguida as crianças realizaram fichas e alguns grupos foram ler à Cartilha Maternal enquanto as minhas colegas e eu arrumámos algumas fichas nos respetivos *dossiers*.

Após o intervalo da manhã, as crianças ouviram uma história *Uma aventura na terra dos direitos* de Paula Guimarães contada por mim e pelas minhas colegas.

Inferências e fundamentação teórica

A história que contámos às crianças era um pouco longa e as estas acabaram por perder o interesse. Para melhorar, poderíamos ter inventado uma história baseada nesta mas mais pequena de forma a captar a atenção das crianças. De qualquer forma, as crianças ficaram a perceber a ideia da história, que mais do que entreter e trabalhar vocabulário, tinha como principal objetivo trabalhar os direitos das crianças. Cury (2006) alega que “educar é contar histórias. Contar histórias é transformar a vida na brincadeira mais séria da solidariedade” (p.132) Desta forma pudemos educar, a contar esta história, onde as crianças foram despertadas a conhecer os seus direitos.

Terça-feira, 5 de junho de 2012

Ao regressarem da roda, as crianças assistiram a uma aula onde ficaram a conhecer melhor os livros. A educadora apelou às suas vivências, questionando quem tinha livros em casa. De seguida utilizou um livro para explorar a evolução da escrita, a forma de se construir um livro e ainda falou em alguns tipos de folhas que existem. A educadora referiu ainda que os livros se vendiam nas livrarias e falou um pouco das mesmas.

Posteriormente as crianças mantiveram-se nos seus lugares a terminar alguns trabalhos enquanto algumas crianças pintaram caixas de madeira connosco.

A educadora iniciou a numeração romana depois do intervalo, apresentando no quadro a representação escrita até ao número seis.

Inferências e fundamentação teórica

Esta foi a única aula lecionada pela educadora da Área de Conhecimento do Mundo que assistimos. A temática abordada cativou as crianças, pois estas foram questionando a educadora de forma a entenderem melhor o que era abordado. De

acordo com Magalhães (2008) “o educador deve sensibilizar as suas crianças para a importância das histórias, dos que contribuem para a aprendizagem e para o desenvolvimento cognitivo e afectivo das crianças.” (p.62) A educadora dialogou sobre os livros e estes ficaram curiosos para saber mais acerca dos mesmos. Na minha opinião, o facto de estarem a terminar a Cartilha Maternal apela bastante a que as crianças se sintam interessadas pelos livros, pois querem lê-los e saber mais acerca deles.

A numeração romana foi aceite pelas crianças. Estas ficaram atentas a conhecer a sua origem e questionaram a educadora para saberem mais representações de números.

Sexta-feira, 8 de junho de 2012

No início da manhã, as crianças picotaram a planificação dum cubo que tinha numeração romana nas faces. Depois de o fazerem colaram-no com o nosso apoio. De seguida, algumas crianças vieram ler pequenos textos connosco.

Após o intervalo uma das minhas colegas realizou com as crianças uma subtração com empréstimo com os Calculadores Multibásicos e posteriormente foi a minha vez de o fazer também.

Inferências e fundamentação teórica

A picotagem é fundamental para as crianças. Segundo Lima (2001) “é importante deixar que a criança exercite bastante os movimentos primitivos do recorte, onde a criança picota toda a borda do papel.” (p.130) A atividade da colagem foi executada com a nossa colaboração pois algumas crianças tinham dificuldade em modelar o cubo.

A subtração com empréstimo que realizei com as crianças foi realizada com sucesso. A educadora solicitou-nos a fazer o exercício de forma a ultrapassar as nossas dificuldades. Neste dia já tive mais facilidades na linguagem matemática e turma resolveu a atividade facilmente.

Segunda-feira, 11 de junho de 2012

Neste dia uma das minhas colegas utilizou os Calculadores Multibásicos para realizar um exercício do jogo das torres e depois a minha outra colega realizou um exercício sobre a divisão. Durante essas aulas, estive a colar fitas nas capas de fim de ano das crianças.

No segundo tempo da manhã, a educadora teve de se ausentar da sala e as crianças ficaram a realizar uma cópia e de seguida um desenho sobre a mesma.

Inferências

Para além da educadora nos mostrar as potencialidades do material, durante este período de estágio, tivemos a oportunidade de praticar a utilização dos materiais estruturados de forma a sermos corrigidas. Neste dia as minhas colegas puderam treinar alguns exercícios de forma a ultrapassar as suas dificuldades.

Com a ausência da educadora, as minhas colegas e eu pudemos assumir a turma e esta cumpriu as regras de comportamento de forma a respeitarem-nos tal como se fôssemos a educadora titular da turma.

Terça-feira, 12 de junho de 2012

A manhã iniciou-se com as crianças a realizarem fichas de trabalho. Durante esse tempo alguns grupos de crianças foram ler à Cartilha Maternal e nós ficámos a cortar e colar peixes nas caixas de madeira.

Ao regressarem do intervalo, as crianças trabalharam com as Calculadoras a representar números até às dezenas nas mesmas.

Inferências e fundamentação teórica

As fichas elaboradas pelas crianças do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita são importantes para treinar a caligrafia e familiarizar com o código escrito. (Figueiredo, 2004) O mesmo autor refere ainda que “neste sentido, as tentativas de escrita, mesmo que não conseguidas, deverão ser valorizadas e incentivadas.” (p.92) Enquanto íamos colando os peixes íamos vigiando o trabalho das crianças de forma a também podermos valorizar e incentivar esses exercícios de caligrafia.

Sexta-feira, 15 de junho de 2012

Na presente data, uma das minhas colegas lecionou uma aula do domínio da Matemática com material alternativo onde realizou algumas situações problemáticas.

De seguida as crianças pintaram alguns vasos com o nosso auxílio.

Posteriormente, orientei uma atividade em que as crianças inventaram uma história. Eu comecei e cada criança acrescentou uma frase de modo a construir uma história.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças divertiram-se bastante a pintar os vasos. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) “a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício (...) da motricidade fina”, de modo a permitir que todas as crianças “e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo.” (p.58) Também durante esse tempo existe um diálogo

entre a criança e nós, alunas estagiárias. Esses momentos são importantes para conhecermos melhor a turma e colocando os alunos à vontade auxiliar na atividade proposta.

A história que as crianças criaram tornou-se um pouco repetitiva. Se repetisse a atividade mudaria orientando melhor a atividade ou criando regras como por exemplo acrescentado personagens inventadas por mim que tivessem de ser inseridos na história.

Segunda-feira, 18 de junho de 2012

No primeiro tempo da manhã as crianças copiaram a frase “O tio Rui viu uma borboleta. Era linda!” e de seguida realizaram um desenho relacionado com a mesma.

Após o intervalo, a educadora elaborou uma revisão dos materiais estruturados realizando exercícios sobre a multiplicação.

Inferências e fundamentação teórica

Vi diversas vezes a educadora solicitar às crianças que fizessem um desenho relacionando-o com atividades anteriores. Muitas vezes os desenhos podem ser interpretados como uma ocupação de tempo, mas neste caso o desenho está relacionado com a cópia previamente feita. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) “(...) o desenho é uma forma de expressão plástica que não pode ser banalizada, servindo apenas para ocupar o tempo. Depende do educador torna-la uma actividade educativa.” (p.61) Sendo assim, podemos ver que o desenho pode ser utilizado muito mais do que como simples entretenimento.

Terça-feira, 19 de junho de 2012

No penúltimo dia de estágio, as crianças terminaram algumas fichas de trabalho. Durante esse tempo, algumas crianças foram ler à Cartilha Maternal.

As minhas colegas e eu passámos o dia a elaborar expressão plástica. Uma das minhas colegas enfeitou os vasos com a ajuda das crianças utilizando plasticina. Eu e outra colega terminámos as caixas de madeira colando búzios com o apoio das crianças.

Inferências

Estes momentos de expressão plástica ocuparam muito tempo deste dia de estágio mas foram importantes para a educadora poder dar a sua aula final com os alunos. Com o material feito, a educadora pode focar-se nas suas aulas com as crianças e planeá-la da melhor forma podendo já ficar descansada com o material.

Sexta-feira, 22 de junho de 2012

Este dia foi marcado pelas Provas Práticas de Avaliação de Capacidade Profissional. Em primeiro lugar assisti à prova de uma colega no bibe azul sobre fotografia.

De seguida decorreu a minha aula. Nesta prova tive de desenvolver atividades com crianças do bibe encarnado durante uma hora e quinze minutos. Comecei pela Área do Conhecimento do Mundo onde as crianças adivinharam o tema através do diálogo e de seguida apelei às suas vivências questionando-os quais os seus sabores favoritos. Seguidamente, confecionei uma receita de gelado de morango com a ajuda de alguns alunos. No fim todos os alunos puderam provar gelado de morango que eu tinha elaborado previamente, exceto uma criança que é alérgica. Essa criança comeu um pedaço de bolo que os pais trouxeram propositalmente para esse efeito.

No domínio da Matemática realizei combinações com material alternativo. Cada criança tinha uma placa de madeira com seis furos, seis cones de gelado de plástico e doze bolas de esferovite coloridas. Nesta atividade realizei um exercício onde as crianças tinham de fazer combinações de gelados com três sabores: limão, morango e chocolate, de forma a encontrarem as seis combinações possíveis.

De seguida, li um texto ilustrado de minha autoria denominada *Uma receita especial*. A história constava num livro de grande formato e as crianças participaram completando a história pelas imagens que observavam. Depois de dialogar sobre a história, as crianças identificaram as vogais da palavra gelado e por imitação copiaram a palavra com as respetivas vogais e consoantes.

No final levei as crianças para o espaço exterior para realizarem o jogo dos cones saborosos. As crianças foram distribuídas por quatro grupos, cada um correspondia a um sabor de gelado: limão, morango, chocolate e mirtilo. Cada grupo realizou uma fila para poderem começar o jogo. Ao som da música *Quente, quente, quentado* grupo musical Docemania, as crianças procuraram bolas do seu respetivo sabor e colocavam-nas no cone do seu grupo. Logo após o jogo, a turma ficou com uma colega estagiária e as professoras que avaliaram a minha prova falaram comigo para saber pontos positivos e negativos da aula.

Após o almoço assisti a outras provas das colegas.

Inferências e fundamentação teórica

A minha aula final no geral correu como eu tinha planeado. Este tema foi escolhido por ser engraçado e também por ir de encontro ao gosto das crianças. Como uma das crianças não pode comer gelado, preocupei-me em que essa criança

também tivesse direito a comer um doce, daí ter solicitado aos pais que trouxessem algo para essa criança.

Ao planear esta aula preocupei-me em organizar uma aula divertida e ao mesmo tempo educativa para as crianças. De acordo com Haigh (2010) não nos devemos limitar a descarregar informação, devemos personalizar os planos de aula, pois não existem “dois professores a ensinarem exactamente da mesma maneira, nem deve haver.” (p.40)

Durante toda a aula mantive o contacto visual com as crianças de modo a captar a atenção dos alunos, tal como é defendido por Haigh(2010).

Um dos fatores que penso ter influenciado o facto da aula ter corrido bem é a organização da sala. A organização do espaço e do material ajuda a que as crianças se sintam encorajadas e interessadas nas diferentes atividades (Hohmann & Weikart, 2004, pp.163-164)

Se realizasse de novo esta aula teria utilizado menos tempo na aula de Conhecimento do Mundo de modo a que as crianças pudessem descobrir as combinações na aula do domínio da Matemática.

CAPÍTULO 2

Planificações

Este capítulo é constituído por três planificações realizadas ao longo do estágio profissional e encontra-se dividido em três subcapítulos.

No primeiro subcapítulo apresento uma planificação da Área do Conhecimento do Mundo. No segundo subcapítulo apresento uma planificação do domínio da Matemática. E no terceiro subcapítulo apresento uma planificação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Todas elas apresentam as devidas inferências e as fundamentações teóricas.

Todas as planificações foram baseadas no modelo T de aprendizagem propostas pelo Dr. Martiniano Pérez. Foi realizada uma adaptação deste modelo, porque estes planos de aula são referentes a pequenas unidades de aprendizagem.

2.1. Fundamentação teórica

A planificação consiste na preparação prévia e concretização de um plano para uma determinada atividade. Segundo Zabalza (1994), “trata-se de converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.” (p.47)

Clarke Yinger (1979 como citado em Zabalza, 1994) indicam três tipos de razões que levam os professores a planificar:

os que planificavam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.; os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de intuição: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc.; os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a maior forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referências para a avaliação, etc. (pp.48-49)

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989), é importante planificar a sequência e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Desta forma a planificação trata de “seleccionar estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos” (p.433). Desta forma, é necessário planificar situações, ambientes e meios propícios à aprendizagem feita por parte dos alunos.

Planificar é bastante importante. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007), “planejar o processo educativo é condição para que (...) proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades”. (p.26)

Na opinião de Fisher (2004), “os educadores podem aperfeiçoar o planeamento, de modo a ir ao encontro das necessidades e interesses dos alunos pelos quais são responsáveis” (p.26) A mesma autora refere existir três fases do planeamento, onde

podemos encontrar: o planeamento a longo prazo, o planeamento a médio prazo e o planeamento a curto prazo (semanal).

No planeamento a longo prazo, Fisher (2004) defende que este é “efetuado semanas ou meses antes de o planeamento ser posto em prática”, é a lista das capacidades, dos conhecimentos e das atitudes que serão apropriados a um determinado grupo de crianças dentro de um contexto de um certo tempo. A mesma autora refere que “o planeamento a longo prazo está relacionado com o facto de a criança ter direito a um currículo abrangente e equilibrado” (p.26)

Em relação ao planeamento a médio prazo, Fisher (2004) diz que “o planeamento a médio prazo tem a ver com a continuidade e a progressão entre um determinado estágio de cada área de aprendizagem e o estado que se lhe segue” (p.26). “É nesta fase que se pode considerar que o currículo está organizado de uma forma mais eficaz se se associarem diferentes áreas de aprendizagem através de temas ou tópicos” (p.26)

Segundo Fisher (2004), o planeamento a curto prazo é “realizado no próprio dia ou no instante imediatamente anterior àquele em que o planeamento é posto em prática” (p.26). Este tipo de planificação faculta “pormenores relativos às actividades, experiências, recursos, grupos e estratégias de ensino, que são identificados através da observação contínua e da avaliação das crianças em acção” (p.26).

Os planos de longo e médio prazo estão relacionados com a organização do currículo, enquanto que os planos a curto prazo são executados tendo em conta a criança.

A planificação tem como objetivo organizar o trabalho do educador, ajudá-lo a refletir sobre os conteúdos, estratégias, métodos, e materiais a utilizar e também estabelecer metas a atingir ao longo das suas actividades, nas aulas. Desta forma, as planificações são bastante importantes no desenvolvimento das aulas e essenciais para que os educadores reflitam e promovam actividades que gerem aprendizagens significativas.

Arends (1995) defende existirem cinco níveis de planificação: a planificação diária, a planificação semanal, a planificação da unidade, a planificação do período e a planificação anual.

As planificações que eu realizei foram planificações diárias, ou seja, a curto prazo. Todas essas planificações foram adaptadas ao modelo T de Aprendizagem proposto pelo Doutor Martiniano Pérez (quadro 5).

Quadro 5–Modelo do plano T de aprendizagem

Jardim-Escola João de Deus de Alvalade		
Plano de Aula		
Faixa etária:		
Data:	Nome:	
Duração:	Turma: e N.º:	
Educadora:		
Área ou domínio		
Conteúdos		Procedimentos-Métodos
Capacidades-Destrezas	Objetivos	Valores-Atitudes
Material:		

(Baseado no modelo T de aprendizagem)
Plano sujeito a alterações.

Fonte: Adaptado de Pérez (s.d).

Segundo Pérez (s.d.), este modelo agrupa “os objectivos fundamentais (capacidades – valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais (formas de fazer) numa visão global e panorâmica.” (p.7). O mesmo autor refere que o modelo T tem este nome “porqueterm a forma de um T duplo: de objectivos (capacidades – valores) e de meios (conteúdos – métodos/actividades gerais). (p.7)

De acordo com Péres (s.d.), “numa só folha integram-se todos os elementos de currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar” (p.7)

O mesmo autor (s.d), defende que: conteúdos “são formas de saber e reduzem-se fundamentalmente a duas: saber sobre feitos e saber sobre conceitos”, método e procedimento significam o mesmo, “é a estratégia de aprendizagem ou forma de desenvolver capacidades e valores”, a capacidade é uma habilidade geral” enquanto que “destreza é um habilidade específica”, e ainda, “atitude é uma predisposição estável para....” e valores são “constelações ou conjuntos de atitudes.” (pp.8-9)

De acordo com Zabalza (1994):

os professores dedicam a maior parte do tempo da planificação a decidir que conteúdos vão ensinar; depois, concentram o seu esforço na preparação dos processos instrutivos, isto é, que estratégias e actividades se vão realizar; finalmente, dedicam uma escassa proporção de tempo aos objectivos. (p.54)

As planificações podem ser realizadas pela escola enquanto conjunto ou pelo educador, sendo mais direccionada para a sua turma. Na opinião de Zabalza (1994), o primeiro caso, “o conteúdo refere-se a metas gerais, prioridades e princípios de procedimento.” (p.53) Cada escola é responsável pela gestão e tomada de decisão a partir das quais o que constitui um programa geral, com linhas comuns à sociedade será interpretado e adequado ao contexto de cada escola, construindo-se uma planificação que corresponde ao Projeto Curricular de Escola.

Segundo Zabalza (1994), o currículo:

é o conjunto dos pressupostos de partida, das metas que se deseja alcançar e dos passos que se dão para as alcançar; é o conjunto de conhecimento, habilidades, atitudes, etc. que são considerados importantes para serem trabalhados na escola, ano após ano. (p.12)

Na Circular n.º 17/2007 do 10 de outubro, é descrito, Projeto Curricular de Escola como um “documento que define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo ao contexto de cada estabelecimento/escola”.(p.2) Enquanto profissional de educação, o educador tendo por base este documento, ao planificar as atividades, adapta o currículo referido à turma que leciona.

Tentando corresponder a todas estas necessidades, planifiquei atempadamente as aulas, com a finalidade de desenvolver várias competências nas crianças.

2.2. Planificação em quadro

2.2.1. Planificação da aula da Área do Conhecimento do Mundo

No quadro 6 encontra-se o plano da aula da Área do Conhecimento do Mundo.

Nesta aula lecionei os diferentes tipos de meios de transporte. Comecei por distribuir as crianças pelos seus respetivos lugares nas cadeiras da sala. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007), “a organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica de grupo, sendo indispensável para que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais” (p.37). Organizar o espaço é bastante importante para podermos aproveitar ao máximo as potencialidades do mesmo.

De seguida, solicitei a participação das crianças ao questioná-los sobre as suas vivências. Tal como nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) devemos “partir do que a criança já sabe e valorizar os seus saberes como fundamento de novas aprendizagens” (p.14). As crianças participaram dizendo meios de transporte que utilizam ou que conhecem e as suas experiências com os mesmos. Segundo Hohmann e Weikart (2004), “as reflexões das crianças sobre as suas acções são uma parte fundamental do processo de aprendizagem.” (p.47), daí dar-se uma importância acrescida ao diálogo e também às suas vivências.

Ao realizar a atividade de organizar as fotografias no quadro dividido nos três tipos de meios de transporte, as crianças puderam explorar as características e as diferenças entre os mesmos. Segundo Spodek e Sarancho (1998), “as fotografias estimulam discussões e oferecem informação.” (p.335), tal como reforça o autor, as fotos podem ser um bom método de transmitir a informação pretendida.

No fim da atividade pude falar com todas as crianças sobre algumas formas de ter uma viagem em segurança. Hohmann e Weikart (2004) defendem que devemos arranjar um “ tempo para falar com todas as crianças.” (p.538). Este foi o momento que escolhi para as crianças participarem e falarem das suas experiências.

Jardim-Escola João de Deus Plano de Aula

Faixa etária: Bibe azul

Data: 15-05-2012

Duração: 25/30 minutos

Área do Conhecimento do Mundo

Conteúdos		Procedimentos-Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • Os meios de transporte 		<ul style="list-style-type: none"> • Dispor os alunos por mesas e sentados nas cadeiras; • Dialogar com as crianças, acerca dos meios de transporte que conhecem e que utilizam; • Realizar uma atividade com um quadro onde se pode distinguir os transportes aéreos, marítimos e terrestres; • Reforçar alguns conhecimentos para uma viagem com segurança. 	
Capacidades-Destrezas	Objetivos	Valores-Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio Lógico: <ul style="list-style-type: none"> • Analisar; • Comparar. • Experimentar: <ul style="list-style-type: none"> • Manipular; • Concluir. 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito: <ul style="list-style-type: none"> • Escutar; • Dialogar; • Responsabilidade: <ul style="list-style-type: none"> • Atenção; • Autonomia. 		
<p>Material: Imagens ilustrativas dos transportes e quadro.</p>			

(Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem)
Documento redigido segundo o Novo Acordo Ortográfico
Plano sujeito a alterações.

2.2.2. Planificação da aula do domínio da Matemática

Tal como indicado na planificação (quadro 7), iniciei a aula, optando por deixar as crianças nos seus lugares habituais nas mesas redondas, para que as mesmas possam trabalhar com uma postura correta e concentradas.

De seguida, solicitei às crianças que construíssem a escada com o material estruturado, Cuisenaire. Segundo Caldeira (2009), “a partir da observação da “escada”, pode visualizar a sequência numérica de 1 a 10”. (p.132) Depois da escada construída, pedi às crianças que colocassem a lua na peça laranja, a peça mais alta da escada. Com essa escada e através dessa observação, pude pedir às crianças para lerem a escada por valores.

A atividade foi focada na subida e descida de degraus com uns bonecos onde trabalhei a adição e subtração. Na opinião de Castro e Rodrigues (2008) as crianças necessitam “de concretizar as situações numéricas para modelar os resultados das suas adições e subtrações.” (p.13) Com este material as crianças puderam concretizar essas situações numéricas de forma a trabalhar no concreto ao subir escadas mas também no abstrato ao elaborar cálculo mental com as crianças. De acordo com Alsina (2004), o Cuisenaire é útil “para introduzir e praticar as operações aritméticas, mas que devem ser retiradas no momento adequado, para que os alunos passem a calcular mentalmente.” (p.34)

No fim de cada situação problemática, esta era representada as respetivas indicações no quadro com algarismo móveis. De acordo com Costa (1988 como citado em Caldeira, 2009):

“é no pré-escolar que a criança forma os conceitos matemáticos básicos, ou seja, aqueles que são fundamentais para o trabalho posterior com números, medidas e geometria” (p.2)

Com esta proposta de atividade pretendi que as crianças resolvessem de uma forma lúdica algumas situações problemáticas com adições e subtrações.

Jardim-Escola João de Deus Plano de Aula

Faixa etária: Bibe encarnado

Data: 03-02-2012

Duração: 45 minutos

Domínio da Matemática

Conteúdos	Procedimentos-Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> ● Associação do número a quantidades; ● Sentido do número; ● Operações. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Dispor os alunos por mesas; ● Pedir às crianças que construam a escada crescente do Cuisenaire; ● Ler a escada por cores e por valores; ● Colocar a imagem da lua na peça laranja; ● Fazer adições e subtrações utilizando imagens de uma menina e um menino para subir ou descer degraus com as respetivas indicações através de algarismos móveis. 	
Capacidades-Destrezas	Objetivos	Valores -Atitudes
<p>Raciocínio Lógico:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Noção de quantidade; ● Resolver problemas. <p>Experimentar:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Manipular; ● Concluir. 	<p>Respeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Escutar; ● Dialogar; <p>Responsabilidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Atenção; ● Autonomia. 	
<p>Material: Cuisenaire, imagem da lua, imagem de uma menina, imagem de um menino e algarismos móveis.</p>		

(Baseado no modelo T de aprendizagem)
Plano sujeito a alterações.

2.2.3. Planificação da aula do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

No quadro 8 apresento a planificação da aula que lecionei no domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Na aula optei por sentar as crianças em “U” pois, de acordo com Cury (2006), “sentar em forma de U (...), melhora a concentração e diminui a ansiedade dos alunos”. (p.125) Esta forma de sentar foi com o objetivo de captar melhor a atenção das crianças e que estas pudessem observar da melhor forma o livro apresentado.

De seguida, passei à leitura da história *O nabo Gigante* de Alexis Tolstoi e Niamh Sharkey. Escolhi este livro, porque segundo a informação dada pela educadora, no decorrer desse dia ia ser abordada a temática dos legumes, assim sendo, a história fica enquadrada nesse assunto. Ao ler a mesma, tive o cuidado de realizar inflexões de voz, expressões faciais e solicitar a participação dos alunos.

Segundo Cadório (2001), “a leitura pode tornar-se num óptimo veículo de enriquecimento do vocabulário, de novas estruturas de frase, de novos contextos vocabulares”. (p.38) As crianças, ao relacionarem as vivências com o que estão a ouvir, ficam mais rapidamente interessados e atentos durante esse momento. Ou seja, Cadório (2001), acrescenta que “a leitura pode assumir também uma dimensão lúdica” (p.40).

Como parte lúdica dessa leitura utilizei uma dramatização da história. Segundo Sousa, (2003) é a partir da:

expressão dramática que a criança se experimenta a si mesma, vive a sua imaginação, os seus sonhos, as suas fantasias e até os seus medos, provando a si própria as suas capacidades de transformação e de se imaginar em outras situações. (p.34)

O material de apoio que utilizei nesta aula foi importante para a turma se situar na história. A partir da sua dramatização, as crianças puderam repeti-la com sons, gestos e acompanhadas de um objeto que representa um nabo gigante, elaborado com tecido.

Na opinião de Teberosky e Colomer (2003), o educador “deve tentar fazer com que as crianças “entrem” no mundo do texto” (p.127). Sendo que este processo de envolvimento com a mesma, parte maioritariamente da forma como o educador prepara o espaço, dinamiza a atividade e sabe fazer a sua contextualização.

Quando solicitei às crianças que participassem na dramatização todas demonstraram muito entusiasmo. Cury (2006) afirma que “a sala de aula não é um exército de pessoas caladas (...) onde o professor é o único actor e os alunos, espetadores passivos. Todos são actores da educação. A educação deve ser participativa” (p.125).

Jardim-Escola João de Deus

Plano de Aula

Faixa etária: Bibe amarelo

Data: 08-11-2011

Duração: 20/30 minutos

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Conteúdos		Procedimentos-Métodos	
<ul style="list-style-type: none"> • O nabo gigante 		<ul style="list-style-type: none"> • Sentar as crianças em U; • Ler a história às crianças; • Dramatizar a história com a ajuda das crianças, utilizando material de apoio. 	
Capacidades-Destrezas	Objetivos	Valores-Atitudes	
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio Lógico <ul style="list-style-type: none"> • Observar. • Expressão Oral e escrita <ul style="list-style-type: none"> • Vocabulário; • Compreensão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Respeito <ul style="list-style-type: none"> • Escutar; • Dialogar; • Criatividade <ul style="list-style-type: none"> • Imaginação; • Originalidade. 		
<p>Material: História “O nabo gigante”, imagens dos animais e nabo gigante feito de trapilho.</p>			

(Baseado no modelo T de aprendizagem)
Plano sujeito a alterações.

CAPÍTULO 3

Dispositivos de avaliação

Este capítulo encontra-se organizado da seguinte forma: fundamentação teórica e apresentação de três dispositivos de avaliação, um do domínio da Matemática, outro do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e ainda um da Área do Conhecimento do Mundo.

Para cada um desses dispositivos é feita uma descrição dos parâmetros e critérios de avaliação, a grelha de avaliação, e a apresentação e análise dos resultados em gráfico.

3.1. Fundamentação teórica

A avaliação é uma função que o educador desempenha com o objetivo de recolher informações dos conhecimentos dos seus alunos.

Segundo Abrantes (2002), “a avaliação é um elemento integrante e regulador das práticas educativas” (p.9).

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação em Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2007) “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (p.27).

Roldão (2003) defende que a avaliação consiste num conjunto estruturado de processos “que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida” (p.41).

Arends (1995) refere que “avaliar é uma função desempenhada pelo professor com o objectivo de recolher a informação necessária para tomar decisões correctas. Estas decisões deveriam ter na base informações o mais relevantes e exactas possíveis.” (p.228)

Quanto às funções da avaliação Ferreira (2007) refere que “na educação escolar, a avaliação assume diferentes funções, resultantes das exigências e papéis que lhe são destinados socialmente.” (p.17)

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989) “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantam dificuldades.” (p.337)

Já Abrantes (2002) menciona que a avaliação assume “uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas.” (p.9)

Na opinião de Bartolomeis (1999) quem avalia faz um levantamento de:

presenças e ausências, de semelhanças e diferenças, de características estáveis e de características variáveis; controla e confronta, indica o lugar que a coisa avaliada ocupa numa série ordenada segundo determinados critérios; atribui um grau de significado àquilo que considera; faz previsões. (p.29)

De acordo com a Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação tem como finalidade:

Contribuir para a adequação das práticas, tendo por base uma recolha sistemática de informação (...); reflectir sobre os efeitos da acção educativa, a partir da observação de cada criança e do grupo (...); recolher dados para monitorizar a eficácia das medidas educativas (...); promover e acompanhar processos de aprendizagem, tendo em conta a realidade do grupo e de cada criança (...); envolver a criança num processo de análise e de construção conjunta (...); conhecer a criança e o seu contexto, partilhar informação e aferição entre os intervenientes – pais, equipa e outros profissionais. (...) (p.3)

Ferreira (2007) refere que a avaliação tem por finalidade “a tomada de decisões, que podem ser diagnóstico das necessidades, interesses e pré-requisitos para as novas aprendizagens, da orientação durante o processo de ensino-aprendizagem e ainda de hierarquização e de certificação dos alunos.” (p.23)

Segundo a Circular n.º4/DGIDC/DSDC/2011, a avaliação assenta nos seguintes princípios:

carácter holístico e contextualizado do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança; coerência entre os processos de avaliação e os princípios subjacentes à organização e gestão do currículo (...); utilização de técnicas e instrumentos de observação e registo diversificados; carácter formativo; valorização dos progressos da criança; promoção da igualdade de oportunidade e equidade. (p.3)

Existem três tipos de avaliação: avaliação diagnóstica, formativa e sumativa. Os três tipos de avaliação são complementares e permitem, de diferentes modos, obter informação de conteúdo.

A avaliação diagnóstica na opinião de Ferreira (2007) “visa recolher informações sobre cada aluno no sentido da tomada de decisões sobre o ponto de partida do processo de ensino-aprendizagem” (p.26).

As avaliações presentes neste capítulo são exemplos do tipo formativo. De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989), estas pretendem “determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar soluções” (p.24).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989), “a avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescenta novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado”. (p.359)

Segundo a Circular N.º4/DGIDC/DSDC/2011 refere que “a avaliação na educação pré-escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, devolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem”. (p.1)

Para a avaliação que efetuei, recorri a uma adaptação da escada de Likert, que é uma escala com cinco níveis (Tuckman, 2000).

A escada de avaliação utilizada vai de 0 a 10, com os seguintes parâmetros:

Fraco – 0 a 2,9 valores

Insuficiente – 3 a 4,9 valores

Suficiente – 5 a 6,9 valores

Bom – 7 a 8,9 valores

Muito bom – 9 a 10 valores.

3.2. Avaliação da atividade do domínio da Matemática

A atividade do domínio da Matemática (anexo A) foi realizada no dia 7 de maio de 2012, no bibe azul, a vinte e quatro crianças. A turma é composta por vinte e sete crianças, mas três não estavam presentes. Esta proposta de atividade surgiu na sequência de uma aula lecionada por mim no mesmo dia sobre sequências.

Para a realização deste dispositivo de avaliação, distribuí por cada criança uma proposta de trabalho, li e expliquei em voz alta o enunciado do trabalho.

3.2.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Os parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do domínio da Matemática encontram-se discriminados no quadro 9.

Primeiramente, pretende-se que as crianças tenham a capacidade de identificar as sequências, pintando-as corretamente. Receberá seis valores se a criança pintar corretamente as três sequências. Se pintar apenas duas sequências ser-lhe-á atribuído quatro valores. Caso pinte apenas uma sequência de forma correta, a criança terá dois valores. Se a mesma não pintar nenhuma sequência ser-lhe-á dada zero valores.

No segundo parâmetro desta atividade pretende-se que os alunos desenvolvam o raciocínio lógico, na medida em que têm de realizar a situação problemática e apresentar os resultados. Se a criança identificar a operação aritmética referente ao enunciado ser-lhe-á atribuído um valor. Receberá mais um valor se o aluno colocar os algarismos dentro das quadrículas de forma correta. Se a criança realizar corretamente a operação poderá ainda adquirir mais dois valores. Caso contrário, em todos estes critérios, obterá zero valores.

Quadro 9 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do domínio da matemática

Parâmetros	Critérios	Cotação
1. Identificação de sequências	Pinta corretamente as três sequências	6
	Pinta corretamente as duas sequências	4
	Pinta corretamente uma sequência	2
	Resposta incorreta	0
2. Situação problemática	Identificou a operação aritmética subjacente ao enunciado	1
	Não identificou a operação aritmética subjacente ao enunciado	0
	Colocou corretamente a informação nas quadrículas	1
	Não colocou corretamente a informação nas quadrículas	0
	Realizou corretamente a operação	2
	Não realizou corretamente a operação	0
Total		10

3.2.2. Apresentação e descrição da grelha de avaliação de atividade/quadro

No quadro 10 está representada a grelha de avaliação da proposta de trabalho de atividade do domínio da Matemática com as cotações que cada aluno obteve, por parâmetros e o total dos valores.

A grelha foi realizada por vinte e quatro crianças. No que diz respeito ao primeiro parâmetro – Identificação de sequências – observei que a maioria dos alunos pintou corretamente as três sequências. Apenas meia dezena de crianças pintaram somente duas das sequências corretamente. No geral, as crianças conseguiram os seis valores possíveis.

No segundo parâmetro – Situação problemática – quase todas as crianças identificaram a operação aritmética e realizaram-na corretamente. A dificuldade mais observada neste parâmetro foi a colocação da informação nas quadrículas, que alguns alunos não fizeram corretamente.

A cotação mais baixa da turma foi do aluno 4 com seis, ou seja, a classificação de suficiente, e a mais alta foi a de dez valores, conseguida por catorze alunos, com a classificação de muito bom.

A média aritmética, no total das classificações é de aproximadamente nove valores, o que corresponde a muito bom.

Quadro 10 – Grelha de avaliação da proposta de atividade do domínio da Matemática

Alunos	Parâmetros/Critérios										Total
	Identificação de sequências				Situação problemática						
	Pinta corretamente			Resposta incorreta	Identificou a operação aritmética	Não identificou a operação aritmética	Colocou corretamente a informação nas quadriculas	Não colocou corretamente a informação nas quadriculas	Realizou corretamente a operação	Não realizou corretamente a operação	
	3	2	1								
1	6				1		1		2		10
2		4			1			0	2		7
3	6				1		1		2		10
4		4			1			0		0	5
5	6				1		1		2		10
6	6				1		1		2		10
7		4			1		1		2		8
8	6				1		1		2		10
9	6				1			0	2		9
10	6				1		1		2		10
11	6				1		1		2		10
12		4			1		1		2		8
13		4			1		1		2		8
14	6				1		1		2		10
15	6				1			0	2		9
16	6				1		1		2		10
17		4			1		1		2		8
18	6				1			0	2		9
19	6				1		1		2		10
20	6				1				2		10
21	6				1		1		2		10
22	6							0	2		9
23	6				1		1		2		10
24	6				1		1		2		10

3.2.3. Apresentação e análise dos resultados

Através da leitura do gráfico circular (figura13), é possível verificar que setenta e cinco por cento dos alunos, o que corresponde a dezoito crianças, que realizaram o dispositivo de avaliação, obtiveram a classificação de muito bom.

Em relação à classificação de bom, vinte e um por cento dos alunos obtiveram-na, ou seja, cinco crianças.

Apenas quatro por cento dos alunos, portanto, uma criança, adquiriu a classificação de suficiente. Essa criança tem necessidades educativas especiais, e como tal, teve um apoio na realização da atividade, contudo penso não ser preocupante a nota obtida.

Nenhum aluno obteve as classificações de fraco ou insuficiente.

A principal dificuldade das crianças foi na colocação dos algarismos nas quadrículas corretas e em algumas sequências. Considero pertinente, então, trabalhar mais estes obstáculos de forma a ultrapassarem estas dificuldades.

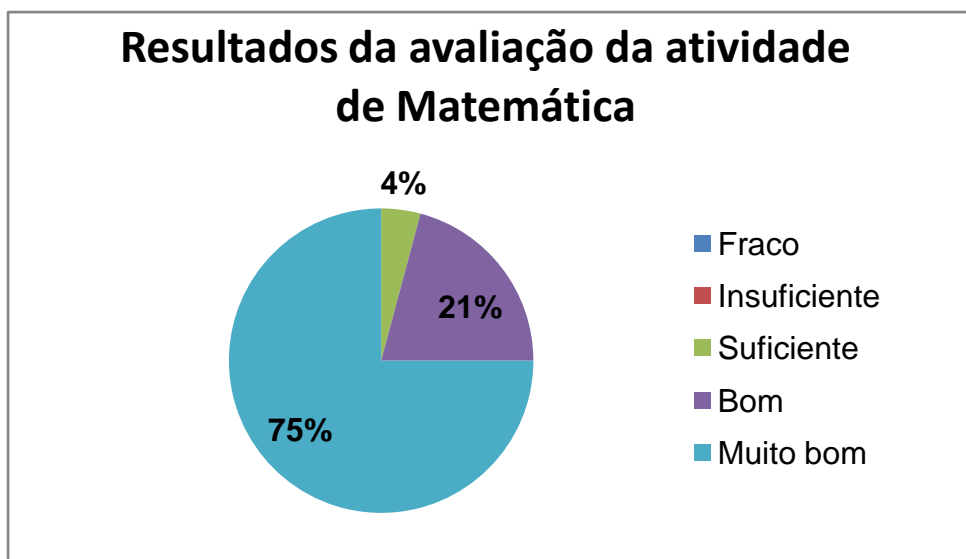


Figura 13 – Gráfico com resultados da avaliação da atividade de Matemática

3.3. Avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

A atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (anexo B) foi elaborado no dia 18 de maio de 2012, no bibe azul, a vinte e quatro crianças. A turma é constituída por vinte e sete crianças, contudo três não estavam presentes. Esta proposta de atividade surgiu na sequência de uma aula lecionada por mim no dia 15 de maio de 2012 sobre a letra g.

Para a realização do dispositivo de avaliação, distribuí uma proposta de trabalho por cada criança, li e expliquei em voz alta o enunciado do trabalho.

3.3.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

No quadro 11 são apresentados os parâmetros, critérios e cotações da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

No primeiro exercício proposto pretendia-se que as crianças desenvolvessem a associação entre palavras e a imagem através da escrita. O aluno devia ler as palavras e observar a imagem de forma a corresponder corretamente. Se a criança escrevesse corretamente a palavra, anteriormente associada, obteria a classificação de três valores. Caso identificasse a palavra mas a escrevesse incorretamente ser-lhe-á atribuído dois valores.

O segundo exercício consiste na aplicação da escrita copiando uma frase. Se o aluno escrevesse corretamente a frase obteria quatro valores, caso escrevesse incorretamente obteria apenas três valores. Se o aluno não escrevesse nada teria a cotação de zero valores.

No último exercício, as crianças eram propostas a ilustrar a frase acima copiada. No caso de associarem os elementos teriam a cotação de três valores, caso contrário teriam zero valores.

Quadro 11 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios	Cotação
1. Associação da palavra à imagem	Escreveu corretamente	3
	Escreveu incorretamente	2
	Não identificou	0
2. Aplicação de escrita	Escreveu corretamente	4
	Escreveu incorretamente	3
	Não escreveu	0
3. Aplicação da imagem	Associa os elementos	3
	Não associou	0
Total		10

3.3.2. Apresentação e descrição da grelha de avaliação de atividade/quadro

No quadro 12 está representada a grelha de avaliação da proposta de trabalho de atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com as cotações que cada criança obteve, por parâmetros e o total dos valores.

No primeiro parâmetro – Associação da palavra à imagem – observei que todos os alunos, exceto um, conseguiram escrever corretamente a palavra. A maioria conseguiu os três valores possíveis.

No segundo parâmetro – Aplicação da escrita – meia dúzia de crianças escreveram incorretamente a frase, contudo, as restantes crianças realizaram o parâmetro corretamente.

No terceiro parâmetro – Aplicação da imagem – observando a grelha, concluiu-se que a maioria das crianças associou apropriadamente os elementos. Apenas três crianças não conseguiram associar os elementos.

A cotação mais baixa da turma foi de seis valores, referente ao aluno 5, ou seja, com a classificação de suficiente e a mais alta foi de dez valores, conseguidos por dezasseis alunos, com a classificação de muito bom.

A média aritmética, no total é de aproximadamente nove valores, sendo assim, uma avaliação de muito bom.

Quadro 12 – Grelha de avaliação da proposta de atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Alunos	Parâmetros/Critérios								Total
	Associação da palavra à imagem			Aplicação da escrita			Aplicação da imagem		
	Escreveu corretamente	Escreveu incorretamente	Não identificou	Escreveu corretamente	Escreveu incorretamente	Não identificou	Associa os elementos	Não associa os elementos	
1	3			4				0	7
2	3			4			3		10
3	3				3		3		9
4	3			4				0	7
5	3				3			0	6
6	3				3		3		9
7	3			4			3		10
8	3			4			3		10
9	3			4			3		10
10	3			4			3		10
11	3			4			3		10
12	3			4			3		10
13	3			4			3		10
14	3			4			3		10
15	3				3		3		9
16	3			4			3		10
17	3			4			3		10
18		2			3		3		8
19	3			4			3		10
20	3			4			3		10
21	3				3		3		9
22	3			4			3		10
23	3			4			3		10
24	3			4			3		10

3.3.3. Apresentação e análise dos resultados

No gráfico da figura 14, é possível observar que oitenta e três por cento dos alunos, portanto, vinte crianças, alcançaram a classificação de muito bom.

No que diz respeito à classificação de bom, treze por cento dos alunos obtiveram-na, ou seja, três crianças.

Os restantes quatro por cento obtiveram a classificação de suficiente, ou seja, uma criança.

Nenhum aluno obteve as classificações de fraco ou insuficiente.

A principal dificuldade encontrada nas fichas foi na escrita das letras na cópia da frase. Considero pertinente, então, trabalhar mais a caligrafia de forma a poder ajudar a turma em próximas atividades.

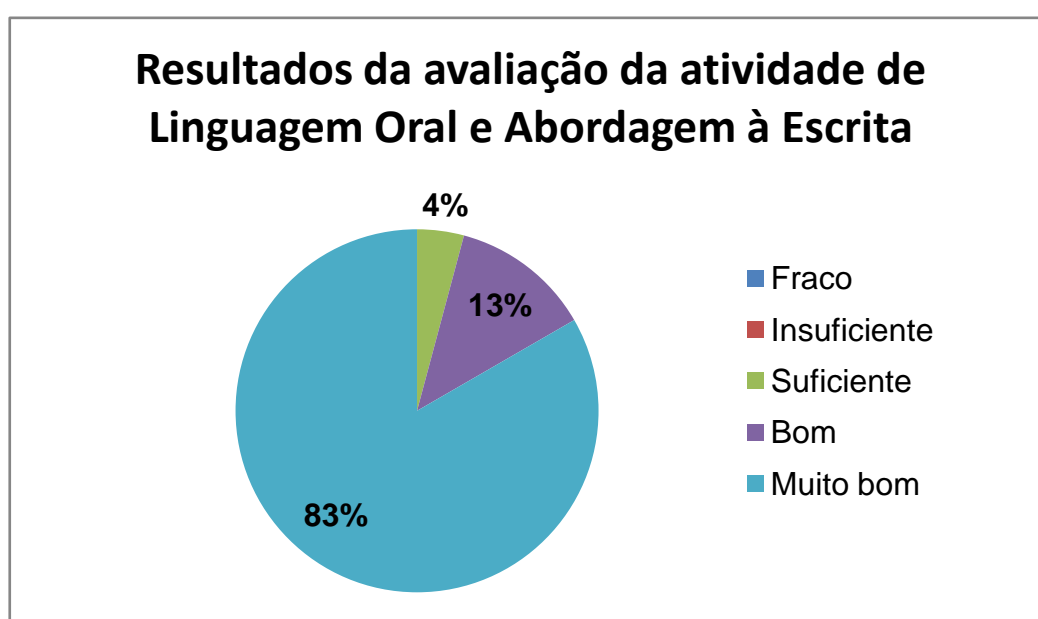


Figura 14 – Gráfico com resultados da avaliação da atividade de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.4. Avaliação da atividade Área do Conhecimento do Mundo

A atividade da Área do Conhecimento do Mundo (anexo C) foi realizada no dia 18 de maio de 2012, no bibe azul, a vinte e quatro crianças. A turma é constituída por vinte e sete crianças, porém três não estavam presentes. Esta proposta vem no seguimento duma aula lecionada por mim no dia 15 de maio de 2012 sobre os meios de transporte.

Para a elaboração deste dispositivo de avaliação, distribuí uma proposta de trabalho por cada aluno da turma, li e expliquei em voz alta o enunciado do trabalho.

3.4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

No quadro 13 apresento os parâmetros, critérios e cotações da atividade da Área do Conhecimento do Mundo.

Com o primeiro exercício pretende-se que os alunos façam a distinção entre os transportes aquáticos, terrestres e aéreos. Se os alunos pintarem corretamente os seis meios de transporte propostos ser-lhe-á atribuído a classificação de oito valores. No caso de pintarem cinco transportes terão sete valores, se for quatro transportes receberão seis valores. De acordo com o número de transportes que pintam, será cotado de formas diferentes como apresento no quadro.

No segundo e último exercício, os alunos eram propostos a desenhar um transporte terrestre. Caso o identificassem e desenhassem corretamente obteriam a cotação de dois valores, se não o fizerem terão zero valores.

Quadro 13 – Parâmetros, critérios e cotações da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Parâmetros	Critérios	Cotação
1. Distinção entre transportes aquáticos, terrestres e aéreos	Pinta corretamente os seis meios de transporte	8
	Pinta corretamente cinco meios de transporte	7
	Pinta corretamente quatro meios de transporte	6
	Pinta corretamente três meios de transporte	5
	Pinta corretamente dois meios de transporte	4
	Pinta corretamente um meio de transporte	3
	Resposta incorreta	0
2. Identificação e desenho de um transporte terrestre	Desenhou um transporte terrestre	2
	Resposta incorreta	0
Total		10

3.4.2. Apresentação e descrição da grelha de avaliação de atividade/quadro

A grelha de avaliação da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo está representada no quadro 13 com as cotações que cada aluno obteve, por parâmetros e o total em valores.

A grelha foi efetuada por vinte e quatro alunos. No primeiro parâmetro – Distinção entre transporte aquáticos, terrestres e aéreos – pude observar que todas as crianças pintaram corretamente os seis meios de transporte. Estes alunos conseguiram os oito valores possíveis neste exercício.

No segundo parâmetro – Identificação e desenho de um transporte terrestre – todas as crianças conseguiram desenhar um meio de transporte terrestre.

A cotação de todos os alunos neste dispositivo de avaliação foi de dez valores, o correspondente a muito bom.

Quadro 14 – Grelha de avaliação da proposta de atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Alunos	Parâmetros/Critérios									Total
	Distinção entre transportes aquáticos, terrestres e aéreos							Identificação e desenho de um transporte terrestre		
	Pintou corretamente						Resposta incorreta	Desenhou um transporte terrestre	Resposta incorreta	
	6	5	4	3	2	1				
1	8							2		10
2	8							2		10
3	8							2		10
4	8							2		10
5	8							2		10
6	8							2		10
7	8							2		10
8	8							2		10
9	8							2		10
10	8							2		10
11	8							2		10
12	8							2		10
13	8							2		10
14	8							2		10
15	8							2		10
16	8							2		10
17	8							2		10
18	8							2		10
19	8							2		10
20	8							2		10
21	8							2		10
22	8							2		10
23	8							2		10
24	8							2		10

3.4.3. Apresentação e análise dos resultados

Como se pode verificar no gráfico circular, é notório a prevalência que as crianças obtiveram a classificação de muito bom, com cem por cento no total.

Sendo assim, nenhum dos alunos obtiveram as classificações de bom, suficiente, insuficiente ou fraco.

Ao realizar estes dispositivos de avaliação pude concluir que na sua maioria, as crianças demonstram possuir o domínio dos conhecimentos. Sendo assim, deveria ter elaborado uma ficha com um grau de dificuldade superior para as crianças, com exercícios onde elas pudessem, por exemplo, procurar semelhanças entre os transportes terrestres, ou entre os aquáticos ou ainda entre os aéreos.

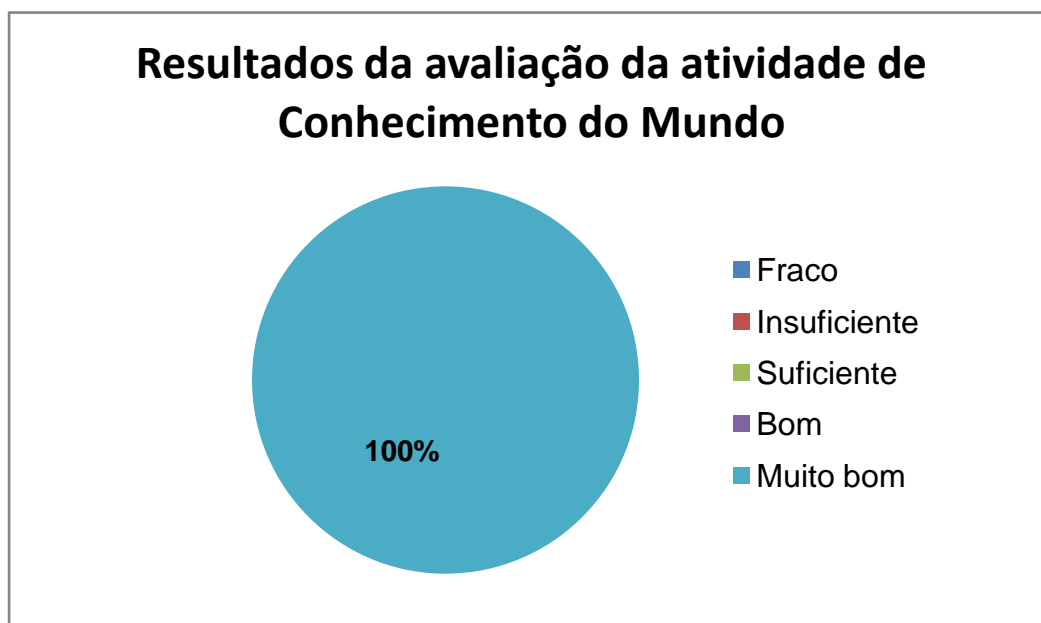


Figura 15 – Gráfico com resultados da avaliação da atividade de Conhecimento do Mundo

Reflexão final

Este capítulo encontra-se dividido em três subcapítulos. São eles: considerações finais, limitações e novas pesquisas.

Nas considerações finais apresento uma análise sobre o relatório de estágio profissional e também sobre o percurso que realizei durante estes meses de estágio profissional.

Em relação ao segundo subcapítulo refiro as várias limitações que me foram surgindo ao longo do estágio, bem como durante a execução do relatório.

No último subcapítulo, novas pesquisas, menciono o que pretendo elaborar num futuro próximo, relacionado com a minha profissão.

Considerações finais

A unidade curricular chamada Estágio Profissional, foi fundamental durante o Mestrado em Educação Pré-Escolar, uma vez que permitiu uma aprendizagem e crescimento profissional constante.

Segundo Pires (2007) “a formação inicial é considerada como um momento de construção e competências que visam a preparação do educador para a realidade profissional.” (p.27) Este estágio foi um momento de autodescoberta, de desenvolvimento, de traçar objetivos, permitiu aprofundar saberes e uma troca de ideias com várias pessoas.

Formosinho (2001) descreve a prática pedagógica como “a componente curricular da formação de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável.” (p.50), daí a prática que realizei ir ao encontro desse objetivo.

Um dos fatores que mais contribuiu para a minha evolução foi a orientação da equipa de supervisão pedagógica, pois foram-me propostas algumas aulas em que fui posta à prova de forma a ganhar mais confiança e à vontade nas minhas práticas educativas. Ralha-Simões e Simões (1990 como citado em Galveias, 2008, p.13) afirmam que:

o processo de supervisão não se resume a uma mera modificação dos comportamentos ou à transmissão de conhecimentos, de procedimentos ou de atitudes, mas proporciona condições de desenvolvimento pessoal e implementa estratégias que conduzem a uma maior eficácia do professor através da ativação do seu desenvolvimento profissional.

As críticas construtivas e os momentos de reflexões que me foram dirigidos pelas Professoras Orientadoras da Prática do Ensino Supervisionado foram relevantes para a minha construção a nível profissional.

Em relação aos momentos de estágio profissional, todos eles foram importantes, contudo destaco a primeira e quarta secções. Foram os momentos de estágio que

mais me marcaram. O primeiro pelo fato de ser uma faixa etária que pessoalmente aprecio bastante e o quarto momento pelo fato de ser uma faixa etária onde envolve a aprendizagem da leitura e da escrita.

A realização deste relatório foi importante pelas reflexões elaboradas acerca das práticas educativas e ajudou-me a descobrir novas formas de concretizar o meu trabalho de modo a satisfazer as necessidades das crianças.

Limitações

Ao longo do meu período de estágio houve alguns aspetos que considerei limitativos.

Em primeiro lugar, saliento que nem sempre foi fácil encontrar sustentação teórica para determinadas categorias que tencionava explicar.

O facto de sermos muitas pessoas a requisitar os mesmos livros tornou a minha pesquisa complicada e também o fato de encontrar muitas vezes a biblioteca encerrada.

Por fim, tornou-se difícil conciliar a realização deste relatório com o estudo de outras unidades curriculares, com a realização e apresentação de trabalhos teóricos e ainda com a preparação de várias atividades para as crianças.

Novas pesquisas

Como boa educadora que pretendo ser, devo encontrar-me em constante atualização, tendo como objetivo a formação contínua.

No futuro gostaria de pesquisar mais acerca das necessidades educativas especiais para poder ensinar estas crianças através de estratégias específicas para as mesmas.

Outra pesquisa que gostaria de elaborar está relacionada com a literatura infantil, pois através da mesma podem desenvolver-se várias competências nas crianças como a imaginação e o gosto pela leitura.

Referências bibliográficas

Abrantes, P. (Ed.). (2002). *Reorganização curricular do ensino básico. Avaliação das aprendizagens. Das concepções às práticas*. Lisboa: Ministério da Educação.

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico*. Porto: ASA Editores, S.A.

Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância: actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.

Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores. Estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.

Alarcão, I. & Roldão, M. (2008). *Supervisão - um contexto e desenvolvimento profissional dos professores*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.

Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo – Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.

Alonso, L. & Roldão, M. C. (Ed.). (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra, Portugal: Edições Almedina.

Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativo*. Porto: Porto Editora.

Alves, M. P. C. (2002). A avaliação e o desenvolvimento profissional do professor. In Moreira, A. F. B. & Macedo E. F. (eds). *Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Porto: Porto Editora.

Antunes, C. (2005). *As inteligências múltiplas e os seus estímulos*. Porto: Edições Asa.

Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Azevedo, M. (2001). *Teses, relatórios e trabalhos escolares: sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.

Bartolomeis, F. (1999). *Avaliação e orientação: objectivos, instrumentos, métodos*. Lisboa: Horizonte.

Cadório, L. (2001). *O gosto pela leitura*. Lisboa: Livros Horizonte.

Caldeira, M.F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Carvalho, L. (2011). *Sussu e o grafismo*. Porto: Editora Educação Nacional.

Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social*. Lisboa: Areal Editores.

Castro, J. P. & Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, de 17 de outubro (Gestão do currículo da educação pré-escolar).

Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 11 de abril (Avaliação na educação pré-escolar).

Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança. Do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Cunha, A. C. (2008). *Ser professor – bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do professor.

Cunha, N. & Nascimento, S. (2005). *Brincando, aprendendo e desenvolvendo o pensamento matemático*. Petrópolis: Vozes.

Cury, A. (2006). *Pais brilhantes, professores fascinantes – como formar jovens felizes e inteligentes*. Cascais: Pergaminho.

Dacosta, L. (2002). Leitura e pedagogia do deslumbramento. In A. Mesquita (Ed.), *Pedagogias do imaginário*. Porto: Edições Asa.

Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R. & Silva, L. (2010). *Alicerces da matemática*. Porto: Areal Editores.

Dorance, S. (2004). *Actividades criativas na pré-escola*. Lisboa: Papa-Letras.

Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na educação. O papel dos professores* (1.ª ed.). Barcarena, Portugal: Editorial Presença.

Fernandes, P. P. (2005). *Concepções e práticas de literacia emergente em contexto de jardim-de-infância*. Tese de Doutoramento, Braga: Universidade do Minho.

Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto editora.

Figueiredo, M. A. R. (2004). *Projecto curricular no jardim de infância*. Lisboa: Bola de Neve.

Fisher, J. (2004). *A relação entre o planeamento e a avaliação*. In T. Vasconcelos (Ed.), *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editores.

Flores M. A. & Simão, A. M. (2009). (Org.). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspetivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo.

Formosinho, J. (2001). A formação prática de professores. Da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas. In B. Campos (2001). *Formação profissional de professores no ensino superior*. Porto: Porto Editora.

Galvão, C., Reis, P., Freire, A. & Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências*. Porto: Edições ASA.

Galveias, M. (2008). Prática pedagógica: cenário formação profissional. *Interações*, 8, pp. 6-17 Recuperado em 2012, julho 30, de <http://www.eses.pt/interaccoes>.

Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar*. Lisboa: Academia do Livro.

Hohmann, M. & Weikart, D.P. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ignácio, R. K. (2001). *Criança querida. O dia-a-dia das creches e jardim-de-infância*. São Paulo: Antroposófica.

Lamas, S. O. (2007). *Livro dos jogos educativos*. Porto: Legis Editora.

Lima, A. F. S. O. (2001). *Pré-escola e alfabetização. Uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget*. Brasil: Editora Vozes.

Lopes, J. A. (2006). *Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância*. Porto: ASA Editores S.A.

Luz, A. M. S. (2002). *A iniciação à Leitura e Escrita no Ensino Pré-escolar: Um estudo Avaliativo e Decisório*. Lisboa: inédito.

Magalhães, V. (2008). A promoção da leitura literária na infância: 'o mundo de verdura a não perder'. In Sousa, O. & Cardoso, A. (Eds.). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola da Educação de Lisboa.

Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Editorial Presença.

Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V. & Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental. Formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação, Coleção ensino experimental das ciências.

Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F. & Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a ciência: actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação, Coleção ensino experimental das ciências.

Mata, L. (2006). *Literacia familiar – Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.

Mendes, M. F. & Delgado, C. C. (2008). *Geometria: textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Ministério da Educação (2007). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pereira, J. D. I. & Lopes, M. S. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Portugal: intervenção – Associação para a promoção e divulgação cultural.

Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem de ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Peterson, R. & Felton-Collins, V. (1986). *Manual de Piaget para professores e pais. Crianças na idade da descoberta. A fase pré-escolar até ao 3.º ano*. Lisboa: Intituto Piaget.

Pires, C. M. (2007). *Educador de infância. Teorias e práticas*. Porto: Profedições.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de investigação em ciências sociais*. (2.ª ed.). Lisboa: Editora Gradiva.

Reis, M. P. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de La Educación.

Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Roldão, M. C. (2003). *Gestão do currículo e avaliação de competências. As questões dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Málaga. Departamento de didáctica da Língua e da Literatura da Faculdade de Ciências da educação.

Serrano, J. M. (2002). *Educação pelo movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Silveira-Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Málaga: Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educacion.

Sim-sim, I., Silva, A.C., & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância. Textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação – Direcção-Geral de inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Siraj-Blatford, I. (2004). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editora.

Spodek, B., & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – Uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Tuckman, B.W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Viana, F. L. & Teixeira, M. M. (2002). *Aprender a ler – Da aprendizagem informal à aprendizagem formal*. Porto: Edições ASA.

Wolfe, P. (2007). *Compreender o funcionamento do cérebro e a sua importância no processo de aprendizagem*. Porto: Porto Editora.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Zabalza, M. A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Anexos

Anexo A

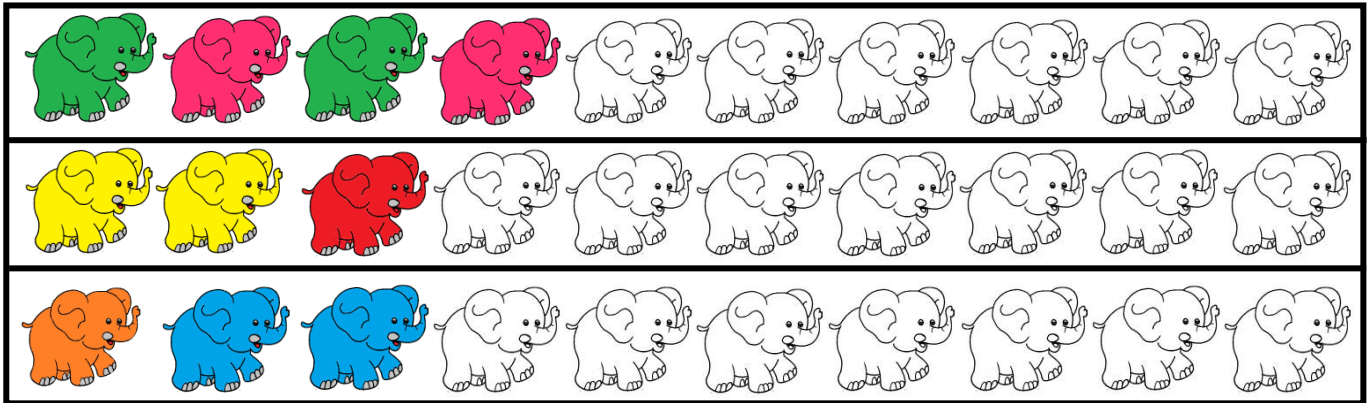
Atividade do domínio da Matemática

Jardim Escola João de Deus

Domínio da matemática

Bibe azul

1. – Realiza as sequências, pintando de acordo com o exemplo dado.



2. – No jardim zoológico o Bernardo viu 4 elefantes e 2 girafas e a Susana viu 5 elefantes.
Quantos elefantes viram no total?

Indicação

Operação

Nome: _____ Data: _____

Anexo B

Atividade do domínio da Linguagem Oral e
Abordagem à Escrita

Jardim Escola João de Deus
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita



1. – Lê e legenda corretamente a figura ao lado.

- gelo
- galo
- pulga



2. – Lê e copia a frase.

A tia bebe água com gelo.

2.1. – Ilustra-a de acordo com a frase.

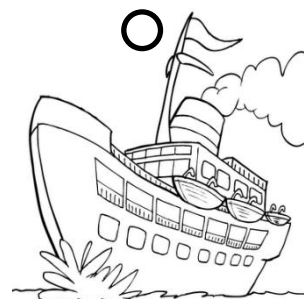
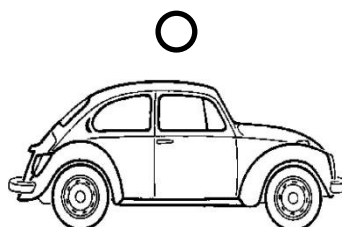
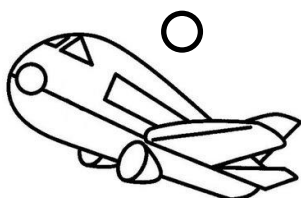
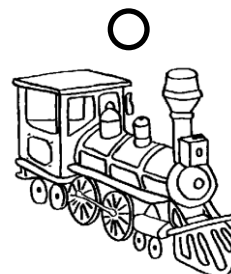
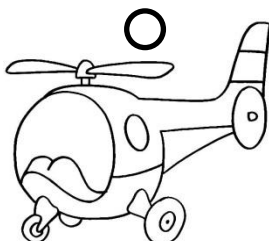
Nome: _____ Data: _____

Anexo C

Atividade da Área do Conhecimento do
Mundo

Jardim Escola João de Deus
Área do Conhecimento do Mundo

1. – Pinta os círculos dos transportes aquáticos a azul, a encarnado dos transportes terrestres e a verde dos transportes aéreos.



2. – Desenha um transporte terrestre a teu gosto.

A large, empty rounded rectangular box with a thick black border, intended for the student to draw their own land transport.

Nome: _____ Data: _____